



PUC RIO

Christine Machado Victorino

**"Morar só":
uma nova opção de vida**

Dissertação de Mestrado

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1998

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

denominación

N.Cham. 150 V646 TESE UC

Título Morar só



Ex.1 PUCB

0135592

Christine Machado Victorino

**“Morar só”:
uma nova opção de vida**

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

Christine Machado Victorino

**“Morar só”:
uma nova opção de vida**

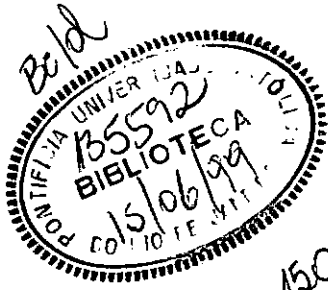
Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da PUC-Rio
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Ana Maria Nicolaci da Costa

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

92195



150
V646
TESE UC
EX. 1

Para minha mãe, que me acolheu e amparou durante todo o percurso deste trabalho:

"Obrigada, sem você talvez ele não se realizasse!"

Agradecimentos

A Ana Maria Nicolaci da Costa, orientadora que me conduziu nesse processo de produção científica, sempre me ensinando a difícil arte de escrever.

À minha família e, especialmente, às minhas sobrinhas Giovanna e Palloma, pelo apoio, paciência e compreensão por eu estar “sempre trabalhando”.

À turma 96. 01 do Mestrado em Psicologia, pela troca tão rica, pelo companheirismo, pelas reuniões tão marcantes e entusiasmadas e pelo apoio nas horas mais difíceis.

A Isabela Torres, Josete Torres, Claudia Guimarães, André Carvalho, Luiz Carlos Marinho, João Carlos Torrens e José Henrique Monteiro, pela troca de idéias, pela correção e pela contribuição tão valiosa na construção desta dissertação.

A Isabel Borges e Ernani Trotta pelo suporte nesta jornada da vida.

Aos meus amigos que me ouviram e acompanharam com carinho, interesse e tolerância.

Às mulheres entrevistadas que, com as suas participações, revelaram a riqueza desta pesquisa. Obrigada pela confiança e disponibilidade.

Ao Departamento de Psicologia da PUC, mestres e funcionários, que permitiram a minha formação enquanto aluna e mestre.

Aos órgãos financiadores desse trabalho: CAPES e CNPq.

“... da polivalência ao desmapeamento, há que constatar que tênues podem ser as fronteiras e turbulentos os caminhos”.

(Gilberto Velho, 1985: 177)

Resumo

O presente estudo trata de um novo comportamento, o "morar só", analisando a influência da dinâmica familiar para a emergência do desejo de morar sozinho. As transformações nas relações familiares e na sociedade somados ao individualismo acentuado foram destacados por deflagrarem processos de mudanças nos comportamentos, gerando novas demandas e expectativas, especialmente para as mulheres

Assim, as mulheres solteiras que moram sós foram observadas com minúcia através de um estudo de campo, onde foram realizadas dez entrevistas. Todas elas pertenciam à classe média carioca e saíram da casa de seus pais para morar sós. A faixa etária estudada variava de vinte e cinco a trinta e cinco anos.

Com base na fundamentação teórica e nos resultados da análise dos discursos das mulheres entrevistadas, foi possível concluir que morar só foi um movimento impulsionado pela relação familiar e pelo ideal individualista, presente em todos os discursos. No entanto, os valores e ideais, referentes ao novo estilo de vida, apresentam ambigüidades que trazem conflitos para o cotidiano. E, especialmente no que se refere aos futuros relacionamentos, os conflitos entre os ideais modernos e tradicionais puderam ser claramente observados. O desejo de manter a individualidade e preservar o espaço com autonomia e independência para administrar a vida pode ser incompatível com uma relação amorosa que tem demandas de dependência e preserva formas tradicionais de convívio.

Esta pesquisa buscou, então, compreender as motivações para morar só e de que forma as entrevistadas lidam com as relações afetivas e amorosas, com os conflitos que se apresentam no dia-a-dia e quais foram as implicações deste novo comportamento para a vida delas. A solidão foi uma questão presente e de fundamental importância para as entrevistadas e, com isso, foram observadas as soluções encontradas para vivê-la de forma positiva.

Abstract

This is a study about the emergence of a new behavior, "living alone", analyzing how family dynamics can influence the desire to live alone. Changes in family relations and in society, added to exacerbated individualism, have been highlighted since they have sparked the process of change in behavior, generating new demands and expectations, particularly for women.

Thus, single women who live alone were scrutinized in a field study in which ten interviews were conducted. All of the women are between ages 25 and 30 and belong to the middle class of Rio de Janeiro. They all left their parent's home to live alone.

Based on the theory and on the results of the analyses of these women's interviews it was possible to conclude that living alone was a movement brought on by family relationships and individualistic ideals. However, the values and ideals relating to the new lifestyle present ambiguities which create conflicts in day-to-day life. Particularly in the case of future relationships, conflicts between modern and traditional ideals were clearly observed. The desire to preserve one's individuality and one's personal space autonomously and independently may be incompatible with a relationship which demands dependence and preserves traditional forms of conviviality.

Therefore, this research tried to understand the motivations for living alone and the manner with which the interviewees deal with close relationships, with the conflicts of everyday life and the implications of this new behavior on their lives. Loneliness was a factor mentioned, one of fundamental importance to the women interviewed and, for this reason, solutions were found to help them deal with it in a positive way.

Palavras chave:

Morar só

Novos comportamentos

Mulheres

Família

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA FAMÍLIA	8
1.1 A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA NUCLEAR NO OCIDENTE	8
1.2 A FAMÍLIA BRASILEIRA	10
1.3 A MODERNIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS E OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES	13
1.4 A CRISE NA FAMÍLIA: UMA PONTE PARA AS MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO	22
1.5 O INDIVIDUALISMO E A FAMÍLIA BRASILEIRA	29
2 MORAR SÓ: O ESTUDO DE UM NOVO COMPORTAMENTO	38
2.1 SOLTEIROS	39
2.1.1 DIFERENTES TIPOS DE SOLTEIROS	40
2.1.1.1 MULHERES SOLTEIRAS	41
2.1.1.2 HOMENS SOLTEIROS	42
2.1.1.3 SOLTEIROS POR CONTINGÊNCIAS	43
2.1.1.4 SOLTEIROS POR OPÇÃO	44
2.1.2 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A SOLIDÃO	45
2.1.3 DEPENDÊNCIA X AUTONOMIA	48
2.2 AS MULHERES	51
2.2.1 AS MULHERES SÓS NO OCIDENTE	51
2.2.2 A MUDANÇA NO COMPORTAMENTO DAS MULHERES BRASILEIRAS	55
2.2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA PARA A FAMÍLIA E PARA AS RELAÇÕES AFETIVAS	57
2.3 NOVOS COMPORTAMENTOS	59
2.3.1 MORAR SÓ	60
2.3.2 MULHERES QUE MORAM SÓS	63
3 METODOLOGIA	67
3.1 CONSIDERAÇÕES	67
3.2 OBJETIVOS	68
3.3 SUJEITOS	70
3.4 PROCEDIMENTOS	73
3.5 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO	74
3.6 ENTREVISTAS	75
3.7 ANÁLISE DOS DADOS	78
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	80
4.1 PRIMEIRO MOMENTO - SAIR DA CASA DOS PAIS	81
4.1.1 MOTIVOS PARA MORAR SÓ	81
4.1.1.1 DIFICULDADES NA RELAÇÃO FAMILIAR	81
4.1.1.2 VIAGENS	86

II

4.1.2	OPORTUNIDADES PARA SAIR DA CASA DOS PAIS	88
4.1.3	REAÇÃO FAMILIAR	89
4.1.3.1	CONFLITOS.....	90
4.1.3.2	INCENTIVO	93
4.1.4	INDEPENDÊNCIA X DEPENDÊNCIA FAMILIAR.....	94
4.1.4.1	O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA	96
4.1.4.1.1	APOIO FINANCEIRO	98
4.1.5	A MUDANÇA NA RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS COM SUAS FAMÍLIAS.....	100
4.1.5.1	CONVÍVIO PRAZEROSO	101
4.1.5.2	O EXERCÍCIO DA INDEPENDÊNCIA FAMILIAR	103
4.2	SEGUNDO MOMENTO - A VIDA A SÓS.....	105
4.2.1	O SIGNIFICADO DA CASA	105
4.2.1.1	A ESCOLHA DA CASA	106
4.2.1.2	A MUDANÇA	107
4.2.1.3	A ARRUMAÇÃO DA CASA	109
4.2.2	OS SENTIMENTOS EXPERIMENTADOS PELAS ENTREVISTADAS NOS PRIMEIROS MOMENTOS MORANDO SÓS	112
4.2.2.1	SENTIMENTOS NEGATIVOS	113
4.2.2.2	SENTIMENTOS POSITIVOS.....	115
4.2.3	A ROTINA	117
4.2.3.1	O PLANEJAMENTO E A ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA DA CASA.....	118
4.2.3.2	A ADMINISTRAÇÃO DA CASA.....	119
4.2.3.3	A ALIMENTAÇÃO	125
4.2.4	VANTAGENS E DESVANTAGENS DE MORAR SÓ	127
4.2.4.1	VANTAGENS	127
4.2.4.1.1	A SOLIDÃO POSITIVA.....	130
4.2.4.2	DESVANTAGENS	131
4.2.4.3	O APRENDIZADO DA SOLIDÃO.....	134
4.2.5	RELAÇÕES AFETIVAS	138
4.2.5.1	RELAÇÕES DE AMIZADE	138
4.2.5.2	RELAÇÕES AMOROSAS	143
4.2.5.2.1	AS FUTURAS RELAÇÕES	148
4.2.6	AValiação (FEITA PELAS ENTREVISTADAS).....	150
4.2.6.1	MUDANÇAS EXTERNAS.....	151
4.2.6.2	MUDANÇAS INTERNAS.....	152
4.2.6.3	A OPÇÃO POR MORAR SÓ.....	153
4.2.6.3.1	A INFLUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA NESTA OPÇÃO.....	154
4.2.7	PLANOS PARA O FUTURO	155
4.2.7.1	CASAMENTO E FILHOS	155
4.2.7.2	UMA VIDA ESTÁVEL.....	159
4.2.8	HISTÓRIAS.....	161
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
6	CONCLUSÃO.....	166

7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
7.1	ARTIGOS DE REVISTAS.	181
7.2	ARTIGOS DE JORNAIS:	182
8	ANEXO	185

Introdução

O desejo de pesquisar este tema - morar só - surgiu por eu ter passado por esta experiência e me deparado com muitas questões para as quais não tinha respostas. Nas conversas entre pessoas que moravam sós era possível observar que os pontos em comum eram muitos. Em geral, discutiam-se: as vantagens e desvantagens de morar só, as dificuldades que se enfrentam no dia-a-dia, as reações de preconceito, inveja ou mesmo admiração das pessoas diante de uma mulher solteira que mora só, a necessidade de impor limites para as pessoas que freqüentam a casa, etc.

Assim, estabeleci um diálogo com o tema para que ele ganhasse contorno mais nítido. Como não encontrei, na literatura psicológica, material disponível especificamente sobre o "morar só", imaginei, inicialmente, utilizar contrapontos, ou seja: quem mora só, é ou está solteiro. Concentrei, então, meus esforços em estudar o material referente ao casamento, para ver se nele encontrava apoio para minhas indagações. Seguindo este caminho, outras perguntas se fizeram presentes e, entre elas, a seguinte: as pessoas que moram sós não desejam se casar? Talvez. Por quê não? Seria realmente o casamento um bom contraponto, ou melhor, um bom ponto de partida?

Cheguei à conclusão que não. Afinal, eu não desejava fazer do casamento um contraste com o morar só. Durante o período em que me dediquei à pesquisa, o pouco material que encontrei estava baseado em pessoas que moravam sozinhas porque não desejavam o casamento, mas este não era o universo que desejava pesquisar. Como já foi dito, a vontade de estudar este comportamento surgiu a partir de uma experiência particular: ao morar só, conheci várias pessoas que também o faziam. E, para todos nós, o casamento era uma possibilidade: não estávamos

morando sozinhos porque não desejávamos o casamento. Os motivos eram outros - então, por que morar só?

Estava diante de um novo comportamento e, para ele, não havia respostas nos livros. Onde buscá-las? Já que os solteiros saem da casa dos pais para morar sós, fui procurar estas respostas na família. Com o desenrolar do estudo, observando as transformações que nela ocorreram, surgiram outras referências para o “morar só”: a modernização da sociedade e o individualismo.

Para chegar ao “morar só”, no entanto, foi necessário entender outros novos comportamentos que a ele estavam vinculados, como, por exemplo, o fenômeno do aumento do número de solteiros, que pode ser uma consequência do prolongamento da adolescência, do casamento tardio, da opção por outro estilo de vida (o de ser solteiro), etc. Era preciso pensar em todas estas possibilidades.

O próximo passo seria definir com que amostra eu trabalharia, uma vez que não seria possível trabalhar com homens e mulheres ao mesmo tempo. A opção por uma amostra feminina se deu por, sendo eu mulher, ter mais intimidade com a problemática, do ponto de vista feminino. Gostaria de ressaltar que não há intenção de fazer um elogio ao feminismo: morar só está sendo adotado por homens e mulheres, inclusive, com maior intensidade, pelos homens. Também não há, por parte das mulheres entrevistadas, uma rejeição ao casamento ou aos relacionamentos amorosos.

Tendo definido que a amostra seria composta por mulheres, escolhi trabalhar com a faixa etária das jovens adultas. Analisando as informações disponíveis sobre este grupo de pessoas que moram sós, verifiquei que, apesar de este comportamento estar sendo cada vez mais adotado, os números ainda são reduzidos e os dados referentes a eles não são significativos. Como resposta ao pequeno número de jovens

adultos solteiros que moram sós, posso indicar o fator econômico como um empecilho a esta opção. Mas acredito que o fator central seja outro: o casamento ainda é a opção principal das pessoas na faixa etária estudada e são poucas as que têm disposição para enfrentar a solidão de uma vida a sós. Assim, os dados disponíveis apenas indicam a mudança de comportamento e o aumento do número de pessoas que moram sozinhas. A possibilidade de comparar o “morar só” no Brasil com o “morar só” em países europeus, por exemplo, é um indicativo claro de novas motivações influenciando esta decisão. Mas que motivações são estas?

Morar só pode ser definido como a opção por um estilo de vida mais livre, onde se exercita a autonomia e a independência. A possibilidade de viver de acordo com uma dinâmica própria, onde se estabelecem idiossincrasias, reafirma a resolução de morar só, apesar dos conflitos e problemas que dela decorrem.

Foi a partir dos anos 70, no Brasil, que o “morar só” tomou proporções significativas. A modernização e urbanização aceleradas da sociedade, a liberação da sexualidade e o “boom” da psicanálise foram os pontos altos, nesta época de mudanças tão marcantes na família. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho e o aprofundamento nos estudos levaram as mulheres a terem outras aspirações, além do casamento. As mulheres puderam se tornar autônomas e financeiramente independentes.

Os novos arranjos familiares, como por exemplo: famílias recombinações, famílias monoparentais, etc., e o desenvolvimento do ideal individualista levaram a transformações nos comportamentos. Nas sociedades individualistas, os sujeitos se percebem como únicos e singulares, dando ênfase aos próprios desejos.

Morar só está, então, relacionado ao desejo de fazer a própria vida e é fundamentado na história de vida de cada um. É uma escolha e uma “opção

individual”, baseada em parâmetros modernos, que pode causar muitos conflitos quando se defronta com questões tradicionais, como por exemplo, o casamento. Assim, tornou-se fundamental analisar os valores e as características presentes neste comportamento. O fato de as pessoas envolvidas neste projeto estarem imbuídas do ideal individualista faz com que apareçam as ambigüidades presentes neste. Como conciliar os diferentes valores?

Não há, porém, condições de desvendar completamente o “morar só”, uma vez que este ainda está tomando forma e contornos visíveis à sociedade. E, como já foi dito, este estudo abarca apenas os aspectos relacionados ao comportamento feminino, ficando para um momento posterior o estudo sob o ponto de vista masculino. Acredito ser de grande importância a observação e comparação entre os dois pontos de vista, quer dizer, o feminino e o masculino, para chegar de fato a uma conclusão mais precisa sobre os solteiros que moram sós.

O objetivo deste trabalho é compreender o que desencadeou o novo comportamento, ou seja, antes as mulheres apenas saíam da casa dos pais casadas e hoje saem para, entre outras coisas, morarem sós.

Diante da falta de material disponível, o trabalho de campo se tornou fundamental. Ele foi realizado através de 10 entrevistas semi-estruturadas com mulheres solteiras, cariocas, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, com idade variando entre 25 e 35 anos, pertencentes à classe média e que moram sós.

Como já foi anunciado, este universo pesquisado faz parte do meu cotidiano e da minha história pessoal. Pertencço à classe média e “morar só” tornou-se o comportamento “normal” adotado por pessoas do meu círculo de amizade. Desta forma, utilizei meus conhecimentos para reunir a amostra pesquisada.

Este tipo de entrevista (semi-estruturada), como será visto na seção de metodologia, consta de uma parte estruturada, para colher dados objetivos, e outra organizada no formato de um roteiro, constituído por itens. Com isso, foi possível abordar as categorias selecionadas previamente, utilizando o roteiro como um guia, durante a entrevista. Além disto, o sujeito entrevistado ficou livre para abordar outras questões, não previstas no roteiro.

A análise dos dados obtidos nas entrevistas tornou-se possível, tendo em vista a proposta metodológica da qual lancei mão - a análise do discurso. Através deste instrumento, o acesso a fantasias, motivações, conflitos e valores, entre outras questões, foi viabilizado, tomando claros aspectos obscuros, referentes aos discursos das entrevistadas.

Para apresentar os resultados da análise dos dados, foram utilizados os itens do roteiro, que se dividiram em sub-itens, conforme as categorias que emergiram dos discursos das mulheres entrevistadas.

No próximo capítulo estão descritas as transformações pelas quais passou a família e, em especial, a família brasileira. Percorri o caminho desde a formação da família nuclear até os dias de hoje, passando pela modernização da mesma e da sociedade que produziu os novos arranjos, o que, por sua vez, gerou novos comportamentos. Com isso, foram também observadas as crises e os conflitos instalados por estas transformações. Finalizando este capítulo, abri um espaço para abordar o individualismo, que foi um ideal presente em todo o percurso de modernização da família e também, creio eu, o responsável por novos comportamentos.

O terceiro capítulo faz referência aos novos comportamentos e, entre eles, estão os da vida de solteiro e as diversas razões existentes para o sujeito ser ou estar

solteiro. A solidão foi abordada como sendo um ponto de grande importância, pois pode gerar muitos conflitos e requer um aprendizado para lidar com ela. Da mesma forma, a dependência e a autonomia também tiveram destaque, pela importância que têm neste novo comportamento. Na verdade, uma pessoa pode estar solteira porque, entre outros motivos, ainda é dependente emocional e financeiramente da família. Já um solteiro que mora só pode ter feito esta opção para conquistar a autonomia em sua vida. Diante destas possibilidades, resolvi abrir um espaço para falar da autonomia, da dependência e da solidão, como uma tentativa de encontrar respostas para as perguntas que surgiram, em função deste comportamento. Seguindo adiante neste capítulo, investiguei particularmente o comportamento das mulheres, que experimentou inúmeras transformações, junto com a família, desde o século passado. As mudanças no comportamento das mulheres foram observadas para trazer esclarecimentos acerca de sua influência sobre a família e as relações afetivas. Ao fim deste capítulo, o “morar só” é abordado com todas as informações encontradas a respeito, destacando o comportamento das mulheres que moram sozinhas. São, no entanto, poucas e imprecisas as informações divulgadas sobre as jovens mulheres solteiras que moram sós e, por isso, ainda neste capítulo, ficaram muitas perguntas sem respostas.

O quarto capítulo teve como objetivo estruturar metodologicamente a pesquisa de campo que foi feita, no intuito de dar contornos a este comportamento, que ainda não foi estudado e compreendido de forma sistemática. Assim, nesse capítulo, estão descritos o objetivo da pesquisa e os procedimentos utilizados para: a seleção dos sujeitos, a construção do roteiro, o formato da entrevista e a análise dos dados. Ninguém melhor do que os próprios sujeitos que estão vivendo esta experiência para falar a respeito dela.

Este foi, então, o tema do quinto capítulo, que apresenta a análise dos dados colhidos nas entrevistas. É um capítulo bastante extenso, pois se estrutura de acordo com a análise do discurso das entrevistadas, passando por todas as categorias previamente selecionadas, mais as que surgiram no desenrolar das entrevistas, incluindo a transcrição de vários depoimentos. Por fim, a conclusão tenta responder às perguntas que permearam toda a pesquisa, relacionando o que foi observado nas entrevistas com a estrutura teórica descrita nos primeiros capítulos.

1 O Processo de Modernização da Família

1.1 A formação da família nuclear no Ocidente

Com o intuito de fornecer um histórico do processo de modernização da família no Ocidente, recorrerei a Ariès (1973, 1981 e 1987) para explicar a formação da família nuclear, do século XVII ao século XX.

No século XVII, a família, nos meios mais ricos da França, era uma realidade moral e social, ou seja, os interesses centravam-se na prosperidade, na manutenção do patrimônio e da honra do nome. O sentimento geral nas famílias mais ricas se inspirava nas antigas relações de linhagens e as famílias mais pobres quase não existiam sentimentalmente. Mas esta realidade aos poucos se transformou: a educação das crianças - que era feita através da aprendizagem, ou seja, garantida pela prática no convívio com os adultos - passa a ser, nas famílias mais ricas, cada vez mais fornecida pelas escolas, isolando as crianças e os jovens do mundo adulto.

Com isso, há uma aproximação entre a família e as crianças que, apesar de ainda se ausentarem de casa para freqüentar a escola, passavam menos tempo longe e eram acompanhadas de perto pelos pais.

Segundo Ariès (1973):

"O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola" (p. 232).

A escolarização das crianças mostrou os primeiros sinais de formação do sentimento familiar, mas isto ocorreu de forma muito lenta e inicialmente atingiu apenas uma pequena parcela da população infantil, que era constituída, em sua maioria, por meninos das camadas médias da hierarquia social. As meninas eram

praticamente excluídas deste universo, sendo ainda, na maior parte do tempo, educadas em casa ou em casas alheias pela prática e pelo costume, mais do que pelas escolas.

Ainda no século XVII, a família encontrava-se enredada em um emaranhado de relações, pois não havia distinção entre a vida privada e a vida social. A casa era o lugar onde as pessoas podiam se reunir. Desempenhava, assim, a função pública, onde se realizavam reuniões de negócios e as visitas chegavam inesperadamente, sem preocupação com a hora de partir. Une-se a isto o fato de que não havia separação entre os cômodos, levando adultos, crianças, criados e hóspedes a dividirem os mesmos quartos e leitos (ver: Ariès, 1981, 1987).

Progressivamente, a partir do século XVIII, a separação entre o espaço público e o privado passa a ser definida, consagrando o espaço interno da casa como particular. A especialização dos cômodos delimita uma possibilidade de privacidade também dentro de casa, instaurando a intimidade, a discrição e o isolamento da família em relação ao social. Era a modernização da casa e dos costumes, privilegiando a intimidade reduzida a pais e filhos, excluindo criados, clientes e amigos. A privatização do grupo familiar também contribuiu para o desenvolvimento do sentimento de família. Com a valorização deste, o grupo familiar passa a ser visto e vivido de forma diferente. Os laços de parentesco se constituem e as crianças passam a ocupar um lugar de destaque, sendo foco de preocupação com relação a seu desenvolvimento, saúde, educação e futuro. O estabelecimento da intimidade entre os pais e os filhos acarretou o fim da desigualdade entre as crianças que, antes, por questões de interesse financeiro, eram tratadas de forma diferenciada. Os pais acabavam por beneficiar um filho em detrimento dos outros. A preocupação com a igualdade entre os filhos é uma das marcas da família moderna (ver: Ariès 1981).

Em meados do século XIX, já se delineia então a família nuclear dominante no Ocidente, tal qual se conhece no século XX. Instituem-se papéis claros e distintos para cada membro da família: homem/mulher, adulto/criança, pai/mãe, etc. (ver: Ariès, 1987). A nuclearização da família, permitiu uma maior proximidade entre seus membros, envolvendo um alto grau de investimento afetivo.

1.2 A família brasileira

No Brasil, os senhores rurais criaram os primeiros núcleos de povoamento: a família colonial. A modernização da família ocorreu de forma progressiva, à medida que a cidade ia-se urbanizando.

Neste momento, o privado impunha-se ao público. A rua era muito pouco freqüentada e o limite da casa-grande era considerado como a fronteira do mundo. O pai, visto como o “chefe da família”, era a autoridade maior; seu desejo, uma Lei obedecida por todos. Ele acumulava as funções de chefe de empresa, marido e pai e dele dependia toda iniciativa econômica, cultural, social e sexual. O interesse comum a todos era expresso pelo desejo do pai, que preservava e protegia o patrimônio e a família.

A casa brasileira do século XIX produzia tudo o que era necessário para seu consumo interno: era auto-suficiente. Podiam-se encontrar casas de até doze quartos e a “sala de viver ou varanda” era construída no intuito de preservar o isolamento da família. O número de pessoas que circulavam era grande, incluindo muitos serviçais, para garantir a sua funcionalidade. Nessa época, não se contava com água encanada, nem esgoto, não havia conforto e o número de móveis era bastante restrito. Todos estes fatores contribuíram para a falta de um sentimento de intimidade ou privacidade familiar.

Segundo Costa (1979):

“A família tendeu a criar mecanismos de vinculação dos membros entre si, decisivos na sua organização emocional.

O primeiro foi a auto-referência. Os interesses do grupo e da propriedade excluíam a possibilidade de que os membros da família orientassem suas condutas, desejos e aspirações em função de outros parâmetros. Girando em torno da autopreservação, a família funcionava como um bloco compacto voltado exclusivamente para o clã. (...).

O segundo mecanismo de vinculação entre os membros da família colonial era a dependência do pai. O pai chefe do clã, concentrava funções militares, empresariais e afetivas, como exigia a estrutura social da Colônia” (p. 46 - 47).

Todos os tipos de vínculos afetivos, vontades e aspirações individuais eram desestimulados em função do interesse familiar. A família colonial era destituída de particularidades e a individualidade não era compatível com a solidariedade do grupo: o pai determinava o futuro e o desejo de seus dependentes.

A mulher também era submetida aos desejos do homem. Seu pai, irmãos, tios e marido detinham o poder e à mulher só restava obedecê-los. Ainda no século XIX, ela vivia enclausurada em casa, sendo também excluída do convívio com hóspedes ou visitantes. Todo o seu tempo, inclusive o ocioso, era dedicado aos cuidados com a casa e a família. Este enclausuramento era devido à função econômica da mulher: era ela quem deveria manter o patrimônio doméstico do homem. Somam-se a isto os constantes períodos de gestação e resguardos em épocas em que os métodos contraceptivos ainda não eram muito conhecidos. No caso das filhas, o isolamento devia-se à preocupação do patriarca em evitar o contato com possíveis pretendentes indesejáveis.

Porém, devido à aceleração do processo de urbanização e do desenvolvimento industrial, várias mudanças foram impostas às famílias pelo Estado, através da intervenção médico-estatal. Tais mudanças foram feitas em nome dos direitos do

homem e com o objetivo de defender a saúde física e moral das famílias (ver: Costa, 1979).

Uma grande mudança ocorreu na transformação da arquitetura da casa, à medida em que a obtenção de água encanada e esgoto possibilitou a dispensa de um grande número de serviçais. A consequência foi a aproximação física dos membros da família, que influenciou o surgimento da intimidade familiar. Pais e filhos começam a valorizar o convívio íntimo e abandonam a companhia de estranhos que porventura circulassem pela casa.

Esta interferência médico-estatal não se restringiu à arquitetura da casa: sua maior influência deu-se no campo das relações entre os membros da família, valorizando o sentimento familiar, e na sua relação com o social. Várias alterações foram ocorrendo: em um primeiro momento, era urgente que a família deixasse de se enclausurar, principalmente as mulheres. Para tanto, foi incentivado o contato social. Em um segundo momento, este contato já não era visto com bons olhos, pois tinha se tornado excessivo. Então, sempre em nome da saúde e dos bons costumes, a medicina interferia na relação familiar, privilegiando um ou outro aspecto, de acordo com os interesses do Estado. Esta interferência levou a família a criar valores de classe, corpo, raça e noções de individualismo característicos do Estado burguês (ver: Costa, 1979).

Nesta nova família, os filhos passaram a ocupar um lugar privilegiado, reforçando a coesão familiar. O interesse dos pais centrou-se, então, no desenvolvimento físico, emocional e moral dos filhos, levando em consideração as diferenças e particularidades de cada um. Nesse momento, a valorização do indivíduo e a sua história pessoal determinava o seu destino de adulto, física, emocional e moralmente saudável. Os pais, então, passaram a tomar consciência da própria

individualidade e da individualidade de cada filho, discriminando os papéis e delegando responsabilidades de acordo com a idade e o sexo.

No momento em que a família abre-se para o social, aumentam os contatos fora dela e uma das consequências é que os valores se alteram, permitindo uma livre escolha amorosa. O casamento passa a ser uma escolha individual, responsabilidade de cada um, baseada em laços de amor e em um projeto conjugal. Muitos interesses estavam em jogo nesta escolha e isto acabou por ampliar a expressão das particularidades e aumentar a autonomia dos desejos de cada um, levando os indivíduos a diferenciarem-se do grupo familiar.

A maior beneficiária desta situação foi a mulher que, no momento em que há um enfraquecimento do poder paterno e todos os membros da família são impelidos a se individualizarem, aproveita-se da ocasião para reivindicar o poder e a autonomia que nunca teve na família. Hoje a valorização de cada um como indivíduo tornou-se o ideal nas relações familiares.

1.3 A modernização das famílias e os novos arranjos familiares

Observando o processo de modernização da família, foi possível perceber que este tomou um novo impulso no século XX, levando a família a sofrer, mais uma vez, inúmeras transformações. Porém, até meados do século XX, a família manteve os seus moldes tradicionais - nos setores médios da sociedade brasileira, até a década de 50, era a família nuclear tradicional que prevalecia.

No modelo de família tradicional o casamento é indissolúvel e há uma forte segregação de papéis. O homem é o “chefe da família”, detentor da autoridade máxima e hierarquicamente “superior” à mulher. Cabe a ele trabalhar e sustentar a família, tendo o privilégio da dupla moral sexual, ou seja, ao homem eram permitidas

todas as formas de transgressão. Com relação à mulher, seu dever é o de administrar o lar e a família, ficando restrita ao espaço doméstico, defendendo a honra da família, mantendo-se fiel ao marido, obedecendo às suas ordens e evitando os desvios de comportamento (ver: Figueira, 1986).

No que diz respeito aos filhos, há também uma hierarquia a ser respeitada. Os pais é que sabem o que é certo e errado, o que deve ou não pode ser feito. O pai detém o poder e deve ser respeitado acima de qualquer coisa, cabendo a ele mostrar seu poder através do exercício da disciplina. Porém, é a mãe quem cuida dos filhos e os educa, sendo também respeitada, mas não temida como o pai. Existem, na família, regras, valores e ideais de conduta que precisam ser seguidos e respeitados.

No entanto, com as constantes modificações que as grandes cidades do Brasil vêm sofrendo, desde a década de 30, a família se vê diante de fortes influências externas que interferem em seu cotidiano. A família nuclear, antes protegida pela intimidade e pelo afeto reduzido a pais e filhos, abre-se para o convívio social e adquire uma pluralidade de sistemas, normas e valores. Com isso, fica possibilitado o surgimento de diferentes formas de relacionamentos e comportamentos. A função (antes destinada à família) de cuidar da educação e da saúde dos filhos, é dividida com a escola, onde se encontram grupos homogêneos que interagem entre si, como uma extensão da família nuclear. Desta forma, são estabelecidos vínculos fora da família.

A partir da década de 60, já se percebe a mudança na relação do casal¹, que exalta o prazer sexual e a igualdade entre os sexos, enfatizando também o

1 - Esta pesquisa centra a atenção no comportamento de famílias pertencentes à classe média e moradoras da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

companheirismo, a amizade e o apoio afetivo. Passa a haver, então, um novo parâmetro na escolha amorosa.

A mulher não deseja mais posar de virgem inocente, nem se dedicar exclusivamente à família, passando a buscar seu próprio caminho. E o homem deixou de ser o “senhor do lar” para se tornar pai e marido, ajudando nas tarefas domésticas (ver: Almeida, 1996; Lo Bianco, 1985; Nicolaci-da-costa, 1994 b; Nolasco, 1988, 1995).

Estas alterações levaram os casais a repensarem a relação afetiva e os papéis tradicionalmente ocupados pelo homem e pela mulher, buscando com isso uma relação de afeto sincero. Não se deposita mais a responsabilidade da felicidade no sucesso do casamento, nem se exalta mais o isolamento do casal, que mantém preservada a sua intimidade, mas passa a procurar a companhia de outros casais. Neste novo modelo, cada um dos cônjuges reivindica a sua privacidade (ver: Nolasco, 1995).

A família permanece unida pela identificação de idéias e sentimentos entre seus membros, reforçando a interação pessoal. A amizade passa a ser a tônica da família, que deixa de impor sua autoridade sobre os filhos e passa a se “relacionar” com eles. Os filhos são tratados como “amigos”, como iguais, procurando-se encaminhá-los para uma vida independente, onde se associem a outros grupos, valorizando a autonomia, respeitando as diferenças e confirmando sua identidade. Desta forma, se possibilita o desenvolvimento da auto-estima e da individualidade.

O relacionamento entre pais e filhos passa a ser pautado no diálogo, privilegiando o relacionamento aberto e franco. Os assuntos são discutidos com os filhos, redefinindo valores e trocando experiências de vida. Abre-se, com isso, a

possibilidade de um intenso questionamento, por parte dos filhos, do autoritarismo e da coerção nas relações familiares (ver: Santos, 1982; Salem, 1986).

Tudo o que ocorre na família é negociado. A avaliação do certo e do errado, do permitido e do proibido tomam novos contornos, aumentando a sua complexidade e orientando-se de acordo com cada situação.

Estas transformações na família se intensificam na década de 60, com a legalização do divórcio, a emancipação feminina (e a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho), o advento da pílula anticoncepcional e a diminuição da taxa de natalidade (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994 b).

Segundo Santos (1982):

“(...) Os signos dessa transformação são a igualdade de direitos e deveres, a equivalência a nível de trabalho, a contribuição equilibrada para o orçamento do casal, a divisão das tarefas domésticas das responsabilidades pelo cuidado e educação dos filhos, etc. (...)” (p. 113 - 114).

Porém, sabe-se que nem sempre as coisas se dão neste sentido. Ainda existe muita discriminação no que tange à remuneração salarial feminina, levando as mulheres a receber um salário menor do que o dos homens na maior parte do tempo. Desta forma, diminuem as chances de equiparação na contribuição do orçamento doméstico.

Ainda assim, cada vez mais, as mulheres estão ocupando posições no mercado de trabalho, dividindo com os homens as responsabilidades domésticas e, com isso, reorganizando a dinâmica familiar tão característica da família patriarcal, onde os papéis sociais tinham tanto peso.

Como um exemplo de mudança de papéis sociais, posso destacar a maternidade, que hoje é vista como uma forma de realização pessoal, uma opção, um

amadurecimento da relação, não sendo mais encarada como uma obrigatoriedade. Deixa de ser função e responsabilidade exclusiva da mulher e passa a ser compartilhada pelo casal, que rompe com papéis tradicionalmente delimitados. Assim, passa a haver uma nova organização familiar, onde o pai torna-se figura tão importante quanto a mãe durante o período de gestação e após o parto, nos cuidados com o filho (ver: Almeida, 1986; Salem, 1985).

Desta forma, a mulher torna-se disponível para vivenciar outros papéis, diferentes daquele a que estava submetida, o da maternidade. Pode, com isso, investir numa profissão ou, mesmo que não exerça nenhuma atividade remunerada, busca a autonomia e a independência para a sua vida (ver: Lo Bianco, 1985).

Segundo Lo Bianco (1985):

“Pode-se, então, falar da existência de papéis disponíveis para a mulher que não se limitam exclusivamente à maternidade. Esta deixa de ser investida com a tonalidade particular de antes” (p. 97).

Ao deixar de privilegiar os papéis sociais, conferindo mais autonomia à mulher, a família nuclear brasileira, tão predominante até então, experimenta uma grande transformação. Enfatizam-se questões que dizem respeito a formações de identidade, que estruturam a subjetividade do indivíduo (ver: Salles, 1994). E, além disto, a família nuclear passa a conviver com novos arranjos familiares, que podem ser melhor observados nas últimas décadas, quando o índice de divórcios toma proporções significativas, alterando na mesma proporção a estrutura familiar (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994 b).

Figueira (1986) observa com o olhar de um psicanalista, a modernização da família e da sociedade e destaca que a transformação da família nuclear tradicional (ou hierárquica) em família igualitária (ou moderna) ocorreu de forma muito acelerada,

como consequência da modernização da sociedade. O resultado é que não houve uma transformação, de fato, o que acabou por gerar sujeitos que ora se comportam de forma moderna, ora de forma tradicional (ou arcaica). Ora, ainda, os dois comportamentos se confundem, ficando evidentes em momentos de conflito. Isto é, os modelos de família, comportamentos e identidades se modernizam, mas as famílias e os indivíduos não se transformam na mesma velocidade, ainda guardam muito do modelo tradicional. As mudanças rápidas só ocorrem na superfície e o novo e o tradicional convivem juntos no sujeito.

O autor descreve dois tipos de ideais de família: a tradicional e a igualitária, porém estes são apenas modelos a serem seguidos ou transgredidos.

Segundo Figueira, o ideal de família tradicional é aquele que define claramente os papéis que cada um deve ocupar na dinâmica familiar: a identidade é *posicional*. Os códigos e as regras de “certo” e “errado” são estabelecidas como forma de evitar os “desvios” de comportamento. Uma autoridade externa determina o que o sujeito deve ou não fazer, determina qual é o comportamento a ser seguido. Esta autoridade é aos poucos interiorizada, procurando manter a ordem estabelecida pela família tradicional.

O ideal de família igualitária tem como marca a individualidade; a identidade é *idiossincrática*. Neste caso, os sujeitos “se percebem como *diferentes pessoal e idiossincraticamente*, mas como *iguais* porque *indivíduos*” (ver: Figueira, 1986: 16).

A família igualitária tem no culto ao individualismo o eixo principal, a *idéia de ligação*² do contexto brasileiro na contemporaneidade. Na família igualitária, as regras de certo e errado desaparecem, oferecendo então uma pluralidade de escolhas que apenas serão limitadas pelo respeito à individualidade do outro. O sujeito age de acordo com parâmetros internos de desejo e liberdade de escolha. Ou seja, decide ele mesmo qual o melhor caminho a seguir.

Figueira descreve a modernização da família brasileira, inserida em um contexto gerador de conflitos e contradições de papéis e de identidades (modernas e tradicionais). O autor desenvolve a *idéia de modernização reativa* para explicar estes conflitos. A modernização reativa significa que os conteúdos dos comportamentos se modernizam, como, por exemplo, a violação da virgindade, que deixa de ser proibida, mas o mecanismo utilizado para defini-los continua arcaico. Neste caso, quem ainda é virgem passa a ser visto como *desviante*.

A convivência, em um mesmo estrato social caracterizado por diversas práticas e estilos de vida vinculados a modelos tradicionais ou modernos, produziu algumas mudanças significativas em relação ao casamento. Como, por exemplo, a substituição do casamento tradicional por sucessivos casamentos monogâmicos, a coabitação, casamento em casas separadas, casamento realizado em idade mais avançada, etc.

2 - Conforme afirma Figueira (1986: 19): "O exemplo mais comum é a des-diferenciação entre as categorias homem/mulher e adulto (pais)/ criança (filhos): essas categorias deixam de ser percebidas como intrinsecamente diferentes através da *idéia de ligação* 'indivíduo' (isto é, homem, mulher, pais e filhos são todos indivíduos, que se relacionam a partir do ideal da igualdade e do respeito)".

Observando as organizações familiares, pode-se perceber que estas também sofreram alterações, que parecem ser decorrentes das transformações apontadas acima. O que se destaca são organizações familiares compostas por diferentes arranjos e, apenas para dar alguns exemplos, cito: as famílias recombinaadas, famílias monoparentais (quer dizer, filhos morando apenas com um dos pais), casais sem filhos, adiamento do momento da concepção dos filhos, limite do número de filhos por casal, indivíduos morando juntos sem qualquer vínculo de parentesco e indivíduos morando sozinhos³.

Berquó (1989 b) faz um levantamento estatístico da situação dos novos arranjos familiares no Brasil e constata que o aumento nas taxas de divórcio é um dos fatores de crescimento das famílias monoparentais. A preferência pela união consensual (coabitação) e o crescimento de nascimentos fora do casamento também são fatores responsáveis pelas transformações nas organizações familiares. Famílias nucleares ainda são a composição básica da maioria das famílias, porém, com a sua modernização surgem, cada vez mais, diferentes arranjos familiares, diversidades de laços de parentesco.

O resultado de suas pesquisas aponta para uma correlação entre as transformações pelas quais vêm passando as famílias e a industrialização e urbanização acelerada das grandes cidades do Brasil (ver: Berquó, 1989 b).

Segundo a autora:

"A queda acentuada da fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberação sexual, a

3 - Segundo Bruschini (1989: 9): "No Censo brasileiro, a definição de unidade familiar considera também o parentesco, desde que circunscrito ao âmbito da residência comum. A família, no Censo, é o 'conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica, que vivem no mesmo domicílio, ou pessoa que vive só, em domicílio particular'. É também considerada 'família' todo 'conjunto de, no máximo, 5 pessoas vivendo em domicílio particular, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica.' (Fundação IBGE, 1980, p. XXV)".

fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc., são tendências que vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família" (p. 1).

Observando a dinâmica familiar nas camadas médias da sociedade carioca, nas últimas décadas, é possível perceber as diferenças de estilos de vida entre as gerações. Com relação à geração mais velha, esta foi criada para constituir uma família onde a identidade masculina era estruturada pelo trabalho, inserindo-se na vida social. E a identidade feminina era construída na vida doméstica, através do casamento, da maternidade e da dedicação aos membros da família. Para esta geração o casamento tradicional era a norma (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994 b).

A adolescência desta geração foi marcada pela rebeldia, a transgressão, o desligamento da família e o ideal de liberdade. Os jovens na década de 60 enfrentavam claramente a autoridade parental numa tentativa de desconstruir crenças e valores. O rompimento com a vida familiar conduziu estes jovens à inserção no mundo adulto.

De acordo com Leitão (1996): "Ser independente dos pais era uma questão premente que empurrava os jovens para a sua inserção na sociedade" (p. 25).

No que diz respeito aos jovens da geração atual, constata-se um alargamento do período da adolescência, onde se privilegia a educação escolar e a formação profissional. O projeto familiar investe no futuro dos jovens. A conquista de espaço e de liberdade na casa dos pais incentiva a dependência emocional e financeira dos filhos, protelando a inserção no mundo adulto (ver: Leitão, 1996).

Diante da falta de normas e condutas pré-estabelecidas para conduzir suas vidas e de posse de tanta autonomia, não há do que se libertar. Quer dizer, os jovens

da década de 90 não têm a que se opor ou por que buscar liberdade, uma vez que esta já lhes foi oferecida pelos próprios pais (Ibid.).

De acordo com uma pesquisa realizada por Nicolaci-da-Costa (1994 b) com jovens de vinte anos, sobre seus ideais de casamento, a forma de união homem/mulher é encarada por eles de maneira bastante diversa, isto é, não há um modelo a ser seguido. O que importa é uma relação a dois que seja sincera, que tenha amor, companheirismo e amizade. Para isso, podem optar pelo casamento formal, pela coabitação ou por qualquer outra forma de união. Neste ponto não há um consenso entre eles. Em comum, existe apenas o desejo de se manter a individualidade.

1.4 A crise na família: uma ponte para as mudanças de comportamento

No Brasil, desde a década de 60, a família vem passando por uma acentuada crise, instaurada, entre outros motivos, pelo divórcio, pelo movimento feminista e pela liberação sexual.

Como já apontei anteriormente, os jovens, durante as décadas de 60 e 70, buscaram a independência e o desligamento da família. A juventude se revoltou contra o autoritarismo da família, enfrentando-a como um inimigo que precisava ser detido, atacando antigos valores que não faziam mais sentido, gerando, a partir daí, uma revolução nos comportamentos e na moral. Como resultado deste processo, a família autoritária sofreu um abalo durante a fase de liberalismo da sociedade burguesa, levando a uma decadência de suas bases tradicionais.

Com isso, os jovens partiram para a aquisição de ideais mais “modernos”, para a busca de novas formas de relação para suas vidas. Porém, ao mesmo tempo,

tentaram conciliar ideais de vida, modernos e tradicionais, que nem sempre são harmônicos entre si (ver: Figueira, 1986).

Segundo Nicolaci-da-Costa (1985), dentre os valores questionados, na década de 70, os referentes ao casamento e à relação homem/mulher estavam entre os mais recorrentes. E, de acordo com a autora, algumas questões foram palco de inúmeros questionamentos, como por exemplo: "... virgindade, segregação de papéis, código moral assimétrico, religião, gravidez imediatamente após o casamento, etc." (p. 163).

Mas, quando estes sujeitos se inserem na instituição familiar, desenvolvem um novo modelo de casamento. Neste modelo, alguns aspectos do ideal de casamento dos pais são mantidos paralelos aos novos ideais, mais modernos e recentemente adquiridos. Para Nicolaci-da-Costa (1985): "Outros aspectos do sistema simbólico internalizado durante sua socialização primária como o ideal de casamento monogâmico e 'eterno', não são alvo de questionamentos sistemáticos" (p. 163). A consequência é a geração de um novo conjunto de representações acerca da participação destes sujeitos na ordem conjugal e familiar.

Este novo conjunto de representações abre espaço para os conflitos e as crises se instaurarem, por sua difícil atualização e administração na sociedade atual e por oposição entre suas diferentes representações, isto é, entre as formas tradicionais e abstratas (inconscientes e ausentes da sociedade) e as formas modernas e concretas (conscientes e presentes na sociedade). Passa a haver, com isso, uma descontinuidade no conjunto de valores, crenças, hábitos e expectativas dos sujeitos - uma descontinuidade entre os aspectos preservados e os adquiridos.

Esta descontinuidade é tratada por Nicolaci-da-Costa (1987) com as seguintes definições:

"(...) descontinuidade socializatória, ou seja, a internalização pelo sujeito de diferentes sistemas simbólicos em diferentes momentos de sua biografia" (p. 60).

Ou ainda:

"(...) redefinirei o processo de descontinuidade socializatória como: o conflito que ocorre dentro do sujeito, entre suas *representações primitivas de inserção no mundo adulto*, cujas raízes se encontram no sistema simbólico internalizado durante o processo de socialização primária, e suas *representações mais recentes e concretas de participação no real na reprodução da ordem social*, oriundas de sistemas simbólicos internalizados através de socializações secundárias" (p. 67).

A consequência da descontinuidade socializatória é o desmapeamento e isto não significa, como pode parecer, uma ausência de mapas. Na realidade, significa a presença (em níveis diferentes de consciência), de conjuntos de valores diversos, contraditórios e relativamente dissociados dentro do sujeito (ver: Figueira, 1986).

Esta descontinuidade persiste ainda na década de 80 e segue adiante nos anos 90, ficando evidenciada pelas sucessivas "crises" atravessadas pela família ou pelos casais. Existem muitas resistências com relação às mudanças, e decidir-se pelo modelo mais tradicional ou pelo mais moderno continua sendo o núcleo desencadeador destas crises.

Segundo Figueira (1991): "(...). Agora o que se percebe é que as pessoas oscilam entre os modelos mais tradicionais e os mais modernos e não parecem satisfeitas com nenhum. Estamos em pleno reino da desorientação" (p. 208 - 209).

Mas, hoje, os valores questionados são outros e os hábitos e as expectativas dos sujeitos também se transformaram. A igualdade de direitos, para o homem e para

a mulher, ainda está entre os valores mais questionados, sendo que, agora, está vinculada ao discurso individualista (ver: Magalhães, 1993).

A dupla jornada de trabalho feminino pode ser citada como um exemplo de mudança de comportamento, mas que ainda gera questionamentos. A mulher se emancipou, entrou no mercado de trabalho, porém, continuou tendo que trabalhar em casa, sem contar com o auxílio do marido para a realização das tarefas domésticas.

Mas, apesar de os papéis socialmente definidos para o homem e a mulher continuarem resistindo às mudanças, os resultados destes questionamentos já podem ser observados. Lentamente algumas mudanças vêm ocorrendo; dentre estas estão a valorização do individualismo, a contribuição feminina no orçamento familiar, a divisão do trabalho doméstico, etc.

Observando estas mudanças, percebe-se que estes sujeitos sofrem a interferência dos meios de comunicação, que invadem as residências, difundindo ideologias e comportamentos que, às vezes, entram em conflito com os já existentes. Mas a família depende das relações sociais, sendo cada vez mais influenciada pela modernização e pelo desenvolvimento da civilização. A influência da mudança cultural na família resulta em mudanças nos processos de formação de subjetividade, quer dizer, atua diretamente na estruturação da subjetividade das pessoas.

O que se observa é que a família vem, há já algum tempo, atravessando um período de transição. Ou seja, há uma instabilidade na família moderna.

Os jovens, citados anteriormente, que enfrentaram suas famílias numa tentativa de se libertarem do autoritarismo, buscando novas formas de relação com ideais de vida mais modernos, atingem a maturidade. Inserem-se na sociedade, constroem suas famílias e deparam-se com dificuldades na administração das relações entre marido e mulher, pais e filhos.

Questões como o afrouxamento dos laços conjugais, a perda da autoridade dos pais, a igualdade de condições para todos os membros da família, etc., levaram a lugares onde não há regras de convivência. Instaura-se a guerra entre as gerações, mas uma guerra sem confrontos diretos. Parece que se instalou um impasse: os pais reclamam que a independência dos filhos limita a sua liberdade e os filhos sentem-se abandonados pelos pais (ver: Costa, 1979).

Os pais direcionam, então, seus olhares para a orientação de profissionais especializados, por sentirem a necessidade de serem informados, ajudados e aconselhados na educação e no bem-estar de seus filhos e na resolução dos conflitos familiares. Deixam de confiar em seu próprio julgamento, tornam-se inseguros e desorientados. Convivem com dúvidas que são geradas pela dificuldade da família em lidar com os conflitos e pelas informações de especialistas que lhes lembram o tempo todo das conseqüências de seus atos na vida de seus filhos. Para exemplificar, destaco frases como:

"(...) Palavras 'proferidas em um momento de irreflexão ou de raiva' podem 'destruir a confiança da criança'; reclamações podem causar problemas que 'duram anos'; a incapacidade de dar amor e segurança à criança pode provocar 'danos irreparáveis'. (...)" (ver: Lasch, 1991: 220).

Este é um fenômeno que ocorre nas sociedades ocidentais em geral e não apenas no Brasil e de acordo com Lash (1991), que fez este estudo nos países do Ocidente, a falta de confiança dos pais acaba por gerar um distanciamento entre as duas gerações, onde os vínculos são enfraquecidos e os pais são vistos pelos filhos como hesitantes, fracos, indiferentes e permissivos. Em princípio, este distanciamento parece facilitar a ruptura entre os pais e os filhos, suavizando a passagem da infância para a maturidade. O rompimento ocorre de modo lento e tranquilo, aparentemente sem conflitos explícitos entre as gerações. Mas isso não elimina o foco de velhos

conflitos, que sobrevivem e tornam-se mais intensos justamente em função da acelerada mudança social, que reduz a convivência familiar e impede as manifestações dos confrontos. Este distanciamento não permite que as idéias e os desejos sejam testados e confrontados com a experiência cotidiana (Ibid.).

Existem diversas formas de vivenciar os momentos de crise e conflitos. Uma delas é a evitação do problema. E outra, bastante comum, é a busca da terapia. A família apoia-se na intervenção psicológica como uma tentativa de encontrar soluções para seus problemas e angústias, conhecendo novos métodos de educação, regras de relacionamento conjugal, etc.

As noções de psicologia e, em especial, da psicanálise se difundem nos grandes centros urbanos da sociedade brasileira, ainda na década de 60 e 70. Pode-se falar em uma cultura psicanalítica ou em psicologização da sociedade quando grupos específicos assumem novas formas de comportamento, passando a conduzir e embasar suas escolhas e estilos de vida em função de normas e valores oriundos da psicanálise.

Desde então, as camadas médias da sociedade carioca, pessoas de vanguarda, segmentos sociais intelectualizados, foram os que mais estiveram expostos ao processo de psicologização, que produziu significativas alterações em suas famílias (ver: Velho, 1985). Dentre esta população, o “boom” da psicanálise motivou intensamente as mulheres, no movimento de uma libertação da opressão social em que se encontravam enredadas.

As mudanças e as transformações nos papéis sociais, as reformulações nos comportamentos tradicionais também sofreram influência do processo de psicologização da sociedade em interação com fatores como a cultura, a linguagem e a ideologia, modernizando a família (ver: Lo Bianco, 1985).

Mas, em momento algum, a família perde a sua importância, o seu lugar na vida dos sujeitos. O que ocorre é uma grande transformação em suas bases. Na realidade, coexistem inúmeras formas de organização familiar, ordenadas de acordo com estilos de vida, modernos ou tradicionais.

De acordo com a definição de Bruschini (1989):

"(...) a família é também um grupo social composto de indivíduos diferenciados por sexo e por idade, que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções: ela é um conjunto heterogêneo de seres com sua própria individualidade e personalidade. A sexualidade, a reprodução, a socialização são esferas potencialmente geradoras tanto de relações prazerosas quanto conflitivas. A divisão interna de papéis pode ser a expressão de importantes relações de dominação e submissão, na medida em que configura uma distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo" (p. 13).

Mas a família também tem o seu lugar como agente ativo. Promove mudanças sociais através de transformações que ocorrem em seu interior, adaptando seus membros às novas situações e condições econômicas e sociais de vida. A família, na verdade, é um grupo de indivíduos que se relacionam de forma dinâmica, estabelecendo relações de afeto e de conflito, onde se produzem valores, hábitos e padrões de comportamento.

E é justamente nestas relações da família com o social que emerge o mal-estar - no confronto ou na transição entre a tradição e as modernas transformações.

Com tudo o que foi dito, percebo que a transformação na estrutura familiar conduziu (e ainda conduz, em alguns momentos), os sujeitos a reavaliarem suas escolhas, valores e condutas a partir das quais serão gerados os novos comportamentos.

Inserindo o “morar só” como um recorte dos novos comportamentos, já que, no Brasil, é um fato novo, pergunto: será que a transformação na estrutura familiar conduziu a este novo comportamento?

1.5 O individualismo e a família brasileira

A análise da formação da família nuclear, desde o século XVII, no Ocidente, permitiu observar o delinear do processo de individualização pelos quais passavam indivíduo e sociedade. Uma vez que o indivíduo tem um lugar importante nesta pesquisa, descreverei um pouco do percurso pelo qual ocorreu este processo.

Segundo Simmel (1950), o século XVIII, no Ocidente, foi marcado pelo ideal de liberalismo. O autor faz uma análise da vida nas metrópoles (sociedades ocidentais) e indica que o indivíduo encontrava-se, naquele momento, preso a vínculos de caráter político, agrário e religioso que restringia sua liberdade de movimento, em todas as relações sociais e intelectuais. O indivíduo, nessa situação, clamava por liberdade e igualdade, numa tentativa de libertar-se de vínculos históricos que promoviam a desigualdade entre os homens. Uma liberdade que se colocava no nível da sociedade.

Ainda de acordo com Simmel (1950), o século XIX aparece marcado por outro tipo de ideal. A convivência com a acelerada modernização da metrópole e a expansão do círculo social acaba por impulsionar homens e mulheres para uma existência mais individual. Isto é, em sua luta pela sobrevivência, os indivíduos desejam distinguir-se uns dos outros, passando a guiar sua vida rumo à especialização, à singularidade absoluta e ao crescimento das diferenças pessoais.

Instala-se, então, no século XIX a condição necessária para o desenvolvimento da individualidade.

Segundo Magalhães (1993):

“Nas sociedades modernas, individualistas, prioriza-se o bem-estar de cada ser humano individual, independente de sua posição na escala social. O sujeito-indivíduo é visto como elementar, singular, indivisível, particular. Assim, o homem particular contém em si toda a sociedade e essa se decompõe em indivíduos autônomos (societas). Neste caso, a sociedade é um meio e não um fim em si” (p. 10).

O contexto gerador das condições onde o indivíduo precisa se diferenciar, ter a sua própria essência é a sociedade igualitária. Nesta sociedade, onde todos os homens são vistos como iguais, a liberdade e a amizade são ideais, respaldadas por leis universais e impessoais que garantem os direitos de todos e cobram o cumprimento dos deveres, observando o respeito aos direitos do outro, seu semelhante.

A partir da emergência do sujeito moderno, determinado pela sua autonomia, liberdade e igualdade, é possível entender a concepção de sujeito centrada no valor indivíduo: “Indivíduo sujeito moral” e o “Indivíduo coletivo” (ver: Salem, 1986).

Indivíduo sujeito moral refere-se ao indivíduo, agente empírico que se liberta das redes sociais mais amplas e passa a pensar e ser pensado de forma independente. Um indivíduo que se apresenta como um ser único e singular marcado pelo processo de intimização ou interiorização do eu (Ibid.).

O indivíduo coletivo diz respeito à individualização de grupos que se destacam das grandes redes sociais. Entre eles está a família nuclear, representando uma unidade que se destaca das redes de parentesco mais abrangentes, constituindo uma expressão do individualismo (Ibid.).

Ao analisar a situação na sociedade brasileira no século XX, mantenho o mesmo fio condutor utilizado por Simmel, isto é, o culto ao individualismo como um

eixo principal, para observar o modo pelo qual se estrutura a noção de indivíduo no segmento populacional que desejo pesquisar.

Para Velho (1981), a noção de indivíduo na sociedade ocidental moderna-contemporânea, enquanto categoria predominante, está associada ao processo de nuclearização da família. No Brasil, este processo ocorreu por volta das décadas de 60 e 70, possibilitado pelo momento histórico que estimulava o desenvolvimento da família nuclear. De acordo com o autor, a família nuclear, com todas as suas ambigüidades, seria individualizante por natureza.

Ao se nuclearizar, a família se transforma em um "indivíduo coletivo". Porém, para manter a coesão do grupo, sufoca os sentimentos individuais. Quer dizer, o sujeito fica destituído de singularidades em função do grupo familiar individualizado.

Mas, uma vez que a família se privatizou e produziu indivíduos/membros, instalou-se a necessidade de seguir adiante com o processo de individualização. Com isso, o indivíduo procura se singularizar e afasta-se da família para se diferenciar e estruturar o seu projeto individual.

Dentre os diversos segmentos sociais existentes na cidade do Rio de Janeiro, os moradores da Zona Sul pertencentes à classe média, tendo como representantes grupos intelectualizados e em sua maioria psicanalisados, se destacaram, a partir dos anos 60 e 70, por estarem mais intensamente imbuídos da ideologia individualista. São os representantes do pólo moderno da sociedade carioca. Esta camada da população possui recursos materiais e simbólicos que possibilitam que sua identidade dependa menos da rede de parentesco ou vizinhança. Neste caso, não é que se corte o vínculo familiar, mas ampliam-se as possibilidades de relação (ver: Salem, 1986).

Assim, o grupo que representa o pólo moderno adquire uma maior autonomia em relação à família, passando a ter como referência um grupo social mais específico.

O círculo social deste segmento populacional se estrutura com base em escolhas pessoais e de afinidade, onde o afeto, a solidariedade e a empatia são as diretrizes dos relacionamentos.

Nos casos em que não se dispõem de recursos financeiros ou emocionais, há uma estreita ligação com a rede de parentesco e também com a vizinhança, que desempenham papel fundamental na manutenção dos valores, visões de mundo, elaboração das identidades sociais, aspirações e projetos de vida das gerações mais velhas. Não se verifica, neste grupo, uma ruptura dos jovens com a família. Não há um desejo de mudança e a família dá o suporte necessário para garantir a organização da sociabilidade. São os representantes do pólo tradicional da sociedade carioca (ver: Salem, 1986).

De acordo com Velho (1981):

“Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de *individualidade singular*. Por sua vez, a essa consciência da individualidade - fabricada dentro de uma experiência cultural específica - corresponderá uma maior elaboração de um *projeto*. Este será estimulado e encontrará uma linguagem própria para expressá-lo. (...)” (p. 32).

Pode-se dizer com isso que, ao lado da família, indicada como uma referência para o movimento individualista, se destaca o papel da sociedade enquanto local de estímulo e exposição dos sujeitos a essa ideologia.

Os projetos, uma vez que são elaborados e vivenciados no âmbito público, constituem uma dimensão da cultura, enfatizando as possibilidades de manobras, opções, mudanças e alternativas que existem na sociedade.

Um movimento que ocorreu na sociedade brasileira, já citado anteriormente, foi o da psicologização da sociedade. Este movimento fez emergir uma nova forma de

pensar o sujeito moderno, podendo ser considerado como uma consequência, ao mesmo tempo em que é produtor da ideologia individualista. Sua influência se faz presente destacando tendências, especialmente as que tratam da concepção interiorizada de indivíduo (ver: Figueira, 1985; Russo, 1993).

A crença num eu autônomo conduz o movimento, onde a individualização dos sujeitos se tornou condição básica, particularizando os desejos e sentimentos. Hoje, o indivíduo se vê diante da necessidade de se tornar auto-suficiente, dono de si, confiante, autêntico e diferenciado. Mas este é um lugar que exige esforço e, por vezes, gera conflitos.

De acordo com Velho (1981), nos segmentos médios urbanos da sociedade carioca permeados pela ideologia individualista, há uma maior tendência em vivenciar conflitos, por estar este grupo mais exposto às ideologias modernizantes.

Segundo Nicolaci-da-Costa (1994 b):

"Com a emergência do culto ao individualismo - fruto da crescente divisão do trabalho, da especialização, do aparecimento dos grandes centros urbanos e das trocas impessoais através do papel-moeda, da nuclearização da família etc., resultantes dos novos modos de produção instaurados pela revolução industrial - surgem novos problemas na administração do cotidiano, dos desejos, dos sentimentos e das expectativas de homens e mulheres. Com a dilatação de seu espaço privado, estes passam progressivamente a se perceber e se sentir como únicos e singulares" (p. 1).

Estes conflitos acontecem como consequência do dilema entre permanecer com o modelo tradicional ou mudar e estabelecer o novo, o moderno. Na realidade, existe uma tensão entre os valores individualistas (modernos) e os hierárquicos (tradicionais), que coexistem e nos quais estão inscritos os sujeitos contemporâneos (ver: Figueira, 1986).

Como já foi visto, a família nuclear - destacada da rede mais ampla de parentesco, que tenta criar novos estilos de vida e novas alternativas ao modelo de família tradicional - é percebida como um grupo individualizado. Ao se individualizar, a família nuclear rompe o vínculo de dependência com a família de origem, em uma tentativa de embasar seus projetos de vida em escolhas pessoais e livres.

Porém, em alguns momentos de crises e conflitos, o apoio e o auxílio da família pode ser requisitado, reatando o vínculo de dependência familiar negado anteriormente. Momentos como o nascimento de filhos ou a separação do casal, entre outros acontecimentos, podem afetar as relações de amizade e as relações familiares, denunciando a fragilidade dos valores ideológicos eleitos por este grupo (ver: Salem, 1986; Velho, 1981).

Assim, revela-se a ambivalência existente na ideologia individualista, que rejeita a estrutura familiar, onde não há espaço para o desenvolvimento do "eu", e a forte referência familiar, mantendo um vínculo que, em momentos de conflitos, nem sempre é substituído pelas amizades (Ibid.).

Delineia-se, então, uma tendência ao modelo tradicional na família brasileira em associação com outros modelos culturais, com visões de mundo bastante diversificadas.

Segundo Velho (1981):

"No caso do Brasil há uma linha de trabalho que mostra a tradição de centralização autoritária, remontando a Portugal, apontando o Estado como entidade todo-poderosa, regulando e fiscalizando em detalhes a chamada sociedade civil (...) Por outro lado, ao nível da própria cultura os princípios *hierarquizadores* seriam cruciais para a constituição da vida social (...) De uma forma ou de outra, no caso brasileiro, tanto a natureza do Estado como da cultura (obviamente relacionadas) não seriam propícias para a legitimação da diversidade" (p. 63).

Para manter a ordem estabelecida na tradição hierárquica, a família desempenha papel fundamental. É dela a responsabilidade pela formação e socialização dos sujeitos, sendo uma importante fonte de controle dos comportamentos, emoções e projetos individuais. A família representa uma referência fundamental na estruturação da identidade social dos sujeitos. Mas, ainda assim, a família abre espaço para o individualismo, passando a ser o palco de desenvolvimento principal desta ideologia.

De acordo com as observações feitas por Figueira (1986), o movimento em direção à modernização da família é impulsionado através do processo de individualização. Com isso, a família abre espaço para o sujeito agir conforme seus desejos, tendo liberdade para pensar antes de tomar uma decisão e, a partir daí, decidir qual é o melhor comportamento ou a melhor atitude a ser tomada. Esta decisão será baseada no desejo e na escolha do sujeito e não em convenções pré-determinadas. Neste caso, é fundamental a observação dos princípios da ideologia individualista, ou seja, respeito, igualdade, direito ao desenvolvimento, etc.

Para Chaves (1993), a relação familiar nas classes médias urbanas brasileiras faz do individualismo um ideal, cultivando a autonomia, a igualdade, a liberdade e a independência de seus membros. Neste tipo de relação, todos os filhos são iguais para os pais e vice-versa. Para a autora, há uma tendência na relação familiar que: "...fala da necessidade e desejo desses indivíduos de se individualizarem no sentido de se tornarem singulares, idiossincráticos" (p. 80).

Com isso, o sujeito tem uma gama bastante variável de escolhas e condutas a seguir, sendo cobrada uma postura frente à vida, na qual ele precisa decidir o que quer e pretende fazer, devendo assumir papéis, responsabilidades e cumprir seus deveres em função de sua idade, sexo e posição social.

Em princípio, o individualismo parece estar ligado a experiências e histórias particulares que podem ser observadas em diferentes tipos de comportamento. Para ilustrar, destaco alguns comportamentos observados por Salem (1986), onde se manifestam o compromisso com o novo e com a mudança. Segundo a autora:

“(...). Os ‘singles’ estudados por Moraes (1985) - que optam por morarem sozinhos em nome de ‘maiores possibilidades de desenvolvimento profissional, mais autonomia, maior privacidade, acesso a novas experiências sexuais, etc.’ e ainda, a forma de relacionamento entre casais que decidem pela coabitação separada em nome da ‘preservação de um espaço próprio’, da ‘liberdade’, da ‘igualdade’ e da ‘autonomia pessoal de cada parceiro’ (Vaitsman, 1985) - (...)” (p. 31).

Como foi apontado acima, “morar só” está relacionado aos novos comportamentos que têm um compromisso com o novo e com a mudança, podendo ser considerado como uma forma alternativa ao relacionamento familiar. A família de origem, para este segmento populacional, é tomada como referência fundamental na construção das identidades dos sujeitos, mesmo que esta referência seja negativa. Neste caso, o modelo familiar serve como um contraponto, para distinguirem-se da família.

Segundo Velho (1981), o afastamento da família pode ocorrer basicamente de duas formas: o rompimento ou a renúncia a um estilo de vida indesejável - o que pode levar a conflitos - ou pode ser decorrente de uma decisão voluntária, onde o afastamento se dá de forma tranqüila, com justificativas que expliquem suas motivações.

Mas será que a opção de morar só pode ser vista como um desdobramento da necessidade de preservação da individualidade?

Independente da forma como se dá o afastamento da família ou da motivação de cada um para morar só, há um desejo pessoal de fazer a sua própria vida, um

desejo de seguir em busca de um novo espaço físico e social. Assim fazendo, o sujeito pode escolher e decidir-se por um determinado caminho, de acordo com suas histórias e experiências particulares (ver: Velho, 1981). Morar só pode, então, ser associado a um projeto de vida onde se busca autenticidade, autonomia, liberdade e aperfeiçoamento pessoal, características encontradas em grupos que desenvolveram o ideal individualista.

De acordo com Velho (1981), o sujeito que se afasta da família, sai de casa, principalmente em casos em que o afastamento se deu por uma decisão voluntária, marca a sua particularidade. Ao fazer isto, constrói a sua "opção individualizadora" dentro das possibilidades oferecidas pelo seu grupo social e familiar.

Assim, daqui em diante, o comportamento do indivíduo que saiu da casa dos pais para morar só poderá ser entendido como uma "opção individualizadora".

E, em especial, interessa saber o lugar ocupado pelas mulheres solteiras que moram sós em relação ao grupo social no qual elas estão inseridas e o que desencadeou o desenvolvimento de sua ideologia individualista.

2 Morar só: o estudo de um novo comportamento

No capítulo anterior, foi observado que a modernização da sociedade e da família conduziu ao processo de individualização dos sujeitos. Ao se individualizar, o sujeito se torna livre para decidir o seu projeto de vida, escolher o seu próprio caminho, abrindo espaço para o surgimento de novos comportamentos. Dentre estes estão: "ser solteiro" como uma opção por um estilo de vida, o casamento tardio, as novas formas de casamento, a "produção independente", o "morar só" por opção, etc. Estes são comportamentos que têm um compromisso com a mudança, com o novo e que apontam para tendências crescentes, principalmente dentro de sociedades individualistas.

Com isso, o "morar só" pode ser considerada uma forma alternativa ao relacionamento familiar, podendo ser vista como um desdobramento da necessidade de preservação da individualidade. De acordo com o que foi sugerido no fim do capítulo anterior, o comportamento do indivíduo que saiu da casa dos pais para morar só, pode estar relacionado a uma "opção individualizadora".

É interessante notar que a sociedade brasileira não estimula este comportamento e, principalmente no caso das mulheres que decidem morar sós, ainda é necessário enfrentar resistências e preconceitos (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988), mas, apesar destes, está aumentando o número de pessoas que moram sozinhas.

Este comportamento ainda é, porém, pouco difundido, cabendo à mídia, às indústrias e aos grandes empresários (que já perceberam haver um grande público consumidor com muitas demandas e sem referências) uma boa parte da divulgação que existe sobre pessoas que moram sós no Brasil. Cada vez mais realizam-se reportagens sobre os prazeres da solidão (ver: Alvarenga e Weinberg, 1996).

O solteiro que mora só e trabalha fora pode contar com serviços que facilitarão a sua vida, tornando a administração do cotidiano mais tranqüila. Hoje, facilmente, se encontram produtos como: refeições semiprontas, alimentos embalados para apenas uma pessoa, cafeteira para duas xícaras, etc. (ver: Alvarenga e Weinberg, 1996; Araújo, 1998).

Assim, para entender um pouco mais sobre as mulheres que moram sós, foi estudado passo a passo quem são algumas delas, a que segmento populacional pertencem, qual é o lugar ocupado por elas em relação ao grupo social no qual estão inseridas, quais são os seus conflitos, etc. A avaliação dos conflitos gerados por este comportamento é de fundamental importância, uma vez que morar só parece ser um processo cheio de ambivalências e conflitos.

Várias perguntas, portanto, se fazem presentes neste momento da pesquisa. Antes, as mulheres solteiras apenas saíam da casa de seus pais para casar, enquanto hoje elas estão saindo da casa de seus pais para viverem diferentes experiências, como a de morarem sós. Por quê? O que gerou a mudança de comportamento?

2.1 Solteiros

Em todo o mundo cresce o número de pessoas solteiras e no Brasil não está sendo diferente (ver: Jobim, 1998).

Mas, ser ou estar solteiro significa estar só? O casamento em casas separadas é uma nova opção, onde cada um teria o seu espaço e manteria a sua privacidade, preservando o amor e o casamento da rotina e das intempéries diárias. Mesmo para aqueles que decidem não se casar de forma alguma, o relacionamento amoroso

estará sempre presente. Para os solteiros é importante ter algum tipo de relação afetiva e sexual (ver: Toufexis, 1996).

Contudo, a expectativa ainda é a de que, ao atingir a maioridade, o homem e a mulher devem se unir e constituir família, caso contrário podem ser considerados imaturos, irresponsáveis, problemáticos, entre outros julgamentos a que estão sujeitos (ver: Stein, 1975). A sociedade pressiona o sujeito para que ele se case e, por isso, muitas pessoas saem à procura de um companheiro para adquirir o distintivo de casal (ver: O'Neill & O'Neill, 1973). E os solteiros são vistos como "desviantes" por não estarem dentro dos padrões de comportamento dito normal (ver: Stein, 1975). Assim, para um sujeito ser ou estar solteiro é preciso contar com uma clara determinação, já que ainda hoje é necessário enfrentar preconceitos para ocupar este lugar.

Percebe-se uma reprovação mútua quando solteiros convictos conversam com casais que optaram pelo casamento tradicional. Por um lado, os casados entendem a opção de não se casar como um comportamento problemático, de alguém que se recusa a crescer, assumir responsabilidades, etc. Por outro lado, os solteiros rebatem, acusando os casais de acomodados, infelizes, sem coragem para mudar de vida, etc. (ver: Stein, 1975).

2.1.1 Diferentes tipos de solteiros

Existem vários tipos de solteiros, entre eles: os que o são por opção ou por contingências; os que rejeitam o casamento e os que estão temporariamente solteiros; os desquitados, os divorciados, os separados ou os viúvos; os que vivem em um casamento não formalizado e aqueles que nunca se casaram. Este é um grupo de pessoas que cresce a cada dia e por isso merecem toda a atenção

2.1.1.1 Mulheres solteiras

As mulheres, desde o século passado, vêm transformando seus comportamentos. Se antes as mulheres apenas saíam casadas da casa de seus pais, hoje elas encontram outras possibilidades, novas expectativas e opções para as suas vidas além do casamento. As mulheres não têm mais como prioridade em suas vidas casar e ter filhos. E também não precisam desistir desta opção: elas descobriram que não têm que casar para ser feliz.

Apesar de o casamento e a maternidade serem exigências que a sociedade ainda faz às mulheres, algumas vezes ficam em segundo plano. Hoje há uma tendência de terem filhos após os trinta anos, numa tentativa de consolidar primeiro a vida profissional. E não há mais a necessidade de casar para ter filhos: as mulheres estão sendo mães solteiras ou fazendo, como se diz hoje, uma “produção independente”, sem que haja discriminação por parte da sociedade. Até as leis estão a favor dos solteiros e já liberam as crianças para adoção por essas pessoas (ver: Rocha, 1998).

Se antes as mulheres não trabalhavam, hoje elas trabalham, se especializam e dão uma ênfase especial às suas carreiras buscando autonomia, estabilidade profissional e independência financeira, em certos casos até em detrimento de uma vida familiar. Em função do desejo de especialização profissional, muitas mulheres solteiras saem da casa de seus pais para viverem em outra cidade ou país. Outras vão morar com amigas ou mesmo sozinhas, buscando, entre outras coisas, viver novas experiências.

Segundo algumas pesquisas, as mulheres, quando solteiras, desenvolvem mais a inteligência, a educação e são melhores profissionais. Ao conseguir um

emprego e conquistar a independência financeira, em geral, tendem a ter uma vida estável (ver: Stein, 1975; Toufexis, 1996; Jobim, 1998).

2.1.1.2 Homens solteiros

Algumas pesquisas nacionais e estrangeiras divulgam que para os homens é mais difícil estarem solteiros, já que abusam das drogas e do sexo. A falta de responsabilidades com uma família gera instabilidade e os mantém por mais tempo na adolescência. Quando casados, eles têm uma vida mais longa, mais saudável e mais produtiva, profissionalmente falando (ver: Stein, 1975; Toufexis, 1996; Jobim, 1998). Há, na Espanha, uma pesquisa que indica que 40% dos homens espanhóis estão solteiros e associam este fenômeno ao desemprego e aos altos preços dos imóveis. Dentre estes, são poucos os que são emancipados e moram sós (ver: Doti, 1996).

Apesar das pesquisas citadas acima informarem que os homens solteiros, em comparação com os homens casados, adoecem mais, abusam das drogas e do sexo, são instáveis, demoram a amadurecer etc., eles parecem gostar desta nova situação. Para os homens também existem novas expectativas além do casamento. Hoje, um homem pode ser ou estar solteiro, não precisando mais se casar para se tornar “respeitável”. Mas os homens também são cobrados pela sociedade e pela família, da mesma forma que as mulheres, no que se refere ao casamento.

No entanto, existem diferenças entre os homens e as mulheres no que diz respeito ao trabalho. Nesse ponto eles sempre deram prioridade à profissão.

Hoje, os homens desejam aproveitar mais a vida, não ter tantas obrigações e tão cedo, uma vez que antes se casavam jovens e tinham que assumir responsabilidades pela mulher e pelos filhos.

2.1.1.3 Solteiros por contingências

Existe ainda uma outra possibilidade para as pessoas estarem solteiras: a dificuldade de encontrar um parceiro adequado.

Há um grupo de pessoas solteiras que desejam casar, mas as divergências com o sexo oposto têm levado muitas delas a ficarem sós. As mulheres culpam os homens de não terem acompanhado as mudanças, precisando, por isso, redefinir seus papéis. Elas alegam que são poucos os homens disponíveis, que cresceu muito o número de gays, etc. E os homens reclamam que as mulheres têm-se atirado muito, estão muito exigentes, intolerantes, etc.

Nesse caso, o que parece haver é uma dificuldade nos relacionamentos. O culto ao “eu”, o individualismo crescente são fatores que, ao que parece, muito contribuem para este quadro de desencontro afetivo (ver: Albuquerque, 1996).

A solidão das mulheres ainda é um fator significativo e preocupante, quando estar só não é uma opção e sim uma contingência. A cada dia cresce o número de mulheres sozinhas.

Comparando o número de mulheres e de homens solteiros, constata-se que há mais mulheres solteiras do que homens. Na realidade, há um excedente de mulheres na população brasileira. Segundo os dados do IBGE de 1995, são 2.022.982 homens para 2.243.669 mulheres entre os 20 e os 40 anos na cidade do Rio de Janeiro (ver: Albuquerque, 1996).

A mulher na faixa dos 40 anos parece ter muita dificuldade em encontrar um parceiro, seja porque os homens preferem mulheres mais novas, ou porque existem menos homens sós em comparação ao número de mulheres; ou mesmo porque elas, aos 40 anos, já alcançaram independência financeira e emocional, podendo falar em

igualdade de condições com os homens, que parecem se assustar diante de tal quadro (ver: Victória, 1996; Serpa, 1998).

2.1.1.4 Solteiros por opção

A opção de estar solteiro é a que mais interessa a esta pesquisa. Neste grupo, encontram-se as pessoas que estão solteiras, mas pensam em se casar, sendo esta uma opção de momento. Neste caso, a pessoa estaria solteira e a qualquer momento esta opção poderia ser repensada.

Os motivos alegados pelos solteiros para assim se manterem são: desejo de se tornar financeiramente independente, experimentar novas relações afetivas e sexuais, alcançar satisfação e autonomia social, pessoal e emocional, etc.

Fazem parte deste grupo também as pessoas que estão solteiras e não desejam se casar. Para elas, ser solteiro é uma opção por um estilo de vida mais livre, independente e moderno. Ser solteiro seria, então, uma alternativa, tendo em vista o desejo de não se casarem.

A opção de ser solteiro como um estilo de vida pode também estar ligada à insatisfação com o casamento. Diante de tantos casos de divórcios e casamentos infelizes, parece que as pessoas começaram a questionar o ideal de casamento eterno e feliz, “até que a morte os separe” e foram procurar novas alternativas.

Dentre os vários motivos sugeridos para não se casarem, os solteiros enumeram: “estar sufocado pela relação afetiva”, “a vida de casado é chata”, “é um obstáculo para o desenvolvimento pessoal e traz infelicidade”, “aborrecimentos e acomodação”, “uma vida sexual insatisfatória”, “isolamento”, “perda dos amigos”, etc. (ver: Stein, 1975; Toufexis, 1996).

Para estes sujeitos, ser ou estar solteiro é uma possibilidade que dá liberdade para investirem em áreas às quais não teriam acesso se estivessem casados, isto é, o casamento tem exigências que restringem as pessoas. É uma opção por outro estilo de vida.

De acordo com Jablonski (1988), o casamento hoje não é mais visto como uma necessidade, uma vez que as mulheres já têm acesso ao trabalho e a sociedade oferece serviços de todas as espécies, facilitando a vida dos indivíduos. Em outras épocas, um indivíduo dificilmente sobreviveria fora de uma família, o que colocava o casamento como sendo imprescindível para todos. Como foi apontado no segundo capítulo, a casa colonial produzia tudo o que era necessário para a sobrevivência de seus membros. Hoje, o casamento é uma escolha afetiva, não tendo mais um peso econômico e produtivo.

Quem são estas pessoas solteiras que me colocam tantas perguntas? O foco de interesse está em um tipo específico de pessoas e comportamento: o de mulheres solteiras que nunca se casaram e saíram da casa de seus pais para morarem sós.

2.1.2 Algumas palavras sobre a solidão

A decisão de ser ou estar solteiro e morar só remete ao tema da solidão. Estar sozinho significa viver a solidão.

Para falar um pouco sobre a solidão, escolhi a abordagem dos psicanalistas Donald Winnicott e Chaim Samuel Katz, por estes terem desenvolvido estudos e apresentarem uma abordagem positiva da mesma. Ambos os autores concordam que a solidão constitui o ser humano, é inerente a ele. Para Katz (1996), existe a solidão positiva e para Winnicott (1983), ela depende da capacidade de estar só.

Segundo Katz (1996), com a derrocada da família tradicional surge a “nova família”, que abre espaço para o afeto da solidão. O autor cita como exemplos de solidão positiva: pares conjugais que moram em casas separadas e o surgimento de novos celibatários, não ligados às obrigações sociais ou religiosas. Nestes casos, Katz observa que a solidão positiva pode permear e permitir a convivência. Assim, fica a pergunta: “Como fica a questão da solidão para as mulheres solteiras que moram sós?”

Ainda de acordo com o autor, há uma tendência nas sociedades ocidentais em adoecer e desvalorizar a solidão porque esta não se inscreve socialmente, não troca. Ao se desvalorizar a solidão, impede-se a afirmação da autonomia, que a inclui.

E a solidão incomoda porque os solitários não participam da vida social. Na verdade, a sociabilidade é necessária, como também é necessário estar só, não participar, não pensar, não escutar, etc. Conforme declarou Katz (1996): “O mais importante é deixar que cada um possa ter, por muitos momentos, seu coração distante, sem dar conta aos outros” (p. 182). A solidão positiva constitui a unidade do ser humano e insiste na fabricação das diferenças, na singularidade.

Mas a solidão positiva não significa o isolamento e também não é equivalente ao desamparo. Muitas pessoas são solitárias sem terem condições de ficarem de fato sós. Para estas pessoas, o sofrimento estará sempre presente nos momentos de solidão, porque dela emerge a dor pelo rompimento com as coisas, pela exclusão do social.

A solidão positiva é o estar só prazeroso, que pode gerar um encontro mais íntimo do indivíduo consigo próprio, com sua fantasia, sua reflexão e seus projetos. Mas ela é ameaçada constantemente pela solidão negativa, sendo então necessário tomar a iniciativa para estabelecer relações.

Para alcançar uma compreensão acerca do que é que capacita um ser humano a viver a solidão de forma prazerosa e evitar a dor de estar só, recorro a Winnicott, que também se preocupou em investigá-la. Para o autor, a solidão positiva depende da capacidade de ser só, que é uma conquista do ser humano.

De acordo com Winnicott (1983), a capacidade de ser só tem como base o ficar só na presença de outra pessoa. Segundo o autor, um bebê pode ficar só na presença da mãe porque a presença e o apoio do ego da mãe compensam a imaturidade do ego da criança. A experiência do bebê em ficar só na presença da mãe permitirá que mais tarde o sujeito seja capaz de ficar só, sem a presença de outra pessoa. No momento em que a criança está só na presença de alguém, ela tem a possibilidade de descobrir sua vida pessoal própria, é capaz de relaxar, de devanear, é capaz de existir por um momento sem preocupar-se em reagir às contingências externas.

Como foi visto, existem diferenças entre a capacidade de ser só e o desejo de estar só. Algumas pessoas são capazes de apreciar a solidão, pois foram criadas condições para a elaboração da mesma. Outras apenas desejam estar sós sem o conseguir de fato e há ainda as que não podem sequer pensar na possibilidade de estarem sós, pois temem a dor da solidão.

Para Winnicott (1983), a capacidade de ser só pode ser considerada como um fenômeno que requer um alto grau de elaboração do ser humano e indica um amadurecimento do desenvolvimento emocional.

2.1.3 Dependência X Autonomia

A dependência e a autonomia, assim como a capacidade de ser só, também fazem parte do processo de desenvolvimento do ser humano que, ao nascer, vive uma situação de dependência total, passando aos poucos para uma condição que segue em direção à independência (ver: Winnicott, 1983).

De acordo com uma definição encontrada no dicionário, dependência significa: “estado de dependente” (ver: Nascentes, 1976: 503). E dependente é aquele que: “depende ou está sujeito a outro, embora forme corpo à parte; pessoa que não tem recursos próprios e que vive a expensas de outra” (Ibid.).

Pensando na situação dos jovens solteiros que ainda moram com os seus pais, percebe-se que neste caso há uma relação onde os filhos são dependentes dos pais, porque não tem recursos próprios (emocional ou financeiro) para viver. No Brasil, a dinâmica familiar tem prolongado a dependência financeira e emocional dos filhos, dificultando o rompimento do vínculo com os pais.

Neste quadro de aumento do número de solteiros, o prolongamento da adolescência é uma questão que chama a atenção. Esta situação mantém os jovens solteiros morando com seus pais e dependendo deles, por um tempo maior do que o esperado.

O estudo feito por Leitão (1996) descreve a teia das relações familiares, onde a questão que se coloca é a manutenção da dependência emocional e financeira, tratada de forma encobridora pela família, que prega, ao mesmo tempo, a autonomia e a independência dos filhos. A adolescência, na pesquisa de Leitão, ficou definida

como um período que pode se estender até os 25 anos de idade, nos jovens de classe média e classe média-alta da cidade do Rio de Janeiro.

O movimento de separação entre pais e filhos é protelado no intuito de melhor preparar os jovens para o ingresso no mundo adulto. Os filhos conquistam direitos e liberdade na casa paterna, mas, no que diz respeito aos deveres, os pais cobram apenas o rendimento nos estudos.

Alguns exemplos da liberdade dos jovens podem ser encontradas em reportagens de jornais. Estas anunciam o comportamento de jovens que namoram e por vezes dormem com o(a) namorado(a) em casa, com o consentimento dos pais. No caso de acontecer uma gravidez inesperada, podem contar com a ajuda deles para tomar a melhor decisão, mesmo que esta seja fazer o aborto ou assumir um filho sem condições financeiras ou emocionais, não sendo o casamento uma obrigatoriedade (ver: Sant'anna, 1996; Marinho, 1997; Duarte, 1998 a).

Ainda de acordo com a pesquisa de Leitão (1996), o trabalho dos jovens não é incentivado e algumas vezes é desaconselhado. Para que isto seja possível, os pais garantem uma boa mesada ou fornecem dinheiro aos filhos sempre que estes o requisitam.

O fato de haver um alto nível de desemprego dificulta o acesso dos jovens ao mercado de trabalho. Eles não conseguem uma boa colocação e não desejam se submeter a qualquer tipo de emprego, ganhando pouco e sendo explorados. Com isso, aumenta o tempo destinado aos estudos, pois esses jovens precisam se preparar melhor para enfrentar um mercado de trabalho mais competitivo (ver: Oliveira, 1998).

Para os jovens pesquisados por Leitão, o "morar só" seria um último recurso, adotado em função do surgimento de algum problema, já que todos relacionam-se

muito bem com seus pais, não havendo, assim, necessidade de sair de casa (ver: Leitão 1996). Esta condição de dependência financeira e emocional dos filhos, aliada ao fato de terem liberdade, acaba por fazer com que eles permaneçam morando com seus pais por mais tempo, adiando o processo de independência.

Leitão conclui que, quando os pais protelam a preparação dos filhos para o ingresso na vida adulta, acabam por reforçar uma conduta infantil, pautada em aspectos de dependência que prejudicam o desenvolvimento do processo de autonomia.

Observando a dinâmica familiar em países como os Estados Unidos da América, pode-se perceber que a autonomia dos jovens é incentivada. O movimento comum é o dos jovens que deixam a casa de seus pais ao atingir a maioridade.

Para Giddens (1992), a trajetória em direção à autonomia e à individualização está envolvida diretamente com a modernidade, de acordo com sua definição sobre autonomia:

"No terreno da vida pessoal, autonomia significa a realização bem-sucedida do projeto reflexivo do eu - a condição de se relacionar com outras pessoas de um modo igualitário. (...). A autonomia também ajuda a configurar os limites pessoais necessários à administração bem-sucedida dos relacionamentos" (p. 206).

A autonomia liberta o indivíduo, que passa a se autorizar para tomar as próprias decisões, ser independente e responsável, não dependendo de outra pessoa para resolver seus problemas.

Como é que fica então, no Brasil, a trajetória em direção à autonomia? Pensando na perspectiva dos solteiros que moram sós, eu pergunto: como se deu seu

processo de autonomia? Houve um rompimento efetivo do vínculo de dependência com seus pais?

2.2 As mulheres

2.2.1 As mulheres sós no Ocidente

Como foi descrito acima, cresce a cada dia o número de pessoas solteiras e, dentro deste grupo, as mulheres têm se destacado bastante por sua mudança de comportamento.

Desde o fim do século XIX e início do século XX, como foi descrito no capítulo anterior, já era possível vislumbrar as transformações que as mulheres viveram e com elas o seu lugar na cena social.

Acompanhando de perto algumas importantes mudanças sociais, como a revolução industrial, as duas grandes guerras, a produção de anticoncepcionais e antibióticos, a expansão do individualismo e o afrouxamento da repressão sexual da sociedade, é possível perceber que as mulheres aproveitaram e não hesitaram em participar das mesmas. As mulheres, através destas mudanças sociais, foram levadas não só a se transformarem como também a ter maior participação na vida social, econômica, cultural e sexual (ver: Seddon, 1993).

Pode-se acrescentar ainda que, desde a virada do século, a mulher partiu rumo ao novo lugar que ela pretendia ocupar. Mas que lugar era esse? Que lugar é esse? O lugar de uma mulher adulta, independente, autônoma, com acesso ao saber e ao poder. Mas, para isso, foi preciso percorrer um longo caminho, foram necessárias muitas histórias, muitas dores e sacrifícios. Na realidade, uma vez iniciado, ele foi

rapidamente transposto, pensando em termos de tempo cronológico. Muitas vitórias já estão garantidas, porém este caminho ainda não se esgotou.

Voltando no tempo, é possível perceber que muitas mudanças ocorreram por causa das mulheres sós, que eram muitas e estavam fora dos padrões aceitos pela sociedade. Não havia lugar para elas! (ver: Dauphin, 1991).

O que significa uma mulher só? Uma mulher que nunca se casou?

A qualificação de “mulher só” já existia no século XIX e era utilizada em função do problema gerado por elas. Mulheres que não viviam com suas famílias, não eram casadas e não tinham filhos: as “solteironas” (ver: Dauphin, 1991).

Desde esta época o número de mulheres era superior ao dos homens. Isto aconteceu basicamente por causa das mortes ocorridas durante as guerras, a falta de higiene e a violência, que levaram a uma taxa de mortalidade masculina superior à feminina. As mulheres sofriam as conseqüências da falta de higiene e de recursos médicos, sendo estas as principais causas de suas mortes, já que muitas morriam no parto.

Com os progressos da medicina, a expectativa de vida aumentou muito para ambos os sexos. Mas, enquanto a população feminina diminuiu a sua taxa de mortalidade, o mesmo não se deu com os homens, que continuaram a ter uma taxa de mortalidade superior à das mulheres. Os resultados observados foram o aumento do celibato, da viuvez, da solidão feminina e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho (ver: Dauphin, 1991).

Ao se inserir no mercado de trabalho, a mulher garantiu alguns direitos. Pôde, através de sua profissão, se sustentar de forma digna, sem perder o auto-respeito e o decoro. Muitas deixaram suas famílias e partiram para as cidades em busca de um trabalho, integrando-se no tecido social, que delas também necessitava. Iniciaram o

caminho para uma vida profissional que as realizasse. Para tanto, precisaram correr riscos, porque elas ficaram sós e passaram a conviver com a discriminação da sociedade, que não via com simpatia a sua presença. As relações com os homens no ambiente de trabalho eram pautadas em concorrência e resistência por parte deles. Afinal, o que fazer com elas?

De acordo com Dauphin (1991):

“O código napoleônico, que fez escola entre seus vizinhos europeus, oferece, no entanto uma alternativa às mulheres sós: fora do casamento, a rapariga torna-se maior, portanto responsável por si mesma e pelos seus bens. A ‘mulher só’, contrariamente à esposa, conserva os mesmos direitos que o homem, sem no entanto se transformar jamais em cidadã. (...)” (p.482).

Aos poucos, as possibilidades de trabalho se apresentaram, de acordo também com o nível de formação de cada uma. Apesar de difíceis, as relações no trabalho com o tempo se transformaram e a presença das mulheres passou a se integrar ao novo cenário. Uma nova realidade se desenhou com a imagem da mulher trabalhadora.

Mas ainda no século XIX, as mulheres estavam destinadas a escolher entre o trabalho e o casamento, que eram incompatíveis. Elas deviam escolher entre a família e a profissão mas não era só isto - era também necessário marcar a diferença.

Segundo Dauphin (1991):

“Escapadas freqüentemente dos meios pequeno-burgueses, desejando marcar um distanciamento em relação às operárias, muitas vezes mais instruídas do que a média das mulheres da época, as mulheres de ‘colarinho branco’ aspiram a uma posição intelectual e social superior. Mas essas aspirações, combinadas com os constrangimentos e o investimento psicológico no seu trabalho, impedem-nas de encontrar um marido; sozinhas, sentem desde então o peso da desconfiança e do descrédito” (p. 486).

Esta situação de celibato feminino, que parece ser também consequência do investimento nos estudos e do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, perdurará e entrará pelo século XX adentro, mesmo com o aumento do número de mulheres que têm acesso ao ensino superior e ao trabalho. Os preconceitos em relação à mulher independente não cessaram: na verdade, ainda hoje, há resistência à presença feminina. E algumas mulheres são pressionadas a deixar de trabalhar ou de estudar para cuidar da família: por vezes, são cobradas a adotarem uma posição, onde é preciso que escolham entre o casamento e o trabalho.

O destino das mulheres sós parece ser, então, ainda um problema. Algumas religiões assumiram esse “problema” e oferecem-lhes postos de responsabilidade, onde poderão desenvolver a iniciativa e se emancipar. Estas mulheres eram consideradas as predestinadas de Deus, que não se casaram por um desejo divino de que elas se dedicassem a estas causas tão nobres. Com isso, a condição de celibato feminino torna-se ainda mais prolongada (ver: Dauphin, 1991).

Aproveitando esta oportunidade oferecida pelas religiões, as mulheres participam de questões políticas e sócio-econômicas, de onde foram geradas suas novas ambições. Abrem-se, a partir deste momento, novos campos para o trabalho feminino. Surgem as profissões exclusivamente femininas relacionadas à educação, aos cuidados com a saúde e à proteção social, que de alguma forma estão associadas à maternidade e à religião.

Uma nova situação começa a se delinear, para as mulheres em geral, quando as leis se tornam menos rigorosas com relação ao divórcio. O quadro do celibato feminino começa a se transformar: passa a haver uma nova possibilidade de casamento para as mulheres separadas e divorciadas, diminuindo assim o número de mulheres sós. Curiosamente, são as esposas as primeiras e as que mais solicitaram o

fim do casamento, na maioria das vezes alegando maus tratos como o motivo do divórcio.

A separação passa a ser um instrumento de libertação para as mulheres, que cada vez menos toleram as agressões, os maus tratos, as condições de desigualdade, de inferioridade e de dependência em relação a seus maridos.

Diante do quadro descrito pelas mulheres que se libertaram do casamento, muitas solteiras em boas condições econômicas passaram a preferir o celibato. Elas anunciaram estar solteiras por preferirem a liberdade e a autonomia, sem terem que renunciar a si mesmas e por não desejarem sofrer as agruras do casamento. Esta decisão, às vezes, era declarada publicamente podendo até tomar contornos políticos. Não desejarem se casar passa a ser visto como um estado de greve que é provisório e que poderá durar até emergir uma nova consciência social (ver: Dauphin, 1991).

Segundo Dauphin, 1991:

“A partir de 1870 a figura da celibatária feliz por sê-lo, cidadina, oriunda de um meio abastado, viajada, com um verniz de cultura, voltando ostensivamente as costas aos papéis reservados à mulher burguesa, afirma-se em diferentes domínios da criação e da vida pública, esboçando desse modo outros destinos de mulher. (...)” (p.491 - 492).

Nem por isso os preconceitos e as marginalizações deixaram de existir - ainda era necessário enfrentar muitas dificuldades e desafios (ver: Stein, 1975).

2.2.2 A mudança no comportamento das mulheres brasileiras

A literatura aponta que também na nossa sociedade, as maiores mudanças ocorridas desde os anos 1960 foram impulsionadas pelas mulheres (ver: Figueira, 1986; Nicolaci-da-Costa, 1987, 1994 b; Nolasco, 1988; Dias, 1995). Entre outros acontecimentos, o movimento feminista e a crescente inserção no mercado de

trabalho, a legalização do divórcio⁴ e a difusão da psicanálise levaram à emancipação feminina. Com isso, a mulher passa a poder registrar o seu desejo individual, escrevendo, então, uma nova história rumo à autonomia, individualização e independência (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994 b).

Tanto no trabalho quanto na vida amorosa, a mulher vem conquistando espaço, questionando valores vigentes e transformando seus comportamentos, buscando com isso melhores condições de vida e de relacionamento. A liberação sexual da mulher traz conseqüências e transformações para as relações amorosas (ver: Almeida, 1996; Nolasco, 1995).

A batalha por direitos iguais para as mulheres e os homens, tanto dentro quanto fora do casamento, é um tema central da vida contemporânea. É uma batalha, porque existem aqueles que negam tal igualdade, consciente ou inconscientemente. De acordo com Oliveira (1997):

“Quando a constituição de 1988, em seu artigo 5^o, parágrafo primeiro, eliminou todas as discriminações por razões de sexo, o fez no sentido de proteger as mulheres, de promovê-las como cidadãs, jamais negando especificidades que requerem, sem dúvida possível, ações e políticas que estabeleçam uma igualdade entre diferentes que nunca existiu” (p. 7).

Com a conquista de direitos na sociedade, as mulheres avançam cada vez mais em direção à sua autonomia e emancipação.

4 - De acordo com Oliveira e Berquó (1990): “O divórcio no Brasil foi sancionado em 1978” (p. 63).

2.2.3 As conseqüências da emancipação feminina para a família e para as relações afetivas

Seguindo de perto o processo de modernização da família, percebemos que o comportamento da mulher influenciou as transformações que nela ocorreram e foi também por elas influenciado. As conseqüências podem ser observadas na dinâmica familiar, que precisou se reorganizar em função destas transformações.

Já na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, as mulheres experimentaram uma nova forma de liberdade. Elas passaram a poder planejar a sua família, não ficando mais à mercê de diversas gestações; não precisaram mais abandonar suas aspirações profissionais e, principalmente, puderam manifestar a sua sensualidade.

Porém, este foi um movimento que apenas se iniciou. Na realidade, a mulher moderna, contemporânea, vê-se hoje às voltas com a dupla jornada de trabalho, salários desiguais, a convivência com homens que não compartilham as tarefas domésticas, um forte sentimento de culpa por estarem “abandonando” a família, tendo ainda que enfrentar o preconceito no trabalho por serem mulheres, sem descuidar da aparência e mantendo sempre o bom humor. A mulher moderna precisa ser prática e dinâmica sem perder a delicadeza e a feminilidade. Haja fôlego! (ver: Alves, 1996; Nolasco, 1988; Rocha-Coutinho, 1992; Victória, 1996).

Contudo, nas últimas três décadas, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a contribuição na renda familiar, a liberdade sexual, o investimento em educação, a conquista de cargos políticos, entre outros fatores, vêm obrigando os homens a repensarem suas atitudes e comportamentos com relação a si

próprios e às mulheres, pois eles têm muita dificuldade em aceitar estas mudanças no comportamento feminino. Na Europa, nos dias de hoje, ainda são as mulheres as maiores responsáveis pelos pedidos de divórcio. A causa de tal atitude está relacionada à independência econômica conjugada às suas exigências em termos de relação afetiva. Segundo Hite (1996 a), as mulheres desejam uma relação afetiva verdadeira, sincera e profunda e, quando isto não acontece, elas partem para o divórcio ou para o rompimento da relação, porque segundo seus depoimentos, não há como manter uma relação onde a comunicação deixa de existir. Neste caso, o melhor é ficarem sós (ver: Duarte, 1998 b).

Já é possível, no entanto, vislumbrar o início da inversão deste quadro, onde a mulher vem conquistando um reconhecimento maior no trabalho e nas relações afetivas, gerando com isso outras demandas em relação ao homem, questionando antigas formas de relacionamento. E esta é uma mudança inevitável (ver: Almeida, 1996; Nolasco, 1988; Hite, 1996 b).

Se antes havia um abismo entre os papéis reservados pela sociedade aos homens e às mulheres, hoje estes se aproximam e os papéis reservados a cada um podem se alternar. A mulher saiu de seu antigo lugar de alienação e partiu para a conquista de espaço próprio.

A mulher, que antes ficava em casa aguardando a chegada do príncipe encantado, que a levaria para seu castelo rumo à felicidade eterna conquistada com o casamento, hoje não se encontra mais. Ela saiu para se tornar uma profissional, luta por sua autonomia e sofre em busca de um amor verdadeiro, de uma sexualidade sadia e de sua felicidade.

Diante do quadro que se apresentou, isto é, ao verificar que as mulheres estão na vanguarda do processo de modernização dos comportamentos, creio que iniciar a pesquisa pelo ponto de vista das mulheres me parece uma atitude coerente.

Gostaria de poder explorar o comportamento das pessoas solteiras que moram sós do ponto de vista dos homens e das mulheres mas, para apresentar uma pesquisa de qualidade no tempo disponível, foi necessário fazer uma opção. Deixo, então, para um momento posterior (ou para outros pesquisadores), a tarefa de investigar a perspectiva do ponto de vista dos homens, restringindo esta pesquisa ao comportamento das mulheres.

2.3 Novos comportamentos

Pode-se observar que, hoje, existem novas formas de comportamento e outras alternativas para os solteiros. Estes podem sair da casa de seus pais para coabitar, dividir apartamento com amigos, morar sós, etc. As mudanças de comportamento foram associadas por Berquó ao avanço tecnológico ocorrido nas últimas décadas (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988; Berquó, 1989 b).

Todos estes novos comportamentos podem gerar problemas e conflitos e, apenas para dar alguns exemplos, cito: a coabitação, que nem sempre é assumida como uma forma de casamento; os casais, que moram em apartamentos separados e por isto têm muito mais despesas financeiras; os solteiros, que dividem apartamento e correm o risco de ficar sozinhos, caso um deles resolva casar.

Morar só, como foi visto, é um novo comportamento. É uma alternativa que se apresenta para as pessoas que são ou estão solteiras. Como também foi observado, existem diferentes tipos de solteiros. Entre eles, os que o são por opção e que foram

buscar a sua independência e autonomia; os que moram sós por opção. São estes que, daqui para frente, serão alvo de atenção especial.

2.3.1 Morar só

A falta de material disponível sobre pessoas que moram sozinhas é um dado relevante para compreender o “morar só” como um novo comportamento. A mídia servirá como auxiliar nesse estudo, já que tem anunciado o “morar só” como uma nova opção.

A rotina e os problemas enfrentados por quem mora só e precisa administrar a casa, o trabalho e as relações sociais, são temas que estão se tornando freqüentes nos jornais e nas revistas. Artigos como: “Os prazeres da solidão” (Alvarenga e Weinberg, 1996) anunciam o “morar só” como um novo estilo de vida que cada vez mais está sendo adotado.

Segundo depoimentos dados à revista Veja por solteiros que moram sozinhos:

“A existência solitária às vezes dói. (...) não dá para esquecer o dia em que não consegui de jeito nenhum abrir aquele desgraçado vidro de palmito. Foi salva pelo porteiro”. Ou então: “(...) Foi uma horrível dor na coluna que encurralou o advogado (...) num daqueles apertos da solidão. Na falta de outra companhia, a empregada com quem não tinha a menor intimidade, teve de ser improvisada como auxiliar em sessões de fisioterapia carregadas de água quente e muito constrangimento”. Ou ainda: “Acordou com o telefone tocando e virou o pescoço tão rápido que deu um jeito na coluna. Mal conseguia andar, parecia que o ar não chegaria aos pulmões. ‘Vim me arrastando do quarto para a sala para pegar o telefone. Achei que ia morrer e que só iriam me descobrir dias depois’. A mãe chegou logo” (p. 8).

Mas o que os mantém morando sós, mesmo com tantas dificuldades? Segundo os depoimentos dos solteiros citados acima, nenhuma destas situações é suficiente para desencorajá-los. A possibilidade de compartilhar a vida a dois não é

descartada, mas os prazeres da solidão, a liberdade de se espalhar pela casa, o repertório de idiossincrasias, aos poucos se consolidam e "(...) contabilizam mais alegrias do que dores" (ver: Alvarenga e Weinberg, 1996: 10).

Hoje, já é possível fazer um paralelo da situação no Brasil com a de países europeus e os Estados Unidos, onde o comportamento normal é o de os jovens saírem da casa dos pais ao atingir a maioridade, ou seja, o "morar só" é um comportamento comum. Nestes países e no Brasil, o número de pessoas que moram sozinhas vem aumentando. De acordo com os dados de Berquó e Cazenagui (1988): "(...) cresce a tendência das pessoas de quererem ou terem que morar sozinhas" (p. 155). Observando o comportamento das pessoas que vivem sós no Brasil, hoje, percebe-se a mudança e a tendência em adotar esta opção da forma como é feito nos países mais desenvolvidos do Ocidente.

Para estudar este novo comportamento, foram utilizadas as publicações de dados estatísticos, revelados pela pesquisadora Elza Berquó (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988; Berquó, 1989 b). Nestas, a autora faz um levantamento estatístico do número de pessoas que moram sozinhas no Brasil. Analisa os dados disponíveis e conclui que o número de pessoas que moram sós cresceu entre 1970 e 1980, sendo que, dentre esta população, 48,2% das pessoas vivendo sós são solteiras. Na realidade, existe um grande contingente de solteiros, homens e mulheres, que moram sozinhos. Este crescimento abrange todas as faixas etárias.

Berquó (1989 b) observou alterações significativas na formação da família brasileira a partir do aumento do número de uniões consensuais (sem legitimação) e do número de mães solteiras; a queda nas taxas de natalidade e conseqüentemente a redução do tamanho da família, etc. E a autora nos anuncia que estas alterações, mais o aumento do número de celibatários, a viuvez, o aumento de separações legais,

o excedente de mulheres no país, o aumento da perspectiva de vida e o recente movimento dos adultos jovens e solteiros de viverem sozinhos são fatores que geraram um maior contingente de pessoas morando sós (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988).

A proporção de pessoas que viviam sozinhas, no Brasil, entre 1950 e 1970 era de 5%, alcançando 7% em 1984. Apesar de ter pequena representatividade, estes números ganham maiores proporções a partir de 1970. Este é um fenômeno dos grandes centros urbanos contemporâneos, porém se verifica que é no Sudeste que estes números tomam proporções mais significativas (ver: Oliveira e Berquó, 1990).

De acordo com os dados estatísticos de Berquó (1988):

"(...) Crescendo a uma taxa média anual de 5, 43% entre 1970 e 1980, praticamente duas vezes maior do que o crescimento da população total de 15 anos ou mais, este contingente de pessoas vivendo sozinhas já é revelador de um quadro que reflete a presença em nossa sociedade de processos importantes de mudança. (...)" (p. 158).

A partir de tabelas organizadas por Berquó (1988), com base no censo demográfico de 1980, foi possível organizar o quadro abaixo, onde a população que mora só no Brasil foi distribuída por idade:

Idade	Pop. só	Homens morando sós	Mulheres morando sós
15 a 29	17, 7%	25, 1%	9, 4%
30 a 44	20, 8%	26, 0%	13, 7%
45 a 59	23, 4%	23, 4%	23, 5%
60 ou +	39, 1%	25, 6%	53, 4%

Dentro deste quadro de pessoas morando sós, foi observado que a maioria é constituída por homens. E, em geral, são os mais jovens e solteiros somados aos mais maduros e separados que predominam. Ainda assim, para todas as faixas

etárias, os homens solteiros são a maioria. Isto significa que é mais comum os homens irem morar sozinhos.

O censo de 1980 revelou que a participação dos jovens neste grupo vem crescendo a cada dia. Revelou também que do total de pessoas que moram sós, 46,9% são mulheres, sendo que a maior parte é constituída por viúvas seguidas pelas solteiras. Para os homens, viver sozinhos é um fenômeno que independe da idade mas, para as mulheres, estes números crescem à medida em que vão envelhecendo (ver: Berquó, 1989 b).

2.3.2 Mulheres que moram sós

Como Berquó indicou, dentre toda a população que mora só, 46,9% são mulheres e, entre estas, 31,9% formam o quadro das solteiras. Um exame detalhado destes dados se faz necessário para saber quem são estas 31,9 % de solteiras que vivem sozinhas, em que condições, porque estão morando sós, etc.

Existem várias razões para as mulheres estarem morando sós e de acordo com outros dados oferecidos por Berquó (1989 b), o número delas seria maior a partir dos 60 anos, concentrando nesta faixa etária as viúvas, as que se separaram e não voltaram a se casar e as que nunca se casaram mesmo. De acordo com a autora, a viuvez é responsável por 60% das mulheres que moram sós (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988).

Como já foi apontado anteriormente, há mais mulheres do que homens em nossa sociedade e muitos destes preferem as mulheres mais jovens na hora de escolher uma companheira. O resultado é que, à medida que as mulheres

envelhecem, diminuem suas chances de casamento (ver: Oliveira e Berquó, 1990; Serpa, 1998).

Berquó (1989 a) observou que o número de mulheres que vivem sozinhas vem aumentando a cada dia e, por isso, as diversas razões existentes para este comportamento não devem ser postas de lado, pois são básicas para explicar o aumento destes números no Brasil.

A autora acrescenta também que muitas mulheres que moram sós, o fazem por opção, como é freqüente nos países europeus e nos Estados Unidos. Para Berquó (1989 a), a opção por viver só envolve uma série de situações e entre elas o desejo de manter a privacidade, de ter o seu espaço próprio sem ter que dividir com ninguém, etc. Neste caso, a tendência a morar só está relacionada ao modelo individualista. Cada vez mais as pessoas estão valorizando a sua individualidade, tal como acontece em países europeus e nos Estados Unidos (Ibid.). Existe um contingente significativo de mulheres que simplesmente não deseja se casar e prefere viver só.

De acordo com Berquó (1989 a):

“Num estudo de que participamos sobre as representações da solidão entre mulheres de 30 anos ou mais, sem maridos ou parceiros, muitas alegaram ser muito mais cômodo viver sem marido e disseram não estar dispostas a enfrentar as complicações da vida conjugal” (p. 64).

Segundo a mesma autora, esta situação se deve em parte a uma consequência do feminismo, da liberação sexual e da auto-realização feminina.

Pôde ser verificado também que as mulheres (e as que moram sós em especial), nas áreas urbanas, têm se destacado e superado os homens com relação ao tempo dedicado aos estudos, alcançando inclusive um alto nível educacional (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988).

A vida nas grandes cidades exige uma maior qualificação e especialização profissional e para atingir estas especificações por vezes pode acontecer de as mulheres transcenderem as normas sociais de que todas devem casar e ter filhos. De acordo com Alves (1996), nas últimas três décadas, a mulher entrou com força no mercado de trabalho, alcançou a independência financeira e avançou também no investimento nos estudos. A autora aponta que estes dados são associados às transformações que ocorreram nas relações afetivas e coincidem com a queda nas taxas de fecundidade.

Berquó (1988) também observou, como já foi anunciado, o recente movimento dos adultos jovens e solteiros de viverem sozinhos. Este é um grupo que, segundo os dados fornecidos pela autora, vem crescendo, mas ainda tem pouca representatividade. Quer dizer, os dados estatísticos oferecidos por Berquó (1988, 1989 b) só revelam o aumento do número de jovens solteiros que moram sós, mas não desvendam o motivo deste aumento. Com relação ao grupo de mulheres jovens e solteiras que saíram da casa de seus pais para viverem sozinhas, não encontrei informações precisas a respeito.

De um modo geral, o número reduzido de mulheres jovens que moram sós pode ser justificado pelo argumento de que muitas mulheres, nesta faixa etária, estão casadas; em caso de separação, muitas vezes as mulheres permanecem morando com os pais, ou estão com a guarda dos filhos, acrescido do fato de que ainda precisam enfrentar os preconceitos e as resistências sociais, caso decidam sair da casa dos pais (ver: Berquó e Cazenaghi, 1988).

Conforme o interesse desta pesquisa, o grupo das mulheres que tem idade entre 25 e 35 anos, as jovens adultas e solteiras que moram sozinhas por opção será o foco de atenção principal. Neste caso, elas ainda podem optar ou não pelo

casamento e pelos filhos. E, como foi visto no capítulo anterior, as pessoas que fazem esta opção desejam marcar a sua particularidade, fazer a sua própria vida, buscando autenticidade, autonomia, liberdade e aperfeiçoamento pessoal (ver: Velho, 1981).

Morar só é uma opção que depende da história pessoal de cada uma e varia de acordo com a mesma. Isto é, a história de vida e também a faixa etária estudada devem ser levadas em conta porque viver sozinho tem significados diferentes para cada grupo.

Tendo em vista que se trata de um novo comportamento, eu pergunto: por que morar só?

3 Metodologia

3.1 Considerações

Para pesquisar um comportamento novo - o da mulher jovem que mora só por opção - foi necessário fazer uma pesquisa de campo.

Para levá-la a cabo, escolhi o método da análise de discurso como o instrumento que melhor se adequaria às suas necessidades, ou seja, que melhor permitiria compreender as especificidades do objeto de estudo. Informações referentes aos comportamentos, valores, emoções, motivações, etc. precisavam ser apreendidas de forma sensível, por estes revelarem aspectos subjetivos da realidade dos sujeitos.

A escolha deste campo de pesquisa, como já foi mencionado, foi influenciada por uma vivência prévia e intensa neste universo. Ao decidir morar só, pude verificar a riqueza da experiência e compartilhá-la com pessoas que estavam em situação semelhante. Diante de tantas questões que surgiram, vi-me frente ao desejo de explorar o assunto de forma científica e dar contornos a questionamentos desorientados.

Temas como: solidão, preconceito, autonomia, limites, entre tantos outros, sempre permeavam as conversas entre as pessoas que moram sós, sem que, no entanto, houvesse respostas para aliviar as dúvidas e embasar esta escolha.

Decidi, então, realizar uma pesquisa que direcionasse o olhar para estas questões, mas, desde o princípio, foi necessário tomar cuidado para não comprometer o andamento dos estudos, uma vez que eu estava inserida no contexto investigado.

Ao iniciar a pesquisa de campo, foi possível perceber que em alguns momentos me identifiquei com o sujeito investigado, mas, partindo do pressuposto de

que uma pesquisa não é realizada de forma neutra (quer dizer, que há por parte do pesquisador o objetivo de responder a certas questões quando está em campo), utilizei meus sentimentos e a minha experiência pessoal para expressar compreensão e interagir com os sujeitos de forma empática. De acordo com Dias (1995): "... o pesquisador vai conduzir, de certa forma, o entrevistado para as questões que ele, previamente, delimitou como relevantes para a compreensão do seu objeto de estudos" (p. 44).

Durante a entrevista, os sujeitos declararam-se orgulhosos por estarem participando da pesquisa e também por fazerem parte de um pequeno grupo de pessoas que adotou um novo comportamento.

3.2 Objetivos

Como foi observado no capítulo anterior, até pouco tempo atrás, as pessoas que moravam sós eram viúvas, separadas, vindas de outras cidades, as "solteironas", etc. Hoje, é possível encontrar também aqueles que moram sós por desejarem experimentar uma nova forma de viver, mesmo que, em alguns casos, ainda seja necessário enfrentar preconceitos. Assim fazendo, estão rompendo com ideais e padrões definidos de comportamento que determinam, por exemplo, que os solteiros devem permanecer morando com seus pais.

Também foi observado no terceiro capítulo que, atualmente, o que se destaca é uma multiplicidade de opções para os solteiros. Todas elas podem ser colocadas no conjunto dos novos comportamentos e entre algumas opções para os solteiros estão: continuar morando com os pais, dividir o apartamento com amigos, morar com o(a) namorado(a) sem que isto configure um casamento e sair da casa dos pais para

morar só. Diante da opção de não se casar ou não estar casado, morar só parece a alternativa possível (ver: Figueira, 1986; Dias, 1995).

O objetivo desta pesquisa é saber o que gerou a mudança de comportamento, ou seja, por que os solteiros hoje, diferentemente daqueles de gerações anteriores, estão saindo da casa de seus pais para morar sós.

Será que a transformação na estrutura familiar conduziu a este novo comportamento? Ou, ao contrário, este novo comportamento transformou a estrutura familiar? Será a decisão de morar só uma continuidade do percurso em direção ao individualismo iniciado na família ou é uma ruptura com a família para que se possa iniciar este percurso?

A partir destas perguntas, tentei entender como é que se configura este comportamento; quais foram as motivações dos sujeitos em relação a esta escolha; como se deu a influência familiar; qual foi a reação da família; quais foram as suas conseqüências para a dinâmica familiar e para as relações afetivas e amorosas; quais as mudanças que aconteceram na vida das entrevistadas e, finalmente, quais são os conflitos gerados por esta opção.

Levantei, em princípio, algumas hipóteses de conflitos gerados entre o comportamento moderno e o tradicional, como, por exemplo, a autonomia e a dependência, a solidão e a liberdade, obrigações e prazer, despesas e investimentos, entre uma infinidade de outras questões que se colocam no dia-a-dia.

Será avaliado, então, durante a análise dos dados, como cada conflito é vivenciado e elaborado.

A análise deste modo de vida poderá vir a ser útil ao trazer esclarecimentos sobre e para o sujeito da atualidade. Será de grande importância também para a

prática da psicologia clínica, uma vez que esta reflexão acabará por aprofundar o conhecimento sobre o sujeito da contemporaneidade.

3.3 Sujeitos

Como foi discutido no terceiro capítulo, o comportamento das mulheres sofreu grandes transformações no decorrer dos anos, as quais influenciaram e foram influenciadas pelas modificações sofridas pela família brasileira, em direção à modernização. Observando estas transformações, verificou-se que as mulheres estão na vanguarda do processo de modernização dos comportamentos.

Com isso, ficou definido no capítulo anterior que o comportamento das mulheres seria o foco de atenção desta pesquisa, uma vez que não seria possível trabalhar com uma amostra composta por mulheres e homens ao mesmo tempo.

Foram utilizados, então, como sujeitos, 10 mulheres solteiras, com idade entre 25 e 35 anos, cariocas, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média e com o segundo grau completo. Este recorte foi feito na tentativa de obter um perfil homogêneo na amostra, organizando, deste modo, um segmento com códigos de valores semelhantes. Além disso, estas mulheres:

- * Não tinham vivido um casamento formal (religioso e/ou civil);
- * Não tinham constituído família;
- * Estavam morando sós por um ano ou mais.

A ressalva de que os sujeitos deviam ser solteiros, com as especificações dadas acima, serviu ao propósito de compreender esta escolha como recorte específico de um novo comportamento. Como já foi descrito anteriormente, hoje existem muitas opções para os solteiros e morar só é mais uma que se apresenta.

Restringi a amostra a mulheres que nunca se casaram, nem constituíram família, para melhor observar o porquê desta escolha, pensando na história que diz que, até a década de 60, as mulheres apenas saíam da casa de seus pais para casar ou estudar.

Assim, era de fundamental importância que os pais destas mulheres morassem também na cidade do Rio de Janeiro ou tivessem morado, até o momento em que as entrevistadas decidiram sair de casa para viver sós. Isto é, se os pais vivessem em outra cidade, esta opção poderia ter sido tomada em função do desejo de vir para o Rio de Janeiro, para trabalhar ou estudar. Neste caso, a opção principal poderia ser morar no Rio de Janeiro e não “morar só”, como interessa investigar. Esta ressalva se faz, então, por querer entender o *porquê* desta *opção de morar só*.

Delimitei a faixa etária entre 25 e 35 anos por desejar trabalhar com mulheres adultas. Neste sentido, tomei como parâmetro a pesquisa feita por Leitão (1996), onde esta define que o fim da adolescência se dá por volta dos 25 anos de idade na classe média brasileira. De acordo com a pesquisa de Leitão (1996), a dinâmica familiar no Brasil mantém a dependência emocional e financeira dos filhos, prolongando o período da adolescência, adiando o movimento em direção à autonomia e independência.

A escolha de um grupo pertencente à classe média se deu, como já foi explicado, por estar mais exposta ao processo de modernização da sociedade e também mais imbuída da ideologia individualista.

É interessante observar que todas as entrevistadas fazem ou já fizeram análise em algum momento de suas vidas. Todas as dez entrevistadas têm o terceiro grau completo e a maioria já fez algum tipo de especialização. Neste grupo, duas possuem três diferentes profissões. O tempo em que moram sós varia de um a seis anos e a

idade que tinham ao sair da casa dos pais variou entre 23 anos (a idade mínima) e 31 anos (a idade máxima) neste grupo.

Em princípio, havia decidido trabalhar com moradoras da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, mas com a dificuldade de encontrar sujeitos que se adequassem às delimitações acima descritas, ampliei as possibilidades, não restringindo mais o local de moradia. Assim sendo, elas se espalham pelos bairros de: Laranjeiras (2), Cosme Velho (1), Flamengo (3), Botafogo (1), Jardim Botânico (1), Andaraí (1) e Usina (1).

Esta mesma dificuldade levou a pesquisa a concentrar a amostra em poucas opções profissionais. As entrevistadas são jornalistas (3), psicólogas (4), professora (1), guia de turismo (1) e roteirista (1). As duas últimas exercem também outras profissões.

O objetivo inicial era entrevistar vinte sujeitos; porém, durante o percurso de elaboração da dissertação, algumas mudanças de ordem prática foram impostas à pesquisa, sendo então necessário restringir a dez este número.

Durante a seleção dos sujeitos para a entrevista, deparei com a escassez de opções que se apresentavam. A maioria das mulheres disponíveis para a entrevista morava com outras pessoas, ou seja, dividia o apartamento. Ou ainda, era de outra cidade ou já havia se casado. Mas, como este é um universo que me é familiar, acabei por encontrar entre meus conhecidos algumas pessoas que poderiam indicar alguém, ou mesmo servir de sujeito, por estarem dentro dos propósitos da pesquisa. Logo a seguir, as próprias entrevistadas indicavam uma pessoa conhecida para a entrevista.

Acredito que o fato de haver uma indicação beneficiou o contato com os sujeitos, contribuindo para minimizar a desconfiança por estarem recebendo uma

desconhecida em suas residências e possibilitando criar um contexto informal e descontraído. Assim, evitou-se a inibição dos sujeitos entrevistados, que se permitiram falar livremente.

3.4 Procedimentos

Foi feita uma pesquisa de campo para compreender, entre outras coisas, as motivações dessas mulheres ao tomar a decisão de morarem sós e quais as implicações dessa escolha nas relações familiares e afetivas, bem como para a rotina diária de cada sujeito.

Os dados analisados foram coletados em entrevistas individuais semi-estruturadas com os sujeitos. Este modelo de entrevista semi-estruturada consta de uma parte estruturada, para a coleta de dados objetivos e uma segunda parte elaborada na forma de um roteiro, formado por itens. A utilização de um roteiro dividido em forma de itens permitiu abordar todas as categorias previamente selecionadas e também serviu como um guia no transcorrer da entrevista. As perguntas foram feitas na hora, de acordo com o fluxo das idéias expostas pelas entrevistadas em seus discursos, não seguindo a ordem estabelecida no roteiro. Neste caso, a entrevistada poderia dispor do assunto de acordo com sua história pessoal e os itens do roteiro iam sendo inseridos na conversa apenas quando não surgiam nos discursos das entrevistadas (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989).

A intenção, neste tipo de entrevista, é permitir ao entrevistado um espaço para manifestar temas ou questões que não foram previstos no roteiro, facilitando o desenrolar da entrevista que tem neste apenas um instrumento condutor dos temas investigados. Desta forma, o entrevistado fica livre para falar sobre questões

subjetivas e se expressar de acordo com sua história e o entrevistador pode, de forma sutil, conduzir e orientar a entrevista para o assunto em pauta (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994 a).

Este modelo de entrevista possibilita o acesso, através do discurso, às fantasias, contradições, coerências e ambigüidades dos sujeitos, que se relacionam à opção de morar só e constituem o quadro deste novo comportamento.

3.5 A construção do roteiro

A partir de conversas informais e livres com cinco mulheres solteiras que não moravam com os pais, tornou-se possível fazer um levantamento dos aspectos que deveriam ser investigados.

Algumas questões que já foram discutidas no terceiro capítulo e na parte referente aos objetivos desta pesquisa, como a autonomia, a dependência e a solidão, foram abordadas durante a conversa, uma vez que haviam sido citadas em pesquisas anteriores, por pessoas que moram sós (ver: Alvarenga e Weinberg, 1996).

Dentre as cinco mulheres entrevistadas nesta primeira fase, duas dividiam o apartamento com amigas e três moravam sós. Apenas duas saíram de casa para morar sozinhas; as outras vieram de outras cidades para estudar no Rio de Janeiro.

Com o resultado desta primeira etapa, foi construído um roteiro piloto, destacando as categorias levantadas durante as conversas e de posse deste, foram feitas duas entrevistas com outras mulheres. Nesta etapa, as mulheres entrevistadas moravam sós. No entanto, uma delas havia-se casado antes de morar só e a outra não havia nascido no Rio de Janeiro.

Com os resultados da segunda etapa, foi elaborado um outro roteiro de avaliação, subdividido em forma de itens, para realizar as entrevistas com os sujeitos da amostra principal. Este roteiro foi testado em outros dois sujeitos para verificar se o mesmo atendia às necessidades da pesquisa. Todas as entrevistadas moravam sós e estavam dentro das delimitações julgadas necessárias e descritas anteriormente.

Nenhum dos sujeitos entrevistados nas três primeiras etapas foi incluído na amostra.

A escolha dos itens do roteiro final deu-se pela seleção das categorias que surgiram nas etapas anteriores e, também, de acordo com o encaminhamento da própria pesquisa, que privilegiou questões referentes à modernização da família, ao individualismo e aos novos comportamentos, destacando o comportamento da mulher em relação a estas questões.

3.6 Entrevistas

Como já foi dito, foram realizadas dez entrevistas semi-estruturadas, com mulheres solteiras que moravam sós.

Em um primeiro momento, foram coletados os dados objetivos apresentados em um questionário organizado da seguinte forma:

Nome.
Bairro em que mora.
Bairro em que moram os pais.
Idade.
Profissão.
Grau de Escolaridade.
Nacionalidade e Naturalidade.
Classe social a que pertence. E os pais?
Mora só? Desde quando?
Apartamento próprio ou alugado?
É financeiramente independente?
Estado Civil?

Já coabitou?
Já dividiu o apartamento?

Num segundo momento, realizado com o roteiro elaborado de acordo com o descrito na fase anterior, foram coletados os dados subjetivos.

O roteiro era constituído por dez itens que, em alguns casos, continham sub-itens para serem ressaltados, caso não fossem abordados espontaneamente pelas entrevistadas. Os sub-itens têm como finalidade abarcar todos os aspectos relacionados aos itens do roteiro, possibilitando o desenrolar da entrevista em direção ao objetivo proposto. Como já foi visto, as perguntas eram feitas na hora em função do discurso das entrevistadas e apenas no caso dos itens não serem abordados pelas mesmas. O roteiro foi organizado da seguinte maneira:

- 1- Morar só (Motivação, sentimentos, reação da família, relação com a família - antes e depois de sair de casa)
- 2 - Independência
- 3- A casa (Descrição, rotina, administração)
- 4- Vantagens e desvantagens de morar só
- 5- Solidão (Sentimentos)
- 6- Relações (Sentimentos: amigos e namorados - antes e depois de morar só)
- 7- Visitas (Limites)
- 8- Mudanças
- 9- Opção por este estilo de vida (Planos para o futuro)
- 10- Histórias

Todas as entrevistadas foram previamente consultadas pelas pessoas que as indicaram. Assim, quando entrei em contato com elas, todas já estavam a par do assunto e de acordo com a realização da entrevista. Estas foram marcadas por telefone e todos os sujeitos mostraram-se bastante disponíveis, marcando o dia assim

que eu telefonava. Todas concordaram em realizar a entrevista em suas residências, visando observar de perto a organização e decoração da casa, incluindo a escolha e a disposição dos móveis.

Em alguns casos, as entrevistadas me receberam como uma visita, oferecendo café, refrigerante, pipoca ou mesmo me convidando para almoçar. Todas mostraram as suas casas com boa vontade, sem esconder o orgulho que sentem por elas.

Em geral, a conversa era iniciada por mim, explicando que se tratava de uma pesquisa para dissertação de Mestrado. Esta conversa inicial tinha o intuito de quebrar o gelo e descontraír o ambiente, deixando as entrevistadas à vontade. Em seguida era explicado que seriam feitas perguntas para colher dados objetivos e a partir deste ponto a entrevista seguiria em forma de uma conversa informal.

As perguntas objetivas eram feitas e, em muitos casos, os itens do roteiro já eram abordados pelas entrevistadas nesta etapa. Quando isto não ocorria, a segunda fase era iniciada com o primeiro item do roteiro, ou seja, morar só. Neste caso, aproveitava alguma deixa na conversa que permitisse a abordagem do tema. Daí em diante os outros itens eram abordados de acordo com o desenrolar da conversa, sem haver preocupação em seguir a ordem estabelecida no roteiro (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989).

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos sujeitos, para posterior transcrição, facilitando, assim, o trabalho de análise dos dados.

Estes cuidados foram tomados para que fosse possível estabelecer um clima descontraído e permitir que a entrevista transcorresse de maneira informal, facilitando a comunicação entre o entrevistador e a pessoa entrevistada. Estabelecer um clima informal era fundamental para o desenrolar da entrevista, levando-se em

consideração que eu estava entrando em assuntos íntimos e desejava apreender aspectos subjetivos do discurso dos sujeitos.

3.7 Análise dos Dados

Como já foi dito no início do capítulo, para a análise dos dados foi utilizada a análise do discurso, como o instrumento necessário para compreender a origem social, a motivação, o comportamento, os conflitos, os valores, etc., presentes no discurso examinado. As falas das entrevistadas foram utilizadas para viabilizar o acesso a estas informações.

Este instrumento (a análise do discurso) serviu, então, para tentar tornar claros aspectos obscuros da fala das entrevistadas. Isto é, de acordo com Nicolaci-da-Costa (1989): "... tornar visíveis processos íntimos que por serem muitas vezes inconscientes eram desconhecidos mesmo para os entrevistados". (p. 105).

No capítulo seguinte, onde será apresentada a análise das entrevistas, foram utilizados os dez itens selecionados no roteiro para conduzir a avaliação dos discursos. Esses dez itens foram subdivididos em sub-itens, de acordo com as categorias que foram emergindo do discurso das entrevistadas.

As entrevistas foram transcritas apenas nos trechos relevantes para a pesquisa, preservando ao máximo o que foi dito pelo entrevistado, dando espaço também às ênfases, hesitações, gírias, concordâncias verbais, etc. (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989).

Os nomes utilizados nas transcrições foram alterados no intuito de preservar a identidade verdadeira das entrevistadas.

Com a análise dos dados, tentei evidenciar as contradições, as similaridades, as diferenças, etc., dos discursos, destacando o que é fundamental e geral, o que é específico, o que é um problema e se este assim se apresenta para todas as entrevistadas, tentando associar o que se evidencia com a trajetória de cada uma delas.

Também foi aberto um espaço para que, em alguns momentos, a própria entrevistada se expressasse. Neste caso, a transcrição da fala explicará melhor do que qualquer análise poderia vir a fazer, porque, com a transcrição, é possível observar: "... a contradição entre diferentes conjuntos de valores veiculados em diferentes pontos do discurso dos entrevistados" (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989: 107).

Todas as impressões percebidas durante as entrevistas foram apontadas e descritas, no intuito de enriquecer a análise. A partir desta será possível, então, compreender alguns dos processos que levaram a este novo comportamento, as motivações e por trás do mesmo, finalmente, como se configura esta opção.

4 Análise dos Resultados

De acordo com o que foi explicado no capítulo anterior, a análise dos dados foi feita seguindo os itens do roteiro utilizado nas entrevistas. Estes foram divididos em sub-itens, conforme as categorias que surgiram. Deste modo, foi possível abarcar todas as questões abordadas e dar prosseguimento à pesquisa segundo o seu objetivo.

Para apresentar os resultados, a análise dos dados seguiu na direção do trajeto percorrido pelas entrevistadas desde o momento em que decidiram sair da casa dos seus pais até o dia da entrevista. Como foi dito no capítulo anterior, interessa observar e compreender como se configura este comportamento, quais as motivações das entrevistadas para morarem sós, qual a influência familiar nesta decisão e quais são as consequências para as relações familiares, afetivas e amorosas.

As mudanças que ocorrem na vida das entrevistadas foram observadas para que fosse possível compreender as implicações deste comportamento e as perspectivas futuras para os relacionamentos. Como já foi dito também, levantei algumas hipóteses de conflitos e a intenção é verificar o que os desencadeia, os valores por trás destes e as soluções encontradas por elas para solucioná-los.

A utilização de transcrições de trechos dos discursos das entrevistadas permitiu vislumbrar com clareza informações relevantes à pesquisa. Assim, o acesso às fantasias, às dúvidas, às contradições, aos conflitos e às ambigüidades presentes nos discursos das entrevistadas foi facilitado. Estes dados oferecem ferramentas à análise das entrevistas, permitindo desvendar o que significa “morar só” para os sujeitos desta amostra. Como já foi anunciado no capítulo anterior, os nomes utilizados nas transcrições são fictícios, a fim de proteger a privacidade das entrevistadas.

4.1 Primeiro momento - sair da casa dos pais

4.1.1 Motivos para morar só

Os motivos alegados pelas entrevistadas para deixar a casa dos pais são muitos e, segundo os seus depoimentos, o desejo de morar só pode ter sido despertado por conflitos na relação familiar, por uma necessidade de individualização, por terem viajado e conhecido outras culturas onde o natural é sair da casa dos pais ao se tomarem adultas, etc.

Foram observados, neste item, a dinâmica familiar; a reação da família diante desta decisão; o processo de independência das entrevistadas em relação aos seus pais e as mudanças que ocorreram no relacionamento familiar.

4.1.1.1 Dificuldades na relação familiar

A relação familiar foi apontada pelas entrevistadas como sendo a principal responsável pelo desejo de sair de casa. A diferença entre os valores e a dinâmica de vida das entrevistadas e de seus pais acabou por tornar a convivência difícil e os conflitos freqüentes. O resultado foi o despertar do desejo das entrevistadas de seguir o próprio caminho, separando-se dos pais.

Nenhuma entrevistada, porém, alegou ter tido uma relação insuportável com a família. Segundo os depoimentos, o foco de maior conflito para elas era a necessidade que tinham de serem tratadas como adultas. Para os pais, isso era muito difícil de entender e respeitar e, por isso, continuavam tratando-as como crianças que devem obediência. Elas não eram respeitadas como profissionais e adultas.

De acordo com os depoimentos abaixo, a relação familiar tinha conflitos porque:

Fernanda: "É ... e a gente tinha muita briga, muita picuinha que não precisava ter, muito em função também do fato que chega uma hora que os pais têm dificuldade em aceitar que o filho é um adulto. Não tô falando nem de questão de maturidade, não. Mas, é um terceiro adulto, que tem necessidades, que tem uma dinâmica, que tem uma forma de viver muito diferente da deles. Eu sou muito diferente deles. Meu pai brigava comigo porque eu saía de casa na hora que tinha que estar chegando. Minha mãe tem muito essa coisa meio invasora, né? E eu culpo, no bom sentido, ela, quer dizer, por causa dela ser invasora, eu podia permitir e aquilo podia não me incomodar. Mas, na medida em que me incomodava eu queria mais ter o meu espaço". (26 anos, 1 ano e meio, morando só, psicóloga)

Clarice: "... é muito difícil. Sempre tem pergunta daquele tipo assim: 'Mas você vai sair?'. 'Você vai sair com quem?'. 'Vai aonde?'. Por mais que você tenha idade. 'Vai chegar tarde?'. Eram perguntas inevitáveis. Ou então, toca o telefone: 'Quem era?'. 'Ah é seu amigo?'. 'D'aonde ele é?'. Então, ainda mais o meu pai, que é uma pessoa muito curiosa". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Com relação às famílias desta amostra, as mães são, em geral, vistas como muito preocupadas e os pais como controladores e autoritários. Chamou-me a atenção o fato de que, apesar do recrutamento aleatório, os pais das entrevistadas ainda são casados ou estão viúvos. Não há casos de separação ou divórcio neste grupo.

Todas as famílias apresentam traços tradicionais e modernos, o que pode ter gerado uma confusão de valores. Ao mesmo tempo em que os pais criam as filhas mais presas, querem que elas se casem e cuidem de uma família, também incentivam sua vida profissional. Com isso, as filhas amadurecem e se encaminham para uma vida independente, autônoma. Segundo as entrevistadas, este é um caminho sem volta, porque, ao se inserirem na vida social e profissional, não há mais como permanecerem fiéis a antigos valores que colocam a mulher no papel de mãe e dona de casa. Hoje os papéis reservados à mulher são muitos e apresentam perspectivas

de crescimento pessoal e profissional. Assim, se estabelecem as diferenças de valores que criam os conflitos e impulsionam para uma vida independente.

Durante o período em que elas moraram com os pais, foi necessário marcar o espaço, negociar a liberdade e a privacidade. Precisavam sempre prestar contas a eles, mesmo quando já contribuíam para o orçamento da casa e eram financeiramente independentes. Muitas alegaram morar apenas em seus quartos.

Segundo um depoimento coletado, a dinâmica familiar influenciou a decisão de sair de casa porque:

Denise: "... minha mãe acumulou funções e sempre foi uma pessoa muito presente, nunca foi daquele tipo de mãe caxias, que cobra estudo e tal, mas sempre foi muito espaçosa. Então, acho que sair de casa foi muito isso mesmo, foi buscar uma individualidade, uma coisa minha, poder não prestar contas da hora que você chega ... Porque eu já tinha ... quando eu tava em casa, eu já tinha a minha independência financeira, eu já trabalhava. Já era independente, já pagava as minhas coisas, já colaborava em casa, então, incomodava um pouco ter que prestar contas, já sendo maior de idade". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

As entrevistadas apontam também a relação com a mãe como sendo um foco de conflito constante. Parece que se torna difícil para duas mulheres adultas morarem juntas. A dona da casa é a mãe. É ela quem dita as regras da casa e de como administrá-la: neste caso, resta à filha acatá-las. Elas não podiam, na maioria das vezes, interferir na decoração da casa dos pais, utilizar a cozinha com frequência, dar festas ou receber os amigos, ouvir música alta, falar ao telefone por muito tempo, navegar na Internet, entre outras pequenas limitações e, quando o faziam, corriam o risco de aborrecer a mãe por estarem invadindo sua privacidade.

O desejo de ter a própria casa acaba sendo impulsionado, então, pelas restrições impostas a elas por seus pais e, principalmente, pelas mães.

As falas abaixo deixam claro o que as entrevistadas sentiam:

Michele: "Mas, ao mesmo tempo, lá eu não sentia que era a minha casa. Ao mesmo tempo que aqui é, eu tenho toda a liberdade, eu acho que aqui é um espaço meu, onde eu mando, onde as leis são minhas". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Rosa: "E tem aquela coisa, uma casa fica muito pequena prá duas mulheres. Ainda mais competindo como a minha mãe, que quer ser a dona da casa, a dona das pessoas dessa casa. Da casa e das pessoas, então, eu encaro como uma competição. Prá mim simboliza o seguinte: lá eu tenho duas prateleiras na geladeira e aqui eu tenho a geladeira toda". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Nem todas as situações se configuraram por haver conflitos familiares. Outras entrevistadas, mesmo com algumas dificuldades na relação com a família, não consideram este o motivo principal por terem saído da casa dos pais para morarem sós. De acordo com estas, o caminho natural era este, pois havia o desejo de serem independentes e de terem um espaço próprio para morar.

As falas a seguir explicam, então, quais foram as suas motivações:

Luciana: "A primeira vez eu tinha, sei lá, 26 anos eu acho, 25. Era uma coisa meio de ver o que acontece. Como é isso de morar sozinha? Será que eu agüento? Será que é legal? E ... foi legal, foi uma experiência boa. Da segunda vez eu tive a sensação que eu queria ter o meu espaço. Eu já tinha tido um espaço meu e que voltar prá casa dos meus pais era perder esse espaço. Aí eu fiquei numa angústia imensa de voltar a ter um lugar meu prá viver, prá fazer as coisas do meu jeito". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Patrícia: "Mas, sempre foi uma coisa que eu quis fazer. Até porque, embora eu me dê bem com os meus pais, eu não tinha problema nenhum em casa, tinha a maior mordomia, aliás, né? Eu só me sentia incomodada, quer dizer, não tinha briga, nem ... Eu me sentia bem na casa dela". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Sandra: "Assim, a gente tem uma relação familiar super legal. Não saí de casa porque não agüentava os meus pais, não. Era maneira a relação. Tinha essa coisa normal de família ... às vezes é chato mesmo". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Para algumas entrevistadas, morar só tratava-se de um sonho. Era um desejo que estava aliado a focos de conflitos familiares, como, por exemplo, a falta de privacidade, invasão de espaço, etc. A necessidade de preservar a individualidade aparece como um desejo central nesta amostra.

Na realidade, as entrevistadas alegam que pela idade delas, o mais certo era sair da casa dos pais. Mesmo porque não fazia sentido crescerem, tornarem-se adultas, independentes financeiramente e continuarem morando com os pais. Seria sinal de respeito sair da casa dos pais para não incomodá-los, nem tentar impor outra dinâmica à casa.

Como explicam as entrevistadas:

Simone: "E chega um tempo da relação com os pais, que eu acho que as divergências ideológicas começam a ficar muito mais fortes, assim, as diferenças de opinião. E, por uma questão até de respeito, eu acredito, faz parte separar. Eu acho que é bem natural. Talvez na nossa cultura isso aconteça muito tarde. Eu acho até que eu saí tarde de casa". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Isabel: "Uma coisa de sonho mesmo. É engraçado, porque várias pessoas já fizeram essa pergunta pra mim. 'Foi uma circunstância? Uma coisa que apareceu? Facilitou? Tava com um bom emprego, por que não sair de casa?'. Não. De jeito nenhum. Eu sempre quis sair de casa! A independência pra mim é muito importante. O espaço é muito importante". (31anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Michele: "Mas, é muito adulto junto. É uma maluquice, uma coisa meio doentia, isso. A minha idade também, achava um absurdo, não gostava dessa situação de morar com os meus pais. Eu não conseguia ter a minha individualidade, a minha ... era muito assim ... Não tinha muito espaço pra mim naquela casa. A casa nem é muito grande e mesmo que tivesse cem quartos, se fosse um palácio, também não ia ter. Meu pai ocupa muito o espaço, assim né? Nunca, na minha casa, ninguém pode ter uma porta de quarto fechada, mesmo grande. Meu pai se intromete muito, é tudo muito misturado". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Observando os depoimentos dados pelas entrevistadas e descritos acima, pode-se perceber que, independente do que motivou cada uma a sair da casa dos pais, a relação familiar sempre está presente como o núcleo desencadeador do desejo de morar só.

A necessidade de serem respeitadas como adultas, onde pudessem exercitar a autonomia, preservar a individualidade e impor uma dinâmica própria a suas vidas são as motivações destas mulheres entrevistadas, que saíram da casa dos pais para buscar um estilo de vida, onde isto fosse possível. Uma vez que tivessem sua casa, tudo isto se tornaria viável. Para tanto, precisaram se afastar da família que, na maior parte dos casos, não permitia o seu amadurecimento.

4.1.1.2 Viagens

A maioria das entrevistadas viajou para fora do país antes de morar só. Há também, neste grupo, casos de entrevistadas que passaram um período de suas vidas morando com os pais em outros estados do Brasil. E, segundo as entrevistadas, a experiência das viagens acabou motivando o desejo de morar só.

A fala descrita a seguir explica de que forma as viagens se relacionam com o desejo de morar só:

Sandra: "... a gente morou em vários lugares. Assim, com 4 anos a gente mudou prá Manaus e moramos lá dois anos. Depois mudamos prá Salvador, moramos quatro anos. Depois prá São Paulo, por dois anos e meio e depois pro Rio. Aí, fiz um ano de intercâmbio nos Estados Unidos. Depois morei um ano em Londres. Aí, eu voltei e morei seis meses na casa dos meus pais. Mas, naquela assim, justamente de já ... achando que já era prá sair. Difícil de tá de novo naquela coisa, naquela ... enfim, naquele esquema. Depois de ter morado sozinha é difícil morar de novo com a família". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Há, neste grupo, três entrevistadas que moraram no exterior e duas que saíram da casa dos pais para morar em outra cidade do Brasil, antes de morarem sós, aqui no Rio de Janeiro. As entrevistadas que moraram no exterior viajaram com o intuito de estudar e conhecer outra cultura. Todas estas, ao retornar, ficaram novamente com os pais, saindo depois de um tempo para morarem sós. Elas alegam que a maior dificuldade para sair de casa era financeira, pois estava difícil arrumar emprego e ter um bom salário.

Das duas entrevistadas que viveram fora do Rio de Janeiro, uma morou só e a outra dividiu o apartamento com amigas. Estas, ao chegarem ao Rio de Janeiro, foram direto morar sós.

O fato de viver em outra cidade ou país dá uma perspectiva diferente para elas: tiveram um período de independência e liberdade que as transformou. Não dava para voltar para a casa dos pais e se tornarem novamente dependentes. Segundo seus depoimentos, esta experiência de morar fora do Brasil ou do Rio de Janeiro foi fundamental para a concretização do desejo de morarem sós. A fala a seguir explica este percurso:

Patrícia: “A primeira Pós - Graduação que eu fiz, eu morei três anos na França. E, aí, quando eu voltei, eu não queria ter voltado prá casa dos meus pais. Mas aí, eu tava trabalhando no JB e o JB paga mal. (risos) E não dava, realmente, prá eu sair de casa, me bancar sozinha. Acho que o problema aqui no Brasil é grana, né? Não é falta de vontade ... Só que já era uma coisa que eu queria fazer, porque eu já tinha morado sozinha lá fora. Porque aí eu fiquei morando longe dos meus pais, só vinha uma vez por ano e a gente também se falava muito pouco. Eles ficaram fora da minha vida. Eu sobrevivi sem eles e era bom. (risos) ... Até porque, na França, todo mundo sai de casa muito cedo. Termina o segundo grau, os pais botam prá ... quem fica em casa é encarado como não muito normal. Então, eu meio que aprendi muito com isso porque realmente é uma outra realidade”. (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Conforme foi declarado pelas entrevistadas, viajar muito, morar fora do Brasil ou da cidade do Rio de Janeiro havia sido fundamental para suas vidas. Elas apontam estas experiências como significativas para o que são hoje. Conhecer outras culturas parece abrir um leque de possibilidades, além daquelas já conhecidas e tradicionais.

Elas experimentaram uma vida independente, sem o controle familiar e comprovaram que são capazes de cuidar sozinhas da própria vida. Retornar para a casa dos pais era regredir, era perder este avanço em suas vidas. Na realidade, para elas, o normal é crescer e morar longe dos pais, como fazem as pessoas de outras culturas e como fizeram, quando moraram fora do país.

Para as entrevistadas que saíram da casa dos pais para morar fora do Rio de Janeiro, este foi apenas o primeiro passo, um estágio onde se prepararam para morar sós no Rio de Janeiro. Na verdade, a maioria das entrevistadas passou por um processo para conseguir este objetivo e, com isso, elas puderam amadurecer a idéia e alcançar a autonomia financeira necessária na realização deste projeto.

4.1.2 Oportunidades para sair da casa dos pais

As entrevistadas já pensavam na hipótese de sair da casa dos pais há muito tempo, mas, por dificuldades financeiras ou emocionais, este era apenas um projeto, sem forma concreta. Justamente por isto, elas foram atrás de oportunidades que surgiram, facilitando, então, este processo.

Assim, algumas entrevistadas dividiram o apartamento com amigas antes de morarem sós. Escolheram a melhor forma de sair de acordo com suas disponibilidades emocionais e financeiras. As falas a seguir explicam como surgiram estas oportunidades:

Clarice: "Quando eu cheguei lá, essa amiga já tinha um apartamento. 'Ah, já existe? Então vai ser menos difícil'. Então, eu fui assim no barco da facilidade. E achei que ia ser legal viver com outras mulheres, assim, trocar idéia, todo mundo, viver com outras pessoas diferentes". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Luciana: "Era uma pessoa que eu conhecia e que entrou em contato com uma amiga minha, perguntando se ela não conhecia alguém que ficaria na casa dela durante um ano e aí, casou tudo. E eu achei legal ... Era uma oportunidade de sair da casa dos meus pais, mas sem ter muitos gastos porque a casa dela tava toda montada. E também era uma coisa meio provisória, se eu me sentisse sozinha, não sabia como ia ser. E foi uma experiência excelente, assim". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Através destas oportunidades as entrevistadas viabilizaram o desejo de sair da casa dos pais, podendo experimentar um pouco o que é morar só ou o que é morar longe deles. Neste caso, a situação era provisória, elas não tiveram tantos gastos e havia a companhia de outras pessoas para dividir as dúvidas e os medos.

Para algumas entrevistadas, houve o apoio da família, o que facilitou este movimento de sair da casa dos pais; no entanto, para outras, este foi um momento bastante delicado e não só não puderam contar com o apoio deles, como também precisaram enfrentar os conflitos causados na família por sua decisão.

4.1.3 Reação familiar

A reação da família, na hora que as entrevistadas comunicaram a decisão de sair de casa foi, de um modo geral, negativa, levando a conflitos e a intensas negociações. Mas, também, encontrei casos em que a própria família incentivou e proporcionou as condições para que a filha pudesse morar só.

Mesmo para os pais que, em princípio, não concordaram com a escolha delas, em algum momento acabaram por participar da mudança. Os que não concordaram

nem participaram da mudança ainda mantêm o convívio, apesar de terem ameaçado cortar os laços afetivos.

4.1.3.1 Conflitos

O momento de sair de casa foi bastante delicado. Para algumas entrevistadas, configurou-se por conflitos familiares, por seus pais não aceitarem de imediato a idéia. Algumas precisaram argumentar, para que eles entendessem seus motivos. Para a maioria delas, o desejo de morar só sempre existiu e nunca foi escondido deles.

Durante as negociações ou argumentações com os pais era necessário explicar o porquê de estarem saindo de casa, mostrar que não era por “culpa” deles. Mas nem todas deram chances aos pais para pensar a respeito da situação. Nestes casos, apesar do desejo de sair de casa ser explícito, parece que os pais não o levaram muito a sério: o resultado é que, na hora que elas o fizeram, eles levaram um susto e ficaram sem saber o que fazer.

A seguir, elas contam como foram as reações dos pais no momento em que comunicaram a decisão de sair de casa:

Isabel: “Bom, a minha mãe muito mal. Como até hoje. Ela não entende como é que eu posso estar morando sozinha. Não enche mais o saco, não pergunta mais nem nada, mas, qualquer situação, qualquer conversa que possa ter, ela fala: ‘Pois é, fica lá sozinha, né? E coisa e tal e não dá prá entender isso’... Eu dei a notícia, como sempre eu sou bem objetiva, eu digo logo, na hora, né? Ele levou um susto! Tipo assim: ‘Meu Deus, ela vai mesmo’. Porque eu não dei tempo de ficar remoendo a situação não, entendeu? Eu já tinha procurado apartamento sem falar com eles, exatamente prá não dar margem a ficarem ... (risos). Mas, no dia da mudança, quando amanheceu, ele caiu numa doença profunda assim, uma gripe horrorosa, daquelas! Muito difícil ele ir prá cama, muito difícil o meu pai ficar doente. Caiu numa daquelas de arriar e não me viu sair”. (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Michele: “Eu ... quando eu encontrei esse apartamento e decidi que ia alugar, eu não falei pro meu pai. Falei assim, dez dias antes, que eu ia me mudar. Ele ficou puto, falou: ‘Não, não, não sei o quê. Então você nunca mais volta aqui. Não falo mais com você’. Aquelas coisas, né?” (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

A maioria das entrevistadas apontou o desejo de não precisar casar para sair de casa, sendo este um dos principais focos de conflitos com a família, no momento em que anunciaram a sua decisão. Parece que ainda hoje é muito difícil, para os pais, entender que as mulheres não vão necessariamente casar, ou não vão ter o casamento como principal objetivo para suas vidas. Nestes casos, sair da casa dos pais para viver outras experiências, como dividir o apartamento com amigas ou morar só, é ir contra o que eles imaginam ser o certo.

Por terem sido criadas sem um incentivo à liberdade e autonomia, o desejo das entrevistadas, então, era justamente este: poder experimentar uma vida independente antes de se casarem, saber cuidar de uma casa, estar sós, sem os pais ou mesmo um marido por perto, para aprenderem a gerenciar as suas vidas. As falas abaixo explicam esta questão:

Fernanda: “E eu me preocupava muito com isso, de morar sozinha um tempo antes de me casar. Prá poder ter esse espaço meu. Poder curtir um pouco essa vida sozinha”. (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Isabel: “Eu nunca quis sair de casa prá casar. Sempre tive muito medo, meu pai sempre ria muito de mim, que eu dizia prá ele: ‘O quê? Eu vou sair da sua mão prá ir prá mão de marido? Nem morta eu vou fazer isso!’. (risos) Então, talvez aí se justifique essa minha escolha, né? Medo de sair e ser dependente de marido, sei lá. Na análise a gente vê muito essas coisas, né?”. (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Segundo alguns depoimentos, a sexualidade era um tema de preocupação, medo e preconceito por parte dos pais; afinal, uma mulher que mora sozinha é livre para exercer a sua sexualidade. Mas isto não era explicitado por ninguém.

Uma entrevistada conta como seus pais encaram esta situação de uma mulher solteira que morar só:

Simone: "Olha, essa idéia foi sendo lançada aos poucos. Desde que eu decidi até eu sair de casa foram seis meses. E quando eu comuniquei, enfim, comecei a dar as primeiras ... 'Olha, tô pensando em fazer, não sei o quê ...'. Primeiro, eu conversei com a minha mãe, que é muito cúmplice pra esses assuntos. Meu pai inclusive, assim, ... Ele tinha uma coisa muito radical. De realmente achar que eu não deveria sair se não casasse. E, na última instância de tanto conversar, tanto conversar, ele falou assim: 'Se você quer você faz'. Mas, a gente chegou a ter discussões brabas no meio das ... Entre comunicar e ele chegar e falar isso, tiveram algumas crises no meio. Do gênero de ele falar que: 'Filha dele não devia fazer um negócio desse tipo'. E eu: 'Que filha dele o quê?'. 'Eu não sou sua. Você não tem o direito de posse. Não é nada disso'. Então, teve toda uma negociação mais de valor com ele". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Assim, aliado aos já citados motivos para saírem de casa, as entrevistadas deixam claro que acham importante passar pela experiência de morarem sós antes de casar, até para se prepararem para uma vida a dois. Isto permite que elas vivenciem muitas coisas, principalmente que aprendam a viver sozinhas.

Diante da informação de que elas iriam sair de casa, os pais reagiram, na maioria das vezes, com indignação e até incredulidade; afinal, como é que elas decidiam emancipar-se e tornar-se independentes? A reação do pai de uma entrevistada, como foi descrito anteriormente, mostra a sua preocupação com a filha, que, ao sair de casa para morar só, deixa de estar sob seu controle e cuidado.

As argumentações e explicações apresentadas por elas aos pais parece que serviram para que a separação se desse de forma menos dolorosa para todos. Com isso, puderam até fazer com que eles compreendessem seus motivos e atitudes, revertendo a situação e podendo até, em alguns casos, contar com a ajuda e o apoio dos pais.

4.1.3.2 Incentivo

Neste grupo, encontrei depoimentos onde as entrevistadas alegam que sempre houve um incentivo familiar a uma vida independente. E para algumas entrevistadas, o incentivo principal para morarem sós pode até ter vindo dos pais. Mesmo as famílias que não permitiam um espaço para o desenvolvimento da individualidade, foi possível encontrar alguns pais que incentivaram este movimento de sair de casa cujo objetivo, como já foi dito, sempre lhes foi comunicado.

Dado que as entrevistadas estão em início de carreira, passando por dificuldades financeiras, a ajuda familiar foi, em muitos casos, fundamental para que este movimento pudesse ocorrer.

Abaixo, seguem as falas de algumas entrevistadas, contando como se dá o apoio e o incentivo familiar para morarem sós:

Fernanda: "Bom, aí o meu pai tava numa situação financeira muito boa e ainda tá, e ele propôs me ajudar. Eu arcaria com tantas contas e me manteria a partir de tal renda e ele me ajudaria no aluguel, enfim. A idéia é que a minha renda aumente e ele vá parando de me ajudar com o tempo ... Até foi uma coisa super difícil, porque eu sou muito orgulhosa. Na minha cabeça é inconcebível sair de casa e ficar sendo bancada pelo pai. Isso é um absurdo. Depois eu percebi que isso, na verdade, era um gesto de ... força, né? De poder dizer: 'Vai viver a sua vida e eu vou te dar o que eu ... as ferramentas que eu puder prá você ser o mais forte e independente prá encarar a vida, assim'. Aí eu comecei a pensar em aceitar, mas isso levou muito tempo". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Rosa: "Aí, meu pai começou com um papo: 'Ah, por que você não vai morar sozinha?'. Eu não queria, prá ser subsidiada não tem graça. Meu pai insistiu e quando começou a insistir demais e começou a falar: 'Eu acho que você *devia* ir morar sozinha!'. Aí o que eu fui fazer, mas, eu vim de má vontade. Hoje em dia eu até de certa forma agradeço ao meu pai". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Sandra: "E quando eu fui falar em sair de casa, eles já tavam mais ou menos sacando. (...) Aí, nisso de tá procurando apartamento, meu pai resolveu dar o apartamento. Eu acho que tinha um impulso meu, que era próprio meu. E tinha a condição viabilizada pela família ... Acho que cada

ida prá morar sozinha tem a ver muito com essa história de cada um. E isso era uma coisa clara, até porque na minha casa também, teve essa coisa de: 'Aproveita a vida, viaja'. Era uma educação, assim, tipo os meus namorados dormiam comigo. Meus pais nunca tiveram muito ... essa coisa nunca se colocou de fato prá mim. Ter que precisar casar prá sair de casa". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Apesar do desejo de morar só, as entrevistadas passaram por momentos de muitas dúvidas na hora de decidirem sair de casa. O fato de ainda não terem condições financeiras para se sustentar aliado à imaturidade emocional para enfrentar uma situação nova e desconhecida, estava levando a adiarem este projeto. Assim, o apoio dos pais foi fundamental nesta decisão que, em muitos casos, ainda não estava madura. Parece que o fato de saírem de casa contando com o apoio dos pais não tinha o mesmo valor que sair por sua conta e risco. Pode-se dizer então que, nestes casos, as negociações foram no sentido de que os pais convencessem as filhas de que esta ajuda seria importante para que a vida começasse sem muitos tropeços. A ajuda, na realidade, foi fundamental, porque viabilizou o projeto de morarem sós.

4.1.4 Independência X Dependência familiar

Como pode ser verificado no terceiro capítulo, a independência é um processo que faz parte do amadurecimento do ser humano, que passa de uma situação de total dependência para, com o tempo, se tornar independente. Assim, para as entrevistadas, a independência da família é um processo que ainda está se dando e acontece à medida em que adquirem autonomia para administrar suas vidas. Estas são questões que perpassam toda a trajetória das entrevistadas e poderão ser observadas em outros itens, como: as relações, a casa, vantagens e desvantagens de morar só e mudanças.

A fala a seguir explica este processo:

Isabel: “Eu acho que hoje eu sou muito menos dependente do que eu era antes. Porque antes eu sofria muito. ‘Será que eu vou conseguir pagar as contas? Será que eu ...’. Nossa! Era um tormento. Eu ficava pensando o tempo todo no dia cinco. Famigerado dia cinco. (risos) ‘As contas vão chegar e eu não sei se eu vou conseguir’. Foi difícil conseguir uma certa estabilidade com ... com a minha profissão. Teve uma época, teve um dado momento que eu falei: ‘Chega! Você conseguiu até agora, pára de ficar sofrendo com isso’. Quando eu acho que me dei conta disso, melhorou muito”. (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Algumas entrevistadas contaram com o incentivo familiar à independência, mas nem sempre o pai e a mãe concordavam neste ponto. Encontrei casos em que apenas o pai ou a mãe incentivavam a filha. E outros onde, ainda hoje, não há nenhum incentivo à independência, até porque isto implica em tomarem-se também independentes dela. Segundo algumas entrevistadas, a filha mulher é a principal responsável pela ligação familiar. Se houver um problema, é a ela que os pais recorrem para ajudar a resolver, dar apoio, etc. Nestes casos, a família dificulta o amadurecimento e o percurso em direção à autonomia.

Para as entrevistadas, esta situação teve diferentes repercussões. Observei depoimentos onde algumas declaram que o fato de serem mulheres implica em maiores dificuldades, por não terem sido oferecidas as ferramentas necessárias a uma vida independente. Algumas, inclusive, parecem se assustar diante da independência: para elas, uma mulher só precisa de apoio.

Mas outras não se intimidaram e o fato de que eram tolhidas em suas famílias levou-as a desejarem a independência como uma forma de se livrarem da pressão e do controle familiar. Desta forma, com incentivo familiar a uma vida independente ou não, algumas entrevistadas desde cedo buscaram a independência.

As falas abaixo explicam esta questão:

Fernanda: “Olha, eu acho que eu sempre fui muito independente. Contradizendo todos os desejos da minha mãe, porque a minha mãe é aquela mãe super-protetora, que queria os filhos pedindo tudo a ela e dependa dela, assim, aquela relação ...”. (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Sandra: “Eu não divido muito as coisas, assim tipo, profissional e de amor com os meus pais. Até procuro me manter um pouco afastada dos problemas e das questões dos meus pais, entre eles. Talvez em outro momento já tenha sido mais difícil manter essa distancia dessa interferência ... Acho que rola muito essa ligação de família e eu acho que o meu pai fica querendo também empurrar prá vida. Porque mamãe tem tendência a dar uma barrada”. (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

O fato de as entrevistadas terem buscado ou recebido apoio para uma vida independente, antes mesmo de saírem da casa de seus pais, parece ter servido para que hoje elas possam sentir-se mais seguras e tenham mais estrutura para estarem morando sós.

4.1.4.1 O processo de independência financeira

Quando perguntadas se são financeiramente independentes, a maioria das entrevistadas respondeu que sim. Todas elas pertencem à classe média, mas, para responder a que classe social pertencem, precisaram parar para pensar. Parece que o fato de elas próprias pertencerem a uma classe social, independentemente dos pais, remete à total autonomia. Quando perguntadas sobre eles, não houve hesitação e responderam prontamente que são das classes média e alta.

Em geral, o percurso em direção à independência financeira iniciou-se antes de saírem da casa dos pais. Para algumas, inclusive, era uma necessidade serem

independentes financeiramente, por não poderem contar com a ajuda da família, tendo, em alguns casos, que dar um auxílio aos pais.

Mesmo aquelas entrevistadas que ainda não dispõem de uma estabilidade na profissão, não encaram esta questão como um problema intransponível. Com isso, encontrei casos em que elas decidiram morar sós, apesar de não terem uma estabilidade financeira que garantisse sua tranquilidade.

As falas a seguir explicam a que classe social pertencem, como estão suas condições financeiras e como lidam com as dificuldades econômicas:

Denise: "Acho que hoje em dia com o salário que a gente ganha, classe média ... baixa, sei lá, média, mais prá baixa que prá média. Classe média que faz conta todo mês, assim né? Não sobra algum dinheiro prá guardar ... Também, assim, eu acho que proporcionalmente eu acho até que eu sou melhor que a minha mãe. Às vezes, eu tenho até que dar uma ajuda. Mas ela, enfim, ela ganha mais do que eu mas, ela tem um filho ...". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Simone: "... eu me lembro que quando eu fui comprar o apartamento mesmo, eu cheguei prá ele e pedi. Eu falei: 'Olha, precisava de dois mil reais emprestado'. 'Isso é seu negócio. Você resolve'. E eu resolvi. A postura dele é bem assim, comigo. Mas, o mundo dá muita volta, né? E esse mês eu emprestei dinheiro prá ele. Apesar de ainda estar super dura etc. e tal". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Michele: "Eu pago as minhas contas. Dependo só de mim. Não tem quem me ajude. Tem sempre alguma coisa prá me dar dinheiro. Na pior das hipóteses eu faço bolo, que eu adoro fazer. Mas, não gosto de vender bolo, nem de depender disso prá viver. Mas eu já fiz isso. Mas, o que mais me dá trabalho é a História, o italiano e a parte de pesquisa, roteiro assim. Às vezes, ao mesmo tempo, às vezes, separado ... às vezes, pode não dar nada e pode, de repente, dar muito também. É cíclico. Ah, eu já cantei profissionalmente!" (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Observando as falas acima, é possível perceber que a questão da independência financeira não parece ser um problema. Mesmo quando as entrevistadas não podem contar com uma ajuda da família nos momentos de crise, quando o salário não é suficiente para cobrir todas as despesas, elas são capazes de

controlar a situação. Para os pais destas entrevistadas, a falta de apoio pode ser uma forma de afirmar que não concordam com o destino escolhido por elas para suas vidas. Além, é claro, do fato de que esta ajuda pode não vir, porque os seus pais não contam com recursos suficientes para contribuir com despesas além das que já têm com a própria casa.

Assim, as entrevistadas observadas anteriormente são financeiramente independentes e ainda auxiliam seus pais, contribuindo com o orçamento deles. Mas não me parece que esta seja uma situação confortável, já que elas estão passando também por dificuldades financeiras. Isto pode ser apreciado através do pedido de ajuda de uma delas a seu pai, recusada por ele.

No entanto, isto não acontece com todas as entrevistadas. Algumas recebem um auxílio financeiro dos pais, o que permite que elas viabilizem o desejo de morar só.

4.1.4.1.1 Apoio financeiro

Como já foi dito, algumas entrevistadas estão passando por dificuldades financeiras, vivendo momentos de muita instabilidade, por vários motivos: estão ainda em início de carreira, adquirindo um imóvel, montando a casa, ou mesmo aprendendo a administrá-la. Além disso, sempre existem os gastos extras com obras, consertos, etc. Com isso, muitas delas ainda precisam recorrer à ajuda familiar.

Porém, apenas duas entrevistadas contam com a contribuição financeira constante dos pais (a maioria recebe apenas uma ajuda eventual que, às vezes, vem em forma de um empréstimo). Geralmente, em caso de emergência, não dispõem de recursos para resolver o problema.

De acordo com seus depoimentos:

Isabel: "Sou financeiramente independente. De vez em quando eu preciso de uma ajuda do meu pai, né? Naquelas coisas meio de emergência que aparecem e que a gente não tá esperando. Sei lá, de repente quebra o gás lá, o Boiler e o conserto é muito caro. E, de repente, é de emergência porque tá frio, entendeu? E aí, na hora eu não consigo ter o dinheiro prá bancar. Normalmente o que acontece é que ele me ajuda e eu pago prá ele assim que é possível. Tenho tentado, na medida do possível, fazer aquele famoso capital de giro. (risos) Prá poder ter o dinheiro nessas situações. Já teve épocas que eu consegui". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Luciana: "Sou, quer dizer, eu banco a minhas coisas. Mas, em função desse apartamento eu tenho dívidas. Eu contrai dívidas com o meu pai, que eu tenho que pagar. Mas só com ele, também. Faço frila para dar conta dessa situação que eu tô vivendo agora. Eles me ajudam muito atualmente, porque às vezes, sobra menos salário, então, tem que fazer uma ginástica de dinheiro". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Rosa: "Olha, eu te diria que se eu morasse em um apartamento menor do que esse, numa zona menos nobre, até se morasse mesmo no subúrbio, eu poderia ser financeiramente independente. Meu pai me ajuda com as despesas de condomínio e IPTU. Não sou totalmente autônoma. Eu sou autônoma no sentido de prover as minhas necessidades pessoais com comida, alimentação, cuidar dos animais, consertos domésticos. Isso tudo eu cubro e meu pai ajuda nas despesas maiores, aluguel e condomínio". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Como já foi dito, o apoio familiar dá suporte para as entrevistadas morarem sós. No momento em que estão com muitos gastos e ainda aprendendo a administrar uma casa, poder contar com esta ajuda, mesmo que seja eventual, parece fundamental para manter o equilíbrio no orçamento e viver de maneira mais confortável. Assim, elas pertencem à classe média graças ao apoio familiar. Mas este não se resume apenas em dar ou emprestar dinheiro para as filhas: ensinar a administrar as finanças parece ser a forma encontrada para incentivar a independência financeira.

As falas das entrevistadas explicam como se dá o incentivo familiar:

Isabel: "Volta e meia, ele senta comigo prá me ajudar a fazer o famoso capital de giro ou uma poupança ou alguma coisa assim. Sempre me ajudou nessas coisas. Hoje, eu acho que ele mudou de opinião. Hoje, ele me dá a maior força prá eu morar só". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Sandra: "Na minha casa rolava uma coisa meio pedagógica. (risos) Mas era bom, eu acho que me deu muita manha de vida mesmo. De me organizar e tal. Todo mundo sentava na mesa junto, uma vez por mês. Aí, cada um fazia os seus orçamentos e tal. Era um orçamento prá eu poder aprender ... Tinha uns incentivos maneiros, assim, eu acho". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Como pode ser observado nos depoimentos acima, a presença e o apoio familiar são importantes para todas as entrevistadas que, ainda assim, se encaminham para uma vida independente. Interessa, neste ponto, observar como elas vivem esta independência.

4.1.5 A mudança na relação das entrevistadas com suas famílias

Neste momento, será necessário estar atentos para o fato de que a relação familiar, antes das entrevistadas saírem de casa, transformou-se com a mudança, o que nem sempre foi fácil. Para algumas, houve a necessidade de impor um limite aos pais, para continuar no processo em direção à independência familiar. De qualquer forma, todas elas afirmam ter conseguido mudanças positivas nas relações com os pais.

4.1.5.1 Convívio prazeroso

A relação com a família, de um modo geral, melhorou significativamente. As entrevistadas disseram em seus depoimentos que, após a mudança, passou a haver mais respeito, mais amizade e tolerância. O convívio agora se dá de forma prazerosa e não mais por obrigação. Hoje, estar com os pais significa ter colo, descansar. Diminuíram os conflitos. É uma relação entre adultos que se encontram porque sentem saudade, onde o afeto é o elo de ligação. De acordo com suas falas, a relação familiar atual:

Denise: “É bem melhor. Ainda tem momentos de conflitos, mas é bem melhor. Foi um salto qualitativo na relação. Principalmente com a minha mãe... que era o principal foco de conflito, assim, foi um salto. Foi impressionante”. (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Fernanda: “Pô, mudou prá caramba. Antes eu tinha com eles um sentimento de obrigação enorme. Se a gente vai sair prá jantar porque é aniversário do meu pai. Pô, eu ia por obrigação, sabe?

Eu consigo tá muito mais à vontade dentro daquilo que eu gostaria de ser. Tenho essa aceitação maior deles. E eu acho que em relação a essa coisa da obrigação, por exemplo, hoje em dia, conviver com eles é muito mais legal!” (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Simone: “Eu acho que melhorou muito. Ter saído de casa, fez com que ficasse muito melhor. É natural que isso tenha acontecido, porque as pequenas picuinhas deixam de ser motivo de implicância no dia-a-dia. Você deixou o tubo de pasta de dentes destampado, a calcinha pendurada no banheiro, o sapato na sala (risos) e, por aí vai. Quando a gente se encontra, inclusive porque a minha rotina tá bem puxada também, é porque realmente tá a fim de se encontrar, porque marcou de encontrar. Então, não significa que seja bom, mas todo o preparativo é para que seja um encontro de fato e não uma tolerância, que é o que acontece no dia-a-dia. Você tolera aqui, tolera ali, quase não fala. Então, quando encontra, a gente conversa, tem mais assunto”. (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Algumas entrevistadas ainda consideram a casa dos pais a sua casa. Outras, já conseguem separar os espaços e fazem questão de deixar clara esta separação.

É interessante notar que os pais freqüentam pouco a casa delas, o que pode ser um indicativo de respeito ao espaço da filha ou de que eles ainda têm dificuldades em lidar com a opção delas. Desta forma, receber os pais em casa acaba-se tornando um acontecimento. Elas combinam com eles um jantar (ou algo do gênero) e se preparam para receber a família. Para elas, há prazer nestes encontros.

Segundo seus depoimentos, a família freqüenta a casa delas e convive da seguinte forma:

Fernanda: "Não é uma coisa de cerimônia, mas, certamente que são convidados, eu fico preocupada. Eu acho o maior barato receber. Pô, meu pai gosta de Whisky com água gasosa tal. Aí eu vou lá e compro ... Acontece de eles virem sem avisar, mas, acontece super pouco. Inclusive assim, a minha mãe tem a chave, mas, ela tem a chave porque eu tenho certeza que ela só vai usar quando eu pedir. 'Olha mãe, tô viajando, molha as minhas plantas'. Entendeu? Não é um comportamento muito usual deles. Eu acho isso legal, porque é uma noção de respeito ... Eu também tenho a chave da casa dela, mas, raramente eu vou e saio entrando. Eu acho que muda nisso também. Eu morei lá, não moro mais. Então, não posso chegar lá e criar a maior zona ou sair entrando. Da mesma forma que é o que eu espero que ela faça comigo e realmente ela faz". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Isabel: "... em função disso, de o meu pai me ver hoje como uma mulher de 31 anos, ele não sobe aqui a qualquer hora, não. Se ele tiver que vir aqui, ele vai ligar e se ele tiver que subir, ele vai interfonar. Ele vai mais ou menos dar um jeito de saber se ele pode vir, né? 'Sei lá com quem ela tá!'. Não conversamos nunca sobre isso, nunca pegou ninguém aqui, nenhuma situação de namorado, coisa e tal. Mas ele sempre entendeu que era o meu espaço. Quer dizer, eles vêm aqui. Vêm pouco, mas vêm". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Patrícia: "No começo eles ficaram, eu acho, eles não me falaram isso, mas eu acho que eles ficaram meio sentidos. Meio não queriam vir muito aqui. Eles vêm ... de vez em quando eu convido: 'Então, vocês vêm jantar'. Aí eles vêm jantar. Mas não é regular. Meu pai, principalmente, eu acho que ficou muito, assim. Então, minha mãe que vem mais. Mas, eles ainda tão meio que aprendendo a lidar com isso. Eles não sabem direito o que fazer, entendeu? Agora que eles tão começando a se acostumar". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

4.1.5.2 O exercício da independência familiar

Para a maioria das entrevistadas, no entanto, chegar ao ponto de convivência tranqüila com a família, como foi descrito acima, levou algum tempo. Em certos casos, os pais, mesmo à distância, ainda procuravam manter uma vigilância sobre a vida da filha. E há quem, ainda hoje, tente exercer algum tipo de controle.

A forma como as entrevistadas reagem a isto varia. A maioria delas tenta aos poucos se libertar da interferência e do controle dos pais, evitando falar sobre suas vidas, afastando-se do convívio diário com a família.

O depoimento abaixo mostra como isto é feito:

Patrícia: “Agora eles tem menos influência sobre mim, quer dizer, eles podem dizer muito menos o que eu tenho que fazer, eles não estão controlando o que eu tô fazendo. E, essa coisa do Pedro vir prá cá. É evidente que eles sabem. Mas, não falam nada e é bom também. Eu não quero que eles falem nada. Eles não têm nada que ver com isso. Mas aí, é engraçado que é como se eles sentissem meus fluidos, né?” (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Outras entrevistadas, já financeiramente independentes, decidiram tomar uma atitude mais enérgica. Nestes casos, foi preciso parar e conversar para que as coisas fossem esclarecidas e, em certos momentos, houve a necessidade de impor um limite para que os pais entendessem que se tratava agora de uma outra relação, onde elas são independentes e donas de suas vidas, cabendo apenas a elas decidir seus destinos. Para falar sobre a interferência e o controle familiar foi selecionada a declaração abaixo:

Simone: “... existia no início. Mas, eu acho que eu fui bem enfática em dizer que: ‘Olha, agora acabou’. Inclusive eu precisei demonstrar que tinha acabado, aí, acabou de fato. ‘Você não vai dizer?’. ‘Não vou dizer! Acabou’.” (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Há também, em certos casos, a necessidade de impor limites aos pais, no que se refere ao espaço de suas casas, principalmente quando eles querem dar palpites na administração. Algumas entrevistadas tinham conflitos com as mães por estas serem as donas da casa e não admitirem interferências; neste caso, elas também deixam claro à mãe, quem é a dona. De acordo com alguns depoimentos:

Rosa: "Mas, tinha aquela coisa da minha madrasta, passei anos ouvindo isso e ainda em tom de deboche. Eu falava que queria ter um gato e ela: 'Ah, quando você tiver a sua casa você pode ter dez gatos, se quiser'. Tudo era assim, eu queria colocar um quadro na parede e ela sempre falava a mesma coisa: 'Quando você tiver a sua casa ...'. Foram 15 anos ouvindo essa lengalenga. Eis que, quando chegou aqui eu coloquei a caixinha do gato aqui na sala e eu nunca colocava aqui, deixava no banheiro ou na área de serviço. E tinha acabado de sintecar a sala e a minha madrasta começou a falar: 'Não deixa aí, vai estragar o sinteco'. Aí eu disse prá ela: 'Vou te dizer uma coisa que eu levei 15 anos esperando prá dizer, e agora eu vou dizer. Aqui quem apita sou eu! Se eu quiser deixar aqui e estragar tudo, o problema é meu, não enche!'". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Michele: "Quando a minha mãe, também, quer impor a ... às vezes, ela vem aqui, não é impor, mas, um sistema que não é ... 'Não é assim! Aqui não é assim. Aqui o sabão é não sei o quê, ...', 'Vai ser como eu quero!'.

Essas coisas também você descobre, isso é uma forma de administrar. Nem sempre é possível na casa dos seus pais. Eu sempre tenho discussão com a minha mãe. Ela gosta do jeito X e eu Y na cozinha. Ela gosta de cozinhar e eu também, mas, a gente sempre tem uma discussãozinha, boba, nada uau! Mas, é completamente diferente porque lá a casa é dela. Aí eu falo assim: 'Aqui mando eu, sai'. (risos) Falo assim prá ela". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Deste modo, para assumir o comando de suas vidas e seguir em direção à autonomia e à independência familiar, elas precisam se impor. E, como pode ser verificado, para algumas entrevistadas havia prazer em dar limites para suas mães.

A mudança na relação com os pais é, então, um indicativo de que estão conseguindo se tornar independentes, o que pode até ter causado surpresas para as entrevistadas e para seus pais. A situação é curiosa, uma vez que elas alegaram, entre os motivos para sair da casa dos pais, a necessidade de serem tratadas como

adultas. Muitas ainda não sabem como ocupar este lugar e seus pais ficam sem saber como agir com elas, e ainda resistem em libertá-las para a vida.

Mas nem todas as entrevistadas precisaram impor limites para a família. Algumas foram respeitadas por seus pais nesta nova situação, sendo tratadas como adultas, da forma como elas desejavam. Parece que o fato dos pais compreenderem e aceitarem sua decisão permite que elas sigam adiante em direção à independência tão desejada, de forma tranqüila.

4.2 Segundo momento - a vida a sós

4.2.1 O significado da casa

A casa é a representação maior da independência das entrevistadas e, para entender o significado que a residência tem para elas, foram observados os seguintes aspectos: se o imóvel é próprio ou alugado, como o escolheram, como foi feita a mudança, como foi montar a casa, a rotina e a administração.

Desde o momento em que as entrevistadas decidiram sair da casa dos pais até decorar a sua, passaram (e ainda estão passando) por muitas mudanças. A cada dia, elas aprendem alguma coisa, vivem algo novo e, na maior parte do tempo, as situações que se apresentam são bem difíceis. Então, falar sobre a casa é mostrar este percurso.

O significado que a casa tem para cada uma delas depende de suas histórias, e em geral, está relacionada à segurança e à tranqüilidade. Significa também um lugar de descanso, de restabelecimento e de proteção. Voltar para casa é se sentir acolhida. Todas gostam de viver sós, mas às vezes isto é difícil. Não foi fácil conseguir

sair da casa dos pais, não é fácil se manter; entretanto, elas gostam muito de morar sós e se sentem bem desta maneira. Conforme suas falas, a casa significa:

Clarice: "Ai, hoje em dia significa muita coisa. É o porto seguro. Hoje em dia, eu adoro chegar em casa. Eu nunca vivi isso. Não é que eu não gostasse da casa dos meus pais, que não gostasse da casa de Juiz de Fora, até gostava, mas, essa daqui é a *minha* casa. Se eu resolver pintar as paredes de vermelho, o problema é meu". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Luciana: "Eu acho que é liberdade. Eu tenho a sensação de que daqui ninguém me tira, é meu. Eu tenho a sensação de que, aconteça o que acontecer, esse lugar é meu e não vai deixar de ser meu. Dá segurança prá qualquer coisa". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Sandra: "Hoje, eu acho que é o lugar da minha intimidade maior. Eu acho que a minha casa tem a minha cara. O apartamento da Barra não tinha tanto.... Eu acho que já começou por isso, de ter sido um apartamento dado, assim. Esse aqui eu escolhi prá morar, né?" (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

A casa, para elas, representa a confirmação do desejo, do motivo que as levou a morar sós. É uma prova de amadurecimento e de independência. Ao olharem para ela, as dúvidas e medos que sentiram inicialmente se dissipam. E, à medida que se apropriam da casa, elas se sentem mais confiantes, livres e autônomas. Mas para ter autonomia é necessário assumir o comando de suas vidas, agora, tudo depende delas e de seus desejos, a começar pela escolha da residência.

4.2.1.1 A escolha da casa

O local escolhido para morar varia de acordo com suas possibilidades. Três entrevistadas possuem imóvel próprio e as outras moram em apartamentos alugados, sendo que uma delas mora em um apartamento que pertence aos pais, negociando o aluguel a cada mês.

Dentre as entrevistadas que moram em imóvel alugado, algumas se mudaram para apartamentos que pertenciam a algum amigo ou outro onde não houvesse a necessidade de fazer um contrato imobiliário (por não terem renda declarada para fazer o contrato ou não poderem recorrer a um fiador). Os prédios foram escolhidos de acordo com as características de cada uma, mas a segurança e a tranquilidade foram sempre privilegiadas. Em todos os prédios havia porteiros, interfone ou porteiro eletrônico.

A fala de uma entrevistada demonstra como foi o seu percurso no momento de escolher um apartamento para morar:

Isabel: "Hoje eu moro até num apartamento legal, eu acho. Esse apartamento aqui foi conseguido ... tem um amigo da família que é o dono desse apartamento. Então, ele acabou fazendo um aluguel ... Hoje eu pago aluguel de mercado, mas não precisou passar por aqueles contratos de fiador e não sei o que lá. Talvez se eu precisasse passar por aqueles trâmites todos, talvez eu não tivesse conseguido morar na Avenida Oswaldo Cruz, entendeu?" (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Escolher a casa, então, está relacionado, em um primeiro momento, ao poder aquisitivo de cada uma, às oportunidades que surgiram e também às questões referentes ao conforto e à segurança que foram privilegiadas pelas entrevistadas. Uma vez delimitadas as condições necessárias e possíveis para encontrar a casa adequada, nada mais as detinha: era chegada a hora de mudar.

4.2.1.2 A mudança

A mudança foi feita de forma rápida e em alguns casos contou com a ajuda dos familiares. Certos apartamentos precisaram de obras, pinturas ou algum conserto, o que as deixou frente a problemas. Elas não sabiam como administrar a obra, além da falta de tempo para acompanhá-la por estarem trabalhando.

Muitas entrevistadas ficaram relutantes para decidir a hora da mudança - o problema maior era a falta de móveis. Assim, algumas mudaram para apartamentos que já tinham algum móvel, amenizando esta questão.

Quando perguntadas sobre a mudança, responderam:

Simone: "Muito engraçado porque, na verdade, eu fiz as malas e saí. Só tinha isso. Ah, e tinha esse colchonete aqui que a gente tá sentada (risos). A vantagem é que eu fui prá uma casa que já tinha geladeira, fogão. O apartamento que eu aluguei lá era de temporada, era contrato de temporada. Então, já tem mais ou menos o esquema das coisas na casa. Não tinha cama, não tinha armário ... E tudo ficou improvisado. Lá, foi o meu grande acampamento. Foi muito diferente porque, assim, eu já tinha uma televisão e o rádio que tá lá na cozinha. Foram as únicas coisas, assim, de mudança". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Patrícia: "Mas, quando eles viram que eu vinha mesmo, a minha mãe ajudou. Ela ainda ajuda, tipo, tinha um banheirinho mínimo, dentro da cozinha que também é mínima. Então, fui quebrar a parede, parará. A minha mãe participa do ... quando eu falo: 'Mãe, pô preciso de um electricista'. Essas coisas que você não sabe, porque a lâmpada, o fio que estourou ... Eles viram que .. a minha mãe viu que não dava prá ser e me ajudou. Veio aqui ver a obra como é que tava ... Como esse apartamento já era da minha tia, eu encontrei ele meio, quer dizer, eu tive que pintar, fazer sinteco, tinha um carpete velho e tal, não sei o que lá. Mas, já tinham dois sofás, tinha mesinha com a cristaleira, com as prateleiras, entendeu? No quarto tinha prateleira, tinha cama. Então, a obra durou pouco e o básico eu já tinha. Tinha geladeira, tinha fogão, veio junto com a casa. O que foi ótimo porque eu pude mudar rápido, né?" (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

As entrevistadas que puderam contar com o apoio da família para fazer a mudança, as obras e os consertos necessários, sentiram-se amparadas para enfrentar a nova situação. O depoimento de uma entrevistada citada acima explica este processo. Ela confirma que o apoio da mãe foi fundamental no momento de resolver problemas, conduzir empregados que estavam trabalhando em consertos e obras na sua casa. A partir desta ajuda, ela pôde arrumar a casa e se mudar rapidamente.

A casa agora já estava escolhida, a mudança feita e os móveis disponíveis espalhados. Chegava a hora de estabelecer um clima na casa que precisava, então, de um toque pessoal para ficar, de acordo com as entrevistadas, com a cara delas.

4.2.1.3 A arrumação da casa

De início, como foi visto, quase não havia nada no apartamento e por isso, algumas entrevistadas viveram em verdadeiros acampamentos, onde era necessário improvisar para que ficasse confortável. A praticidade e a criatividade foram, então, essenciais neste momento e elas aproveitaram para exercitar a autonomia e curtir bastante a casa.

A arrumação foi feita aos poucos, em função dos móveis que possuíam, quando moravam com seus pais, mais o que foi doado pela família. O chá de panela foi feito por algumas para comemorar a casa nova com os amigos e para ajudar a montá-la.

Elas contam como foi este movimento inicial:

Denise: “Lá era meio acampamento, tinha uma bi-cama na sala que era sofá, era muito grande o apartamento. Tinha um tapete na sala pra esconder o piso ruim, uma rede, uma estantezinha e um colchão, uma mesinha daquelas de cozinha Ultralar, manja? Pois é, na sala, improvisando. Era tudo meio assim, transado. Porque tudo eu é quem tinha que comprar. Fiquei endividada um tempão, uma droga! Mas, valeu a pena. Não tinha móvel, não tinha nada. Só móvel de computador e essa estante de livros, porque eu ganho livro toda hora lá no jornal, que eu trabalho com isso”. (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Clarice: “E eu consegui comprar uma cama usada que tem o mesmo estilo da cômoda. Na sala, eu já tinha uma estante em Juiz de Fora, a mesa eu consegui comprar com a cama junto, foi uma promoção. (risos) ... Agora eu estou incrementando a casa, dentro da disponibilidade de dinheiro. Desde que eu vim morar aqui eu só dei o passo conforme eu posso. Então, se você olhar pelo lado material, tá faltando muita coisa, mas, também, não é

nada assim que me atormente". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Rosa: "Algumas coisas foram cedidas, é a mobília antiga da minha casa. Sofás, essa mesa, a estante. A televisão eu já tinha, vídeo e telefone, eu também tinha e o som. Tudo isso eu já tinha na casa do meu pai. Este é o meu quarto. Ele é minimalista porque tem pouca coisa, não tem nem cama. Até hoje eu não comprei uma sapateira e os sapatos ficam espalhados. Meu pai é que ficou: 'Seu apartamento está em condições de ser habitado?'. E eu falei: 'Não pai, eu tô morando lá que nem uma índia! É lógico que está em condições de ser habitado!'. (risos)". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Durante as entrevistas, que foram realizadas nos apartamentos das entrevistadas, eu observei que estes eram de um ou dois quartos e quase todos estavam bem equipados com eletrodomésticos, como por exemplo: geladeira, fogão, microondas, máquina de lavar, televisão, som, computador, secretária eletrônica e telefone. A presença de uma estante com muitos livros também foi percebida na maioria das residências. Quase todas elas montaram um escritório onde pudessem trabalhar. Apenas uma entrevistada não possuía computador e muitas já haviam-se conectado à Internet.

De forma geral, as casas são claras, decoradas com plantas e móveis leves, que permitam haver um espaço livre para circularem. A praticidade e o conforto unem-se à utilização de móveis modernos e simples, de baixo custo.

Todas as entrevistadas acham o seu apartamento lindo e sentem orgulho dele. Muitas disseram que a casa é a cara delas, o que é confirmado pelos amigos. Sempre há o desejo de decorá-la, para que tenha um estilo próprio.

Desde que surgiu o desejo de morarem sós, ficavam imaginando como seria sua casa. Porém, diante da falta de recursos financeiros, a decoração acabava sendo adiada. Para a maioria das entrevistadas, ainda faltam muitas coisas materiais. Em

alguns casos, detalhes como a cama de casal são os primeiros a serem lembrados na hora de começar a comprar.

Para decorar a casa, muitas vezes era necessário também, além da criatividade, meter a mão na massa. Segundo contam as entrevistadas:

Fernanda: "Aqui é o meu quarto. Aí a cama foi engraçada porque eu falei prá minha mãe: 'Eu não vou mudar prá minha casa se eu não tiver uma cama de casal'. Então: 'Você está com más intenções'. Aí, é uma coisa que eu sempre quis na verdade porque eu me esparramo nessa cama e tem lugar aí de sobra. É o maior barato dormir sozinha nessa cama. E, as coisas eu fui arrumando aos pouquinhos. Esse quadro eu já tinha, agora, o resto eu não tinha nada. Aquele abajur foi a última aquisição, tem dois meses que ele tá aí. O telefone, o aparelho com a secretária já tinha lá na casa da minha mãe". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Sandra: "Eu gostava muito de ficar aí, pensando, como é que ia ficar cada coisa. E aí, tinha isso, os móveis que eu já tinha e como transformar eles na cara dessa casa, esse prédio azulzinho e branco. Pensar nesses detalhes, eu gostava. E fui pensando nas coisas e montando mesmo. Muita coisa eu já tinha. Basicamente, reformar um pouco as coisas que eu tinha, me organizar. Eu gosto muito de comprar coisinhas, de ir fazer compras. Eu acho que tô sempre ... fazendo a casa". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Simone: "Mas esse apartamento aqui eu tô fazendo mais devagar. Tinha carpete, eu já troquei e coloquei esse piso, já tô pintando. Pintando devagar porque sou eu que estou pintando. (risos) Assim, como o piso quase fui eu que fiz. Tinha um cara fazendo, mas, quase que eu fiz tudo com ele. E tem o quartinho lá dos fundos que eu tô pintando. Quer dizer, a pintura eu já acabei. Mas, eu tô pintando umas prateleiras de madeira que eu tô fazendo, aí, eu vou colocar os livros lá. Quero fazer uma bancada também de madeira. Aí, eu pintei nuvens no quarto dos fundos e tô fazendo, então, lilás as prateleiras. Porque eu pintei nuvens brancas com lilás ... como se fosse assim ... pretensão de ser nuvem (risos) E, assim, tá muito difícil ainda, porque o orçamento tá muito apertado, entendeu? Na verdade, eu tô querendo colocar isso aqui com a minha cara". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Observando a fala das entrevistadas, pude perceber que, à medida em que se apropriam da casa, elas sentem que conseguem deixá-la com um jeito todo particular. Quando se mudaram, elas apenas a arrumaram, conforme ganhavam ou compravam as coisas. Mas este arrumar não é o mesmo que decorar, porque, ao fazê-lo, elas

escolhem os móveis de que gostam, que combinam com elas e com a casa, pintam as paredes com cores diferentes, transformam o piso, compram quadros e utensílios de acordo com o gosto pessoal de cada uma. Assim, com o tempo, os objetos doados vão perdendo o seu lugar para as coisas de que elas realmente gostam.

Como foi visto, a falta de recursos financeiros, apesar de ter colocado um freio em seus sonhos, não impediu que elas decorassem o imóvel. Já que não podiam pagar, fizeram elas mesmas a decoração. O resultado é que as entrevistadas ganharam versatilidade.

Em função do que foi observado e do que as entrevistadas contaram, cheguei à conclusão de que, apesar de elas terem se mudado com pouco ou quase nenhum móvel, esta situação já se alterou e, hoje, suas casas já estão bem equipadas, o que permite que elas tenham conforto e possam-se sentir bem.

4.2.2 Os sentimentos experimentados pelas entrevistadas nos primeiros momentos morando só

O movimento de sair de casa, para algumas entrevistadas, não foi fácil. Por isso, em certos casos, sair da casa dos pais foi um processo longo e demorado e só aconteceu quando a idéia estava amadurecida.

O sentimento experimentado por elas desde que resolveram sair da casa dos pais, até os primeiros momentos morando sozinhas era, por vezes, bastante contraditório. Apesar da alegria e satisfação que sentiram por estarem realizando um desejo, tiveram também medos e receios na hora de decidir se mudar, escolher o apartamento que iriam morar e nos primeiros dias passados sozinhas em casa. As falas a seguir explicam a dificuldade na hora de decidir sair:

Michele: “Olha, eu já queria morar sozinha há muito tempo. Desde que eu voltei, quer dizer, queria mas não conseguia. Na verdade, demorou muito a amadurecer essa idéia de morar sozinha. Acho que prá estar certa de que isso ia acontecer mesmo! Internamente, conseguir sair foi difícil. Mas, na hora que eu saí, eu tive absoluta certeza que eu ia sair mesmo. Tive uma força muito grande, eu sabia que ia sair de casa”. (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Patrícia: “E foi muito engraçado, porque também eu me senti muito esquisita. No dia que eu peguei uma roupas ... você não pega tudo de uma vez, né? Tipo assim, você tem que tomar uma decisão do primeiro dia que você vem dormir aqui, vai dormir fora, né? E, assim, eu demorei prá me mudar mesmo, né? Porque você vai meio que também adiando, porque é uma coisa também diferente, né? E aí, eu fui trazendo as roupas e tal, fui trazendo, aí um belo dia eu falei: ‘Não, hoje eu vou dormir lá’. A minha mãe ficou: ‘Não, mas prá quê? Você não tem nem televisão lá’. E, no primeiro mês, não tinha nada. Não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha ... Ficava lendo e tal, mas, era uma coisa muito solitária”. (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Observando os depoimentos acima, pode-se perceber com clareza que, para as entrevistadas, tomar a decisão de sair de casa (e quando) foi um momento bem delicado, onde elas se depararam com sentimentos de medo e insegurança, com muitas dúvidas.

4.2.2.1 Sentimentos Negativos

Os primeiros momentos morando sós foram marcados por sentimentos negativos, que eram agravados quando a casa ainda estava muito precária. O fato de terem uma televisão, um som, um telefone para entrar em contato com as pessoas e não ficarem tão solitárias ajudou a sentirem-se mais seguras e tranquilas e enfrentarem a solidão de forma menos dolorosa, porque era o que mais as assustava. Elas não sabiam ao certo o que teriam que fazer para administrar a casa e para se manterem, agora que eram, de fato, donas de suas vidas e de seus destinos.

Conforme o depoimento dado abaixo sobre a hora da mudança:

Luciana: “Olha, quando eu tava de mudança eu fiquei com medo, assim, de me sentir só. Eu não tinha televisão, eu ... Quê que eu não tinha? Acho que eu só tinha o colchão. Eu não tinha a geladeira, não tinha nada e eu fiquei morrendo de medo de ficar sozinha. Eu percebi que é preciso muito pouca coisa na vida prá ... assim, essencial mesmo, é preciso muito pouca coisa ... Aí, dois dias depois a Telerj ligou meu telefone, eu já pude colocar a geladeira na cozinha. Mas, eu percebi que apesar dessa situação muito precária, dois dias depois que eu vim morar aqui, eu percebi que era isso que eu queria mesmo. Não foi uma coisa de: ‘Ah, quero voltar prá casa dos meus pais, que isso aqui tá horrível’. Não, achei ótimo, mas, em alguns momentos eu me senti só”. (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

As preocupações sobre como seria administrar a casa, se conseguiriam se sustentar e pagar todas as contas, povoavam os sonhos ou pesadelos das entrevistadas durante esta fase inicial. Segundo os seus depoimentos, não saberem como vão pagar as contas gera muita insegurança e pode tirar o sono nas vésperas dos vencimentos. Os trechos a seguir explicam esta situação:

Michele: “Olha, no primeiro ano que eu morei aqui, eu me mudei num período, engraçado, né? Financeiramente ruim. Quer dizer, eu juntei dinheiro prá esse projeto, comprei geladeira, fogão, não sei o que, todas as coisas né? Não tinha emprego certo, eu dependi de aula de italiano, eu vivi de aula de italiano. Eu tinha muito tempo livre, ficava nervosa, preocupada. Pensava: ‘Vou me dar um prazo de seis meses. Até o final do ano eu tenho que ... alguma coisa tem que acontecer’. Eu tinha um pouco de dinheiro também, quer dizer, eu me preveni, mas era horrível essa sensação de: ‘Pô! Me mudei ...’. Eu tinha a certeza de que era o momento de eu me mudar, mas, financeiramente, não era o melhor momento”. (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Rosa: “Era aquela novidade de ter um bicho, aprender a cuidar de casa, como é que vai fazer, qual a periodicidade prá limpar a casa, de fazer comida. Compras, como fazer supermercado, agora que eu era dona de casa. Eu fiquei preocupada no início, sem saber se eu ia dar conta do recado ... O pior que pode acontecer é o quê? Eu chegar aqui e ter que ficar telefonando e pedindo pizza todo dia”. (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Os sentimentos negativos que experimentaram inicialmente eram agravados pela necessidade de montar uma casa, uma estrutura. A solidão, segundo os

depoimentos das entrevistadas, era o que mais assustava e se concretizava na casa vazia. Parece que aos poucos, à medida em que vão estruturando a residência também se estruturam internamente. A cada decisão que precisam tomar, a autonomia é exercitada; com isso, elas vão ganhando experiência e a segurança necessária para seguirem adiante.

4.2.2.2 Sentimentos positivos

Apesar dos sentimento negativos, os primeiro momentos também foram de muitas alegrias. Elas estavam concretizando um desejo e exercitando a independência. Morar só era buscar uma vida melhor. Havia também a sensação de conquista e força, onde puderam comprovar que fizeram a escolha certa.

As falas das entrevistadas descrevem os seus sentimentos, nestes primeiros momentos morando sozinhas:

Simone: “Eu passei momentos, assim, muito difíceis lá dentro, sozinha. Mas, difíceis comigo mesma. No sentido de me encontrar. Em compensação, as recordações que eu tenho desses momentos difíceis, eu tenho igual ou em maior número de terem sido os melhores momentos que eu consegui me curtir também, lá dentro. Assim, de ir dormir na varanda, só com o barulho do mar, com aquele luar esplendoroso que você olha assim, aquele mar! Então, a coisa de aproveitar. E, o teu dia-a-dia, o que você vai fazer, assim, de entrar em casa e: ‘Vou deixar o sapato onde eu quiser hoje!’. Sabe, a sensação que te dá de ... de que você é dono do seu destino”. (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Clarice: “Ah, eu achava uma paz tão grande! Muito grande. Eu aqui descobri que eu podia comer o que eu queria, comer na hora que eu quisesse, é ... De repente, se eu quisesse ficar vendo televisão, eu não estaria incomodando ninguém. Então, eu acho assim, que esse apartamento é uma vitória, porque se você me perguntar: ‘Você fez contas prá vir prá cá?’, ‘Não’. Eu juntei o dinheiro, vi que dava e falei: ‘Agora eu vou. O que vier depois é lucro’. E isso aí é uma batalha, uma coisa que me move muito prá frente”. (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

As entrevistadas declaram ter sido uma época animada, com muitas comemorações pela residência e pela vida nova. Como já foi visto, na casa dos pais era complicado dar festas e receber os amigos. Assim, dar festas, além de ser uma comemoração, tinha o significado de poder viver sem os limites impostos pelos pais; era experimentar a liberdade e estabelecer uma dinâmica própria para a vida delas.

Conforme um depoimento:

Denise: “Então, em casa, quando eu tava sozinha eu ... ‘Caramba, eu posso fazer o que eu quiser!’. Fiquei igual a uma criança que ganhou um brinquedo mesmo ... Então, eu dava festas de arromba, assim, maravilhosas, todo mundo ... ‘Ah! Traz uma cerveja aí’. Botava gelo no tanque e vamos embora. Eu adoro! Isso lá era impossível”. (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Como foi anunciado no início deste capítulo, foram levantadas algumas hipóteses de conflitos gerados pela liberdade e a solidão, o medo e a autonomia. Observando a fala das entrevistadas, é possível perceber os contrapontos destas questões. Em alguns momentos, estar só pode ser prazeroso e permite que elas sintam-se livres, autônomas e donas de suas vidas, exatamente como desejavam. Com isto, elas sentem-se fortes e maduras para enfrentar a vida e as dificuldades que se apresentam no dia-a-dia. Em outros momentos, estar só pode ser doloroso, causar medos e dúvidas e elas sentem-se inseguras e sem saber o que fazer. Porém, com tudo isto, morar só parece ter sido uma decisão acertada. Este é, na verdade, um momento onde é preciso aprender muitas coisas e, principalmente, descobrir como lidar com a nova realidade.

4.2.3 A rotina

Para as entrevistadas, a rotina não significa um dia-a-dia igual, com tarefas determinadas. Na realidade, cada dia é programado de acordo com as necessidades que surgem.

A maioria delas passa o dia inteiro na rua, trabalhando, e o pouco tempo que têm para ficar em casa é dividido entre o lazer, o trabalho (muitas trabalham também em casa), os estudos e os cuidados com a moradia. O dia-a-dia é bastante tranquilo e elas curtem estar em casa. Ler, ouvir música, ver televisão, de preferência algum filme, receber os amigos, falar ao telefone são as atividades preferidas quando estão à toa. Mas a maioria reclama do pouco tempo que tem para curtir a casa.

Aprender a se cuidar bem é um outro processo. Quando se desorganizam, acabam se descuidando e, nestes momentos, estar em casa torna-se penoso. Porém, estão sempre atentas para que desfrutem de um bom ambiente, onde se sintam bem.

As suas falas, descritas abaixo, demonstram isso:

Denise: “Eu vivo muito a manhã e a noite. A noite, *noite* mesmo. Eu trabalho muito e isso é uma coisa assim, eu passei a me incomodar muito mais com o trabalho depois que eu passei a morar sozinha. Muito mais pela exploração que era visível antes e que eu não enxergava, assim. Porque eu não consigo curtir o meu lugar e o meu namorado. Isso é impressionante como eu fico muita mais revoltada hoje com o trabalho, porque eu gosto muito de chegar do trabalho, aqui, assim. Principalmente em dias de D. Ivone, a faxineira. Aí fica tudo limpinho, né?” (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Clarice: “Eu não almoço, eu não janto na cozinha. Eu arrumo a mesa da sala prá fazer a refeição. Mesmo sozinha. Principalmente sozinha. Porque eu acho que eu mereço. Então, eu ponho a minha toalha, tudo como se fosse receber uma visita. É claro que não vou tirar talheres e pratos ... Não chego a tanto. Mas, ela está arrumada como se fosse receber uma pessoa”. (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Patrícia: "Eu sinto muita falta de ficar em casa ... lendo ... Eu tenho muito pouco tempo prá ficar e quando chega fim de semana, eu durmo muito, eu sempre tenho alguma coisa prá fazer. Eu trabalho, às vezes, no fim de semana. O dia que eu fico em casa sem fazer nada é muito raro. Mas eu gosto, eu gostaria de poder ficar mais tempo em casa, sozinha. É um espaço importante, mas, sei lá. De repente eu não tô aproveitando tudo que eu ... não sei. E, assim, Pedro, tá muito aqui também, então, eu sozinha em casa fico muito pouco". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Como pode ser observado nas falas das entrevistadas, estarem à toa em casa, buscando o prazer, se curtirem e se cuidarem bem parecem ser essenciais. E isto é experimentado à medida em que estabelecem uma rotina de acordo com suas necessidades e desejos. Mas, para isto, elas precisam se organizar.

4.2.3.1 O planejamento e a organização financeira da casa

A organização de uma casa envolve diversas coisas de ordem prática. São muitos os detalhes que precisam ser pensados e postos em ação. É necessário limpar, cozinhar, fazer compras, pagar as contas, tratar com empregados, resolver problemas, etc.

O tempo é curto e o orçamento justo. Fazer render o salário parece ser complicado. Algumas entrevistadas ainda estão aprendendo a administrar a casa e se atrapalham bastante nesta questão. Elas contam como fazem para se organizar financeiramente:

Denise: "Tudo prático e isso é uma sorte porque eu não sou organizada. Hoje eu sei que tenho que pagar o telefone *por acaso*, porque ontem eu lembrei da conta. Eu pago muita multa por causa disso, que eu esqueço. Eu perco uma grana assim, quer dizer, eu pago, mas, pago atrasado". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Fernanda: "Eu sou péssima, péssima prá essas coisas. Conta até que não, porque eu detesto ficar pagando juros. Então, sempre tô pagando antes ... mas eu sou péssima administradora de qualquer coisa, de tempo, de

dinheiro. Por exemplo, às vezes eu calculo mal e no final do mês falta uma grana. Olha, sei lá, essa semana não dá prá fazer a unha, não dá prá lavar o carro. Então, eu vou cortando ... Eu tenho fé de que eu vá aprender (risos) porque eu acho fundamental. Já imaginou? O dia que eu tiver no final do mês sem grana e for uma conta, uma coisa que não dê prá deixar de pagar, entendeu? Tô ferrada, né? (risos)". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

No entanto, apesar dessa instabilidade, algumas entrevistadas conseguem organizar as finanças com segurança. O fato de terem tido um incentivo familiar à independência financeira ajuda nesse momento. Saber fazer um orçamento é fundamental para que possam se organizar e permite que elas conheçam suas possibilidades. As falas a seguir explicam bem esta situação:

Michele: "Eu anoto todas as minhas despesas e eu tô há dois meses sem fazer isso e me enalacrei. Tenho anotado tudo prá saber, quer dizer, eu me enalacrei não exatamente porque eu não anotei. Mas, porque foram dois meses que eu tive muitos gastos, assim, a mais por conta de umas coisas aí. Eu boto tudo lá, quanto eu gastei de, sei lá, meio de transporte que subi? Tudo. Já sei mais ou menos os meus gastos, as coisas que eu compro. Eu acho que prá mim isso não é um problema. Eu não saio gastando cegamente. Acho que eu dô conta disso (risos)". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Sandra: "... eu acho que eu administro bem a casa. Eu sou organizada. Eu gosto ... Eu faço o orçamento". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

É interessante observar que nem todas as entrevistadas estavam preparadas para lidar com as questões financeiras. Assim, pode-se verificar mais uma vez o quanto o apoio familiar ajuda nestes momentos, já que as que contam com esse suporte conseguem administrar bem a casa e manter as finanças em ordem.

4.2.3.2 A administração da casa

Aprender a administrar a casa não é fácil. Para que as coisas funcionem, as entrevistadas recorrem à praticidade. A possibilidade de se organizarem bem está

relacionada à infra-estrutura que montam. Segundo elas informaram, ter uma boa infra-estrutura significa ter uma casa bem equipada com eletrodomésticos e contar com o apoio de aliados que auxiliam na administração. Assim, elas fazem parcerias com suas famílias, as faxineiras e os porteiros para compor a infra-estrutura. A falta de tempo e de dinheiro atrapalham a boa administração e por isso é tão importante contar com auxiliares.

Dentre todos os aliados, a família, muitas vezes, é quem oferece o suporte maior na administração da casa, ajudando a resolver problemas como: providenciar consertos, fazer uma comida para elas, emprestar a empregada para lavar e passar as roupas, etc. Neste caso, a supervisão da mãe é bem-vinda, como uma forma de aprenderem a coordenar os serviços, conforme alguns depoimentos:

Patrícia: "Eu não sei mandar. Engraçado que você nem se dá conta do que tem que ser feito. Tem coisa assim, minha mãe veio aqui e falou: 'Você tem que mandar limpar os azulejos da cozinha, lá em cima. Com o produto tal'. (risos) E eu nem tinha reparado. Sabe, essas coisas, não sabia que tinha que mandar limpar aquilo. Mas é legal! Porque, pô, você tem que aprender". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Luciana: "É um apoio logístico, assim ... eu comprei uma máquina de lavar e eles vieram aqui, instalaram a máquina prá mim, ficaram a manhã inteira, instalaram o varal, não sei o quê. Me deram a maior força nisso. Apoio assim, porque eles sabem que eu sou uma mulher sozinha, morando numa casa ... embora eu me vire numa série de coisas, tem coisas que não dá. Isso de instalar o varal. Não dá. Eu tô com um chuveiro vazando água e eu não tenho a menor idéia do que seja aquilo. Eu já falei pro meu pai vim aqui ver isso. (risos) Eu não cozinho mal, eu não gosto de cozinhar. Nas vezes que eu apareci na cozinha até que deu certo. Mas eu acho chato, acho uma coisa ... E, a minha mãe cozinha bem demais, então, eu gosto de comer bem e não tenho paciência prá aturar essa minha evolução, sabe? De fazer comida ruim e jogar fora e fazer de novo. Quando ela faz comida prá ela e congela, ela faz um pouco mais e me dá uma parte". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

A maioria das entrevistadas conta com a ajuda de uma faxineira e, assim, a limpeza e a organização da casa deixam de ser problemas. Neste caso, delegam

poderes a ela para resolvê-los ou para cuidar da parte de que não gostam. Segundo as entrevistadas:

Isabel: "A faxineira vem de quinze em quinze dias. Ela também passa a roupa, que eu não suporto. Essa parte eu não gosto e não faço. O resto eu sempre fiz, manter a casa, cuidar da limpeza, mas sem stress, entendeu?". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Luciana: "Olha, eu tenho uma pessoa que vem fazer faxina prá mim. Ela vinha de quinze em quinze dias quando não tinha nada, né? Aí eu dava um jeitinho meu, às vezes. Aí começou a ficar um pouco complicado, porque eu comprei a máquina de lavar e ela passa roupa também, só que antes ela passava lá na casa da minha mãe. Aí, a partir da semana que vem, ela vai vir toda semana. E aí, ela vai cuidar mais desse lance de comida, quero ver se ela vai fazer compras de vez em quando, se faltar alguma coisa". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Entretanto, nem todas dispõem destas possibilidades. Quando não podem ter uma faxineira, o que acontece por falta de dinheiro, elas mesmas se encarregam destes afazeres e, apesar de não terem uma rotina certa, parecem se sair bem ao se dedicarem a estas tarefas. Como pode ser verificado no depoimento a seguir:

Simone: "E eu não tenho empregada. Porque a situação continua apertada. Então, sabe, eu já vou fazendo todo um esquema prá não ficar trabalho demais. E tem uma coisa que eu detesto fazer, que é sempre de última hora. Eu tô saindo e tô lá passando roupa. Odeio passar roupa. (risos) E, apesar de isso ter sido um pouco puxado em termos de ritmo, chegar nesse ritmo de manter a casa numa boa ... Numa boa também entre aspas. Porque essa bagunça que tá instalada é natural (risos)". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Resolver os problemas domésticos ainda as deixa sem saber o que fazer. Estas são horas difíceis, em que elas colocam as mãos na cabeça e gritam por socorro, mas, geralmente, encontram uma forma de solucioná-los, apesar do desespero inicial.

Observando os seus discursos, pude perceber que, à medida que vão se organizando, a ajuda dos pais é cada vez menos solicitada. E quando aparecem os

problemas tentam resolver, na medida do possível, contando com a ajuda dos porteiros e/ou da faxineira. É o momento de acionar a infra-estrutura.

Nesta categoria de problemas estão incluídos os encanamentos quebrados, o telefone que parou de funcionar, baratas ou outros bichos que aparecem para transtorná-las, entre outros, que simplesmente desorganizam suas vidas. Segundo seus depoimentos:

Denise: "A dona Ivone quebrou a persiana que eu tinha acabado de comprar. Eu não falei nada contra ela. Imagina? Porque ela é um doce. Mas eu fiquei realmente muito puta, tive um ataque, xinguei muito. Não falei nada contra ninguém, mas dei um piti aqui na frente do Paulo. Isso é uma coisa chata, que aí você vê como dá despesa uma casa. É o imponderável, qualquer hora pode acontecer ... o chuveiro elétrico queimar. Mas aí eu já dei uma descolada, o chuveiro elétrico queimou, é a resistência, aí eu vou lá ... Eu não sei trocar a resistência, mas eu fui na loja, comprei a resistência do chuveiro Lorenzetti e deixei aqui, quando o Paulo chegou aqui, eu: 'Me ensina a trocar a resistência?'. Agora eu já sei". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Fernanda: "Uma vez, ela foi arrumar alguma coisa no bidê e eu acho que ela bateu com muita força no cano. Acho que a junta já tava velha. Quando eu fui ver, já tinha água dentro do meu quarto. Aí, eu liguei pro porteiro prá perguntar onde era o registro geral, que eu não achava. Aí, desliguei o registro geral, chamei o bombeiro, não, aí liguei prá minha mãe prá pedir o telefone. Aí eu pedi o telefone prá ela do bombeiro, porque eu não tinha. Essas coisas a gente só pára prá pensar na hora do desespero, né? Aí, eu não tinha um telefone, de bombeiro, eletricitista, hoje em dia eu tenho.

Mas eu vim da casa da minha mãe, completamente ingênua em relação a essas coisas todas. 'Pô, precisa de bombeiro? Que engraçado'. (risos). Muito embora eu acho que eu tinha muita noção, comparado com muita gente que eu conheço, que não tem a mínima idéia do que tá rolando na casa dos pais, né? Eu ficava sozinha prá receber o cara que ia consertar não sei o que, parará. Só nunca tinha me preocupado em anotar na minha agenda, em saber o nome do cara. *Eu telefonar!*" (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Clarice: "Olha, outro dia entupiu um ralo e eu achei, assim: 'Olha, não adianta entrar em pânico'. Aí eu tentei, como eu não consegui eu fui buscar ajuda e o porteiro me ajudou. Agora, a pior situação, prometa que não vai rir? Foi quando entrou uma barata aqui. (risos) Prá mim é a pior situação que possa existir. Eu me sinto completamente invadida, desrespeitada, totalmente. A primeira vez, eu tive vontade de trancar a casa e nunca mais voltar. (risos) Mas eu pensei assim: 'Não, a barata é muito menor do que eu'. Mas eu ainda não tenho coragem de matar. 'Sabe o que eu vou fazer?

Vou buscar alguém que possa matar'. Fechei a casa e pedi ao porteiro. ... (risos) ... Eu estou procurando resolver sozinha. Só quando eu preciso de um eletricitista, de um encanador, sabe, aquelas coisas assim, que eu não poderia resolver. Mas, eu, ultimamente, eu procuro pedir a ele somente o que eu não posso fazer". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

O problema, mais uma vez, fica para aquelas entrevistadas que não podem contar com o apoio da família e precisam resolver todos os problemas sozinhas. Neste caso, contam apenas com a ajuda dos porteiros e/ou da faxineira. De acordo com os seus depoimentos, por um lado esta situação é boa para ganharem experiência, aprenderem a fazer as coisas; por outro lado, isto torna as coisas mais difíceis. Uma entrevistada conta como ela faz para administrar a casa sozinha:

Simone: "É difícil. Eu acho que essa é a parte mais dura de tudo. Porque juntando-se ao lado deles que é: 'Você se vira'. Então, eu peguei isso e também falei assim: 'Bom, vou me virar de todo. Nada de casa de mamãe'. Então, não pego comida, esse intercâmbio não existe. Mas, assim, o máximo que eu trago é uma fruta, ou então: 'Leva esse pedaço de bolo que sobrou'. Isso, no início, foi o que pegou mais, porque isso é puxado ... Tudo que pintou aqui ... outro dia eu peguei a Chave de Grifo e desmontei a pia ... 'Ah, tem que pregar não sei o que na parede'. Sou eu que tenho que pregar, então, peguei a furadeira e Ganhei muito mais versatilidade nessa história toda, com certeza". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Assim, pode-se perceber a importância da infra-estrutura, mas, para que ela funcione bem, é preciso que os empregados reconheçam que há na casa uma autoridade. Desta forma, as entrevistadas precisam se impor: dizer a eles o que deve e o que não pode ser feito é a condição mínima para que isto aconteça, para serem respeitadas.

Algumas entrevistadas não gostam de mandar, não têm paciência e relevam os problemas com os empregados para não se aborrecerem. O resultado é que acabam se irritando e este limite, por vezes, é dado de forma grosseira e descuidada. Mas há quem consiga se sair bem nesta tarefa. As falas a seguir explicam esta questão:

Michele: "Eu dou, prá faxineira também, tenho que dizer o que eu quero, o que eu não quero. Mas, eu fico com preguiça e, às vezes, eu deixo prá lá ... e aí, se me irrita eu vou lá e sou até ríspida. Eu também tenho um pouco de dificuldade de impor respeito, de ser tratada como dona, 'Dona Michele, a senhora não sei o que ...'. Eu sou muito: 'êêêê'. Eu, às vezes, também me cobro um pouco isso. Mas você percebe, também, quando você mora sozinha, quando você é a dona da casa, que você precisa se impor prá pessoas que trabalham prá você, você saber se colocar. Prá mim, isso é difícil. Não sei muito dar ordem. Não gosto, não me sinto muito confortável". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Sandra: "Teve uma vez, um episódio com a faxineira que era, tipo assim, minha mãe e a minha madrinha aumentaram. E ela falou assim: 'Olha, esse mês aumentou, temos que aumentar'. E eu falei: 'Temos que aumentar, não. Como assim, temos que aumentar?'. Aí ela falou: 'A sua mãe e a sua madrinha aumentaram'. E eu falei: 'Ué, cada coisa é cada coisa. Vamos conversar aqui entre a gente se eu posso aumentar ou não'. E, naquele momento, efetivamente, eu não pude. Depois, quando eu pude, eu aumentei. Mas isso eu sempre também tive o maior cuidado, assim, de botar ... 'Olha, não quero que conte o que acontece na minha casa, se veio alguém aqui. Não quero que fique comentando a minha vida'. Já avisei logo, prá duas". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

O limite em relação aos empregados é, então, outro ponto de referência para que elas se apropriem da casa e para que as coisas funcionem bem. Ocupar este lugar não é fácil. A maioria não gosta de dar limites, mas tem tentado, na medida do possível. Como elas mesmas puderam verificar, caso não se imponham não serão respeitadas e não conseguirão lidar com os empregados de forma satisfatória.

Assim, com o tempo, a rotina entra em um esquema onde podem contar com aliados para manter a casa organizada e limpa. Não há vestígios de stress ou muitas preocupações no que diz respeito aos cuidados com a casa. A dependência da família para se organizarem, também, aos poucos é transformada e elas vão se tornando independentes e autônomas. E isto é conseguido à medida em que conseguem ter mais recursos financeiros para montar a casa com eletrodomésticos e contar com a parceria de faxineiras.

Mesmo para as entrevistadas que não têm ainda esses recursos para a manutenção da infra-estrutura, há uma organização e uma administração tranqüila. Elas reclamaram que, no início, a vida ficou mais difícil e mais dura: precisaram aprender a fazer as coisas sozinhas. De acordo com seus depoimentos, no entanto, aprenderam coisas que talvez jamais tivessem conhecido se tivessem saído casadas da casa dos pais.

4.2.3.3 A alimentação

Segundo os depoimentos disponíveis, parece haver uma ligação entre a organização interna (estado emocional) e a organização da casa. Se estão passando por um período legal, esta fica organizada, alimentam-se bem. Quando não, a casa fica desorganizada, atrasam as contas, alimentam-se mal, etc.

A alimentação parece ser a parte mais difícil para elas, na organização da casa, até porque envolve a saúde. Aprender a cozinhar é uma arte e nem todas dominam ou desejam dominá-la - apenas umas poucas entrevistadas disseram gostar de cozinhar. A maioria até sabe, porém não gosta, não tem paciência ou tempo. Além disso, alegam que cozinhar para uma só pessoa não dá prazer. Neste caso, apelam para os congelados comprados ou feitos pelas mães ou faxineiras, numa tentativa de se alimentarem melhor.

Outro problema enfrentado por elas é fazer as compras: saber o que comprar, a quantidade necessária e como conservar os alimentos gera muitas dúvidas e culpas, por desperdiçarem a comida, que estraga e vai parar no lixo.

De acordo com o que elas contam, sobre como cuidar da alimentação:

Denise: "O caos. Engordei que nem uma vaca. Só comia aqueles negócios: Perdigão, Todo Sabor Sadia, almôndegas, não sei o que lá, carésimo. Era um gasto assim, absurdo, por uma comida ruim. Hoje em dia, não, eu já sei fazer comida, como uma salada, tomo um suco. Suco é uma grande conquista. Se você toma um suco e come uma salada, você tá morando bem sozinha. Você já tem uma geladeira organizada e consegue calcular quanto tempo dura cada coisa. Quando alface começa a estragar é ... não se compra alface, quem mora sozinha, só se for aquela de saquinho. Até eu aprender isso foi muito ... foi muito complicado, mas de resto foi ótimo". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Patrícia: "Meio caos, sabe? (risos) E eu acho que aqui no Brasil tem um problema, não tem muito produto prá solteiro. Então, você vai comprar, compra tudo grande. Compra legumes, estraga, tudo que eu compro estraga, porque não tem ... Eu acabo fazendo, sabe aquelas sopas de pacote? Dá prá 4 pratos, 5 pratos, aí sobra e você não toma e você não vai ficar tomando aquele negócio todo dia, entendeu? O que eu joga de comida fora! (...) E eu acho que isso também é um negócio que você tem que aprender, meio que, o que você vai comprar prá não estragar. Tipo assim, eu tenho que comer coisas saudáveis, aí eu compro sei lá, um monte de legumes e acabo não comendo. Então, é uma coisa assim, que você vai vendo qual é a sua necessidade mesmo. Às vezes, eu como melhor, às vezes, eu não como, entendeu? Essa coisa da comida é mais complicado. Ainda mais que eu não gosto de cozinhar. Mas, mesmo que eu gostasse, eu acho que não faria, porque eu chego em casa tão cansada que é aquela coisa de você sentar e dizer: 'Bom, não dá. Não vou fazer comida agora, não vou fazer arroz'.". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Isabel: "Prá mim é muito fácil. Agora, de uns tempos prá cá, é que eu não tô fazendo mais comida, porque ... eu acho que é meio ruim. Eu não tenho muita paciência prá fazer comida prá uma pessoa só. Então, eu comecei agora a comprar comida congelada porque eu não tava comendo legal, né? Comia muito pão com queijo, queijo com pão (risos). E fui fazer exame de sangue e não tava legal de colesterol e essas coisas todas. Aí eu fiquei meio chateada e falei: 'Pô, tenho que comer legal'. A comida agora tá pronta, então, é só chegar e esquentar". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Para quem gosta de cozinhar, esse não é um problema. Algumas entrevistadas conseguem se organizar muito bem e aproveitam para curtir o espaço da cozinha, impondo a ele uma dinâmica própria. Para elas, antes era complicado porque moravam na casa da mãe, que era quem comandava a cozinha. Segundo o depoimento de uma entrevistada:

Rosa: "Eu passei a cozinhar aqui. É aquela coisa, né? Duas mulheres na cozinha é muita gente, já percebeu? Então, a minha madrasta tomava conta do espaço todo, aí eu ficava com um espacinho de nada. E agora, eu tenho espaço prá cozinhar, prá deixar cair uma bolhinha de gordura no fogão, porque a minha madrasta tem mania de limpeza". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

A alimentação, que era uma tarefa antes delegada à mãe, passa a ser de responsabilidade delas. Cuidar-se bem, estando sozinha para fazer tudo, não é uma tarefa fácil: parece que remete à questão da solidão, porque a maioria das entrevistadas disse que fazer comida só para uma pessoa não é interessante, não dá prazer.

Escolher o que comer e tudo o mais que se relaciona à alimentação torna-se um problema que, se podem contar com o auxílio da mãe ou da faxineira, é facilmente resolvido. Assim, mais uma vez, entra a questão da infra-estrutura e do aprendizado, porque não podem ficar eternamente contando com a mãe para se cuidarem e se alimentarem bem.

4.2.4 Vantagens e desvantagens de morar só

Morar só, como qualquer outra situação, tem as suas vantagens e desvantagens. Para as entrevistadas, o saldo total contabiliza mais vantagens, porém, em alguns casos, o que é vantagem para uma pode ser desvantagem para a outra, e vice-versa. Existem também as entrevistadas que não vêm perda alguma em morar sozinha.

4.2.4.1 Vantagens

As vantagens são muitas e todas as entrevistadas consideram esta uma vivência importante. Segundo seus depoimentos, morar só tornou-as pessoas

melhores, mais amadurecidas. Estando sozinhas, elas se percebem mais, deparam com seus defeitos e qualidades. Não há ninguém para responsabilizar durante as fases críticas, quando algo dá errado. Assim sendo, precisam arcar com as consequências de seus atos.

Nesta categoria de vantagens encontram-se as diversas idiossincrasias adquiridas. Elas declaram que se tornaram mais egoístas por opção, pois não estão incomodando ninguém nem são incomodadas.

As falas abaixo destacam as vantagens e tornam claras estas questões:

Denise: "Independência mesmo ... e ... uma oportunidade de você se conhecer melhor, prestar mais atenção em você mesmo. Porque você está aqui sozinha mesmo, então, você tem que prestar atenção em você mesmo. Nada desvia a sua atenção. Acho que isso foi muito importante prá mim. Acho que se eu casasse antes de morar sozinha, eu seria uma pessoa pior, mais difícil de conviver. Presta atenção às suas qualidades e também aos seus defeitos. É assim, eu sou super descolada, mas sou intolerante prá caramba. Então, você começa a ver onde a banda toca e onde você pode melhorar e tudo. Prá facilitar a sua relação com o mundo, com o futuro marido, com a mãe, com tudo". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Clarice: "E eu acho que prá quem quer amadurecer é a melhor coisa. ... São coisas bobas, mas, que você pára prá pensar. Eu coloquei óleo na frigideira e saiu fogo. Eu falei: 'Meu Deus, a minha casa vai pegar fogo'. Aí, eu olhei prum lado, olhei pro outro: 'Não adianta você entrar em pânico'. Aí esperei o fogo baixar e fui lá e desliguei. Aí, quando o meu coração voltou a bater normal eu fui lá e liguei de novo e continuei fazendo. Então, eu aprendi que você tem que ter uma persistência incrível. E o fato de morar sozinha, prá mim, é um desafio diário. Sabe, assim, ser independente? É muito bom você não precisar de ninguém. É você se permitir assim: 'Você está me ajudando ...'. Não, ajudando não é o termo, não. 'Você está participando, não que eu precise de você prá me sustentar, mas você está aqui porque é uma coisa prazerosa, afetiva'. É muito melhor". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Isabel: "Sempre fica uma coisa assim da escolha. Morar só e voltar prá casa no final do dia, prá mim, é o exemplo de que eu tô conseguindo fazer aquilo que eu escolhi. 'Tá vendo, quando você quer alguma coisa você pode fazer. Olha só! Você não precisa fazer as coisas que os outros escolhem, as coisas que os outros dizem ou que é determinado prá você'. Então, eu acho que é bom voltar prá casa. É como se tivesse voltado prá mim e: 'Fiquei na rua, trabalhei prá caramba, passei por todas as

intempéries diárias que a gente passa e tô aqui comigo mesma. Sem me violentar, não me perdi, não me fiz mal. São as minhas escolhas'. Acho que isso é muito importante prá mim. Era a minha escolha e eu consegui manter isso". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

De acordo com as entrevistadas, a experiência de morar só permite que elas desenvolvam mais as suas formas de ser e a cada dia elas exercitam este "ser" com grande satisfação. A autonomia e a independência também aparecem em suas listas como sendo vantagens de morar só. E parece que a liberdade é a vantagem fundamental para elas.

Abaixo estão as suas falas, que explicam o que significa esta liberdade:

Simone: "Sabe, então aqui, eu sinto essa liberdade prá eu ser. Que é uma coisa muito gostosa. Você pode ser em 'n' campos. Mas o conforto que eu sinto ao entrar aqui, faz com que essa presença fique mais forte. Tô experimentando coisas novas, tô aprendendo coisas novas e colocando em prática e isso tá ficando legal, as coisas estão ficando bonitas. Poder transformar bastante. Talvez na casa dos meus pais eles não gostassem de ter uma parede azul e naquele tom ali (risos)". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Fernanda: "Então, a grande vantagem eu acho que é essa, de você poder ter um espaço prá ser mais livre em relação ao que você é. A decoração na casa dos meus pais é um horror e depois eu ... eu ligo se eu resolvo imprimir um artigo que tem 90 páginas às onze horas da noite, isso pode atrapalhar a minha mãe. Quer dizer, tem uma série de limites pequeninhos que você convive e nem ... eles nem são tão chatos. Mas, na hora em que você pode viver sem eles, é uma maravilha". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Rosa: "Ah! Que maravilha ... Eu não sei se eu consigo ... Tem gente que mora com outra pessoa e eu não consigo fazer isso, andar escrachada pela casa, de calcinha pela casa na frente de outra mulher ... escrachadona mesmo, enfim. Eu não consigo fazer isso com outra pessoa, não". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

A liberdade experimentada pelas entrevistadas vai além de tomar uma decisão sobre os seus destinos. Parece que, ao conseguir estabelecer uma dinâmica própria

para suas vidas, elas ficaram mais livres para serem elas mesmas, como se antes não pudessem sê-lo e tivessem que se limitar a existir em função do desejo dos pais.

4.2.4.1.1 A solidão positiva

Este encontro delas consigo mesmas gerou muitas alegrias e descobertas e para que este momento fosse possível, era preciso viver a experiência da solidão. Segundo as entrevistadas, a solidão pode ser vivida de forma bastante positiva. Estar só pode ser um movimento espontâneo, que está intrinsecamente relacionado à personalidade de cada uma. O prazer de estar sozinha faz com que a solidão seja uma opção e/ou uma necessidade.

Há quem garanta não sentir solidão e seus momentos em casa são aproveitados de forma a sentirem-se bem, curtirem a casa, se curtirem, etc. As entrevistadas que dizem não senti-la falam dela de uma forma diferente. Neste caso, a solidão positiva pode ser considerada uma vantagem de morar só. De acordo com essas entrevistadas:

Fernanda: "Olha, eu sinto não poder curtir mais a minha casa. Quer dizer, eu sinto falta disso, porque eu adoro a minha casa. Outro dia eu pensei: 'Pô, tem um tempão que eu não tomo café na mesa da varanda'. Aí, vim, eu trago tudo prá tomar café aqui. Eu levo horas, se eu posso, eu levo o maior tempão prá tomar café, tomar banho, essas coisas eu faço demoradamente, se eu posso (risos) ... E quando eu estou em casa, normalmente eu estou trabalhando no computador. Então, quando é por lazer, é responder e.mail, que é uma coisa que eu adoro e bater papo. É o maior barato. Eu sou uma pessoa que sempre adorei ficar sozinha, sabe? Não tenho muito essa questão da solidão. A solidão até pode ser uma coisa que, eu posso tá no Maracanã, no Flamengo e Vasco e, pô, tá me sentindo super só. Não me incomoda a solidão física, porque eu não sinto ela dentro de mim". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Rosa: "Então, eu não me sinto propriamente sozinha. Mas há momentos em que eu gosto de ... que nem o Figueiredo: 'Eu quero que me esqueçam'. Lembra dessa? Então, tem hora que eu tô que nem o

Figueiredo, querendo que me esqueçam. Coloco a secretária e ninguém nem sabe que eu tô em casa. São momentos esporádicos. Não é que eu seja sozinha, mas, tem horas que eu quero ficar sozinha, sabe? Não quero ouvir a voz de ninguém. ... Agora, morar eu só, sozinha mesmo, sem bicho, sem nada, não gostaria não, mesmo que eu tenha que me mudar prá um conjugado, eu levo os meus gatos". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Sandra: "Bom, eu acho que eu gosto de ficar só. Eu sou uma pessoa que gosto de ir ao cinema sozinha, vou a praia sozinha e tal. Eu acho que quando eu tô sozinha é porque eu tô a fim de tá sozinha aqui. Se eu quisesse estar com alguém eu estaria, assim, com amigos ou os pais. Esse sentimento é uma coisa que eu não experimento, não experimentei. Eu acho que se eu quisesse curtir uma fossa, assim, uma solidão! (risos) Ai, tudo bem. Mas, se não, não". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Parece que, ao estabelecer a dinâmica própria para suas vidas, a sensação de amadurecimento, segurança e encontro delas consigo mesmas torna-se uma consequência natural. Os momentos de solidão positiva são, nesse caso, essenciais para que elas possam se conhecer melhor. Observando seus depoimentos, verifiquei que a autonomia contribui para que solidão possa ser vivida de forma natural e prazerosa.

4.2.4.2 Desvantagens

Morar só também tem as suas desvantagens, e dentre estas, o fator financeiro e a solidão são as mais citadas pelas entrevistadas.

Pagar um aluguel mensal, que não dá garantia alguma de que estarão morando neste mesmo apartamento, quando vencer o contrato, gera instabilidades. Não há como saber se poderão renová-lo - tudo dependerá do proprietário e do valor do aluguel. Além disto, elas acrescentam que uma casa dá muitas despesas, a toda hora há necessidade de consertar alguma coisa, pagar uma conta extra, etc. Com

isso, não sobra dinheiro para economizar e investir em outras coisas, como um carro ou uma viagem.

A solidão negativa é apontada como sendo uma grande desvantagem, já que é a responsável por muitas dores e sofrimentos. Para estas entrevistadas, não ter um companheiro, não ter alguém com quem conversar quando chegam do trabalho são as desvantagens de morar só.

Segundo elas, as desvantagens são:

Denise: "É ter que gastar, assim, você tem a noção de que, com o aluguel, você está jogando o seu dinheiro fora. Não é um investimento financeiro, é um investimento em outra coisa. Se eu tivesse na casa da minha mãe, sei lá, poderia tá juntando dinheiro prá comprar um carro, que eu não tenho. Mas eu preferi vir prá cá. Agora, tem que ver a realidade e a realidade é que você não junta dinheiro. É uma opção, eu faria de novo". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Clarice: "Ah, eu acho que, muitas vezes, você se sente só. Aquele silêncio assim! Tem essas desvantagens práticas, sou eu quem tenho que varrer, porque eu não tenho dinheiro prá uma faxineira, nem tenho com quem dividir, também, todas as responsabilidades, as despesas e ... sou eu, né? Eu, eu e eu. Não tem quem mate uma barata quando ela aparece, quem desentupa um ralo quando ele entope. Mas, também, não é nada tão assustador assim, não. Existem outras pessoas que não moram aqui e podem fazer isso prá mim. Agora, a solidão, às vezes, ela assusta. Então, eu acho que ela tem que ser uma coisa muito bem trabalhada. E eu não sei se eu gostaria de ficar o resto da minha vida sozinha". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Questões de ordem prática também foram citadas com frequência. Como pode ser observado nos depoimentos anteriores, não ter com quem dividir as obrigações e despesas são as queixas principais. Estar só para resolver os problemas domésticos é uma grande desvantagem, porque, em geral, os serviços são feitos em horário comercial. Neste caso, ou elas deixam de trabalhar para resolver o problema ou conseguem que alguém fique em casa para elas. Mas a parte mais difícil acontece quando adoecem e não há ninguém para cuidar delas.

Em certos casos, estas desvantagens podem-se tornar um grande peso. Afinal, ser responsável por tudo o tempo todo é difícil, cansa e desanima.

De acordo com suas falas, as desvantagens são:

Fernanda: "As coisas não acontecem sozinhas. (risos). A minha comida não vai sozinha prá panela e a panela não vai sozinha pro fogão e eles lá se administram sozinhos (risos). Não. Não é assim. E aí eu tenho que saber, se eu quiser ... A faxineira vem uma vez por semana e, se eu quero a minha cama arrumada prá quando eu for deitar de noite, ter aquela sensação de cama limpinha, arrumadinha e tal, eu tenho que ir lá fazer". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Sandra: "Não tem com quem dividir. Isso é difícil de morar sozinha, eu acho. Ter alguém prá dividir essas funções, tipo, resolver os problemas domésticos. A Sônia só tá aqui na quarta-feira. Aí, quebra um negócio na quinta, então, só na outra semana ou no sábado, que é um dia que eu não tenho trabalho. Outro dia quebrou o aquecedor e foi super difícil, assim, de combinar. Mas, essa coisa de ficar à disposição de oito a meio dia, de meio dia às cinco, sei lá ... Teve uma vez que eu tive uma gripe super fogo, assim. Aí, eu acho que é a situação mais difícil de morar sozinha. Essa coisa do desamparo total. Você mal, com dor, sabe? Ninguém vai tá do lado ... Fui prá casa da minha tia, no Leblon. Fiquei lá cinco dias direto. Mas, mal! Mal de não conseguir levantar. Foi horrível! Mas, assim, eu ... Um dia, se eu passasse muito mal, o quê que eu ia fazer? E aí, tem essa vizinha aqui do lado, esse prédio inteiro me conhece, assim teria alguém prá chamar. Mas aí, próximo, numa situação de emergência ...". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Não há, no entanto, uma unanimidade quanto a estas questões. Dentre as dez entrevistadas, encontrei aquelas que não vêem nenhuma desvantagem - para elas, tudo é uma questão de saber se organizar e administrar bem os sentimentos. Neste caso, a solidão, por exemplo, não é uma desvantagem: é preciso saber lidar com ela.

As declarações das entrevistadas, que não vêem desvantagens, demonstram o que elas querem dizer:

Isabel: "Eu não vejo muita desvantagem, não. Eu acho que hoje eu só deixaria de morar só prá morar com um companheiro ... Eu conheço algumas pessoas que ficam: 'Você chega em casa e não tem o que fazer e coisa e tal'. É verdade, às vezes, você chega e não tem com quem conversar, não tem com quem falar as coisas que aconteceram, mas é

essa solidão que não me incomoda. Eu faço análise até hoje, eu tenho amigos, trabalho prá caramba. Então, eu acho que quando eu chégo em casa, eu tô a fim de ficar quieta mesmo". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Michele: "Desvantagem? Eu acho que nenhuma. A desvantagem é que eu tô sozinha aqui. Mas eu não sei se ficar sozinha é uma desvantagem, porque eu posso ir prá rua, eu posso encontrar meus amigos, almoçar na casa de amigos, chamar alguém prá vir aqui, posso ir prá casa dos meus pais. Ficar sozinha é uma opção. Não é porque eu morei sozinha. (risos) Eu me sentia sozinha na casa dos meus pais. Então, acho que não tem desvantagens porque a solidão não é uma desvantagem. É uma coisa que você administra mal". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

As despesas com a casa, para algumas entrevistadas, significam um investimento em suas vidas. Mas, para outras, estas despesas podem ser vistas como uma desvantagem, o que pode gerar conflitos.

Observando o discurso das entrevistadas, percebe-se que algumas questões apontadas como vantagens (a autonomia ou a liberdade) podem aparecer na lista das desvantagens. Afinal, lidar o tempo todo com tudo sozinha é tarefa árdua. Assim, a autonomia e a liberdade, às vezes, transformam-se em solidão, causando também conflitos.

De acordo com o que elas contam, para transformar estas desvantagens é preciso aprender a lidar com o dia-a-dia, administrar a casa, se cuidar e, principalmente, conviver com a solidão. Uma boa infra-estrutura ajuda na administração da casa e na rotina diária, mas o que fazer para aprender a lidar com a solidão?

4.2.4.3 O aprendizado da solidão

Esta parece ser a maior desvantagem que existe por morarem sós e é uma questão que perpassa todas as histórias. Em algum momento, todas se deparam com

a solidão negativa. Há quem consiga lidar bem com ela mas, em geral, é necessário um aprendizado: elas dizem que é preciso coragem e força nestes momentos. Ver televisão, ouvir música, falar ao telefone, navegar na Internet, ler um livro estão entre as possibilidades de driblar a solidão dentro de casa.

As entrevistadas contam como se sentem nestes momentos de solidão, o que fazem para enfrentá-la e como se dá este aprendizado:

Luciana: "Teve um dia que eu me senti muito só, que eu não falei com ninguém por umas seis horas. Sabe quando você não abre a boca? Morar sozinha é lidar com isso. De vez em quando você está só e as pessoas não estão em casa (risos). E aí é difícil. Sábado à noite, você não ter nada prá fazer e não encontrar ninguém prá fazer nada com você é chato. Olha, eu já chorei, eu já fui ver televisão e achei um filme excelente, adorei estar em casa sozinha. Já aconteceu de tudo. De eu ficar muito triste e já aconteceu de eu descobrir que foi ótimo". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Clarice: "Eu, às vezes, sexta-feira, fico naquela ansiedade. 'Ah, o que eu vou fazer no fim de semana?'. Aí eu acabo parando e pensando assim: 'O quê você quer fazer?'. Aí descobri que é legal ver televisão, preparar uma pizza deliciosa e tomar um bom vinho. Sabe? Então, tudo isso tá me dando uma perspectiva bem nova. Há umas duas sextas-feiras atrás eu realmente cheguei a entrar em pânico: 'Poxa, eu sou a mais solitária das solitárias. Eu sou uma esquecida! Uma excluída'. (risos) Mas, isso também passa. Eu aprendi que posso ser uma grande companhia minha mesma. Agora, também não é um aprendizado fácil, não. Olha, já me vi sentada no sofá olhando pras paredes. Vou abrir até um parênteses aqui, voltei a procurar pessoas que não falava com elas há muito tempo. Aprendi um monte de coisas. Me sinto, às vezes, com quinze anos, assim, aprendendo: 'Ah, tem um mundo todo aí fora'. São umas coisas assim engraçadas. A gente precisa de um tempo prá se adaptar". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Como foi visto acima, esta é uma situação nova, que precisa de tempo para a adaptação. Assim, em alguns momentos elas ficam bem e, em outros, a solidão negativa ameaça a tranquilidade delas. A solidão também pode ser gerada pelo excesso de trabalho, que reduz o tempo de lazer. Para pôr em ordem o orçamento,

elas trabalham muito, inclusive em casa, o que faz com que o “estar em casa” remeta à solidão. A fala a seguir explica esta situação:

Luciana: “Como eu tô trabalhando demais, isso me incomoda também porque no meu tempo de lazer eu acabo trabalhando, né? Geralmente é assim, tá um azul maravilhoso aí, eu sei que fulano me convidou prá dar uma caminhada na Lagoa e eu não fui porque eu tô aqui. Aí eu fico com ódio, porque eu vejo um dia lindo lá fora. Mas, assim, eu sei que eu tô fazendo isso, porque é uma situação passageira, que daqui a pouco vai tá tudo bem”. (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

O que é a solidão para elas?

Algumas entrevistadas chegam a definir diferentes tipos: a solidão do mundo, a do momento por estar só e o estar só enfrentando o mundo e as suas dificuldades. Muitas não sabem o que fazer e não suportam ficar em casa, precisam ir para a rua e encontrar as pessoas, outras resolvem ficar em casa e enfrentá-la. Em geral, tentam conversar consigo mesmas e entender o que está acontecendo de fato, qual é o problema e o que gerou a solidão. Todos são momentos passageiros, mas aprender a lidar com eles gera muita dor. Como foi visto, parece que, para estarem sós, é preciso que aprendam a transformar a solidão negativa em solidão positiva.

As falas seguintes explicam como elas vivem a solidão:

Michele: “Às vezes, eu me sinto sozinha aqui, às vezes dá um nervoso ... Aí várias pessoas ligam, às vezes, ninguém liga. Aí você fica andando de lá prá cá. (risos) Aí eu vou prá casa da minha mãe. Eu procuro colo à beça. Como prá caramba. Abro a geladeira quinhentas vezes. Eu acho que quando eu me mudei, eu gostava até de ficar aqui sozinha. Então, acordava de manhã, tomava café, lia jornal ... Aí, hoje eu até faço isso, mas me dá um nervoso, porque eu acho que eu queria alguém prá tomar café. Sabe, assim? Eu não sinto solidão. Me dá nervoso, às vezes, é porque eu me sinto ociosa. Eu não tenho um horário de trabalho certo ... Eu, às vezes, gosto de sair prá não ficar em casa o dia inteiro, porque eu fico muito em casa. É ansiedade”. (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Simone: “No início eu precisava ligar nem que fosse a Costa Verde, que era a rádio que pegava, só prá ouvir alguma coisa. Dava aquela angústia de fato, existencial, sabe? Esse tempo que eu fiquei lá foi crucial prá o que

eu sou hoje. Porque eu aprendi a ficar muito só, foi uma solidão muito grande. De dias, assim, de eu não conseguir ficar. Eu pegava o carro e saía, ia prá Santa Cruz. (risos) Eu tentava conversar comigo, que eu acho que isso é muito difícil. A gente tem muito pouca disposição de fazer isso. E, esses momentos, assim, de sair prá fora, foram poucos. 'Preciso sair prá falar com alguém. Preciso sair prá comprar uma pêra, só prá trocar o diálogo da pêra'. (risos) Mas, a maior parte do tempo eu tentei ficar, assim: 'Por que eu ... Que que eu tô sentindo, medo?'. Você edita o que você quer, o que você vai fazer. O seu desejo vai te guiando, né? E, nesse sentido, é muito individual e é muito sozinho. Existe uma solidão que eu acho que é natural. E existe o fato de estar só naquele momento. Então, tentar lidar de maneira diferente, entendeu? Na verdade, o fato de estar só, às vezes, me deixava mais angustiada por tocar nessa solidão tão profunda e, às vezes, tão difícil. Que é o fato de você tá sozinha no mundo. Sabe, isso ficou tão presente quando eu fui morar lá?". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Isabel: "Eu me sentia ... Meio sozinha mesmo. Mas, não era um sozinha ... Engraçado, não era um sozinha solidão. Eu acho que tem dois tipos de solidão, eu entendo, né? A solidão de solidão do mundo: 'Estou sozinha no mundo!'. Isso nunca passou na minha cabeça. Nunca me senti sozinha do mundo, entendeu? 'Ah, sou uma pessoa solitária'. Não. Mas, tinha uma coisa assim, de tá ... me sentir sozinha batalhando. 'Será que eu vou conseguir agora?'. Eu acho que a solidão era essa". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Independentemente de acharem a solidão vantajosa (ou desvantajosa), as entrevistadas contam estar aprendendo como lidar com ela, o que parece ser fundamental. Neste caso, a solidão pode deixar de ser uma desvantagem mas é preciso um respaldo interno para lidar com ela e a autonomia propicia isto.

A casa vazia, a falta de televisão, som ou telefone, o fato de trabalharem muito em casa, sem tempo para o lazer, são condições e situações que remetem à solidão: elas, às vezes, não têm tempo para encontrar as pessoas, passear, etc. Há também, segundo as entrevistadas, o movimento de se fecharem por estarem morando sós e assim precisam fazer força para se abrirem, saber a hora certa de procurar companhia para saírem da solidão e não ficarem tão sozinhas.

4.2.5 Relações afetivas

Observar as conseqüências deste novo estilo de vida nas relações afetivas e amorosas torna-se bastante interessante. Há quem diga não ter passado por nenhum tipo de mudança nas relações afetivas, mas, observando os depoimentos, pode-se perceber que as mudanças são bem significativas. Em alguns casos, mudam as amizades e aprofundam-se as relações amorosas.

4.2.5.1 Relações de amizade

Muitas vezes, os amigos passam a ocupar um lugar diferente na vida destas mulheres, que precisam se abrir mais ao convívio e tomar a iniciativa para que os encontros aconteçam. Conforme os depoimentos seguintes:

Michele: "Acho que eu tenho procurado mais as pessoas prá não ficar em casa. Você passa a precisar das pessoas, você passa a aprender que tem que programar coisas. Se eu não quiser ficar sozinha no domingo, eu tenho que chamar as pessoas prá almoçar. Eu vou me empenhar, porque eu me vejo muito sozinha. Eu sempre fui muito auto-suficiente. Se eu quiser fazer alguma coisa e não tiver ninguém, eu vou fazer sozinha. Eu só tenho que prestar atenção prá não ficar sempre fazendo sozinha. Então, talvez isso esteja mais forte agora. Eu percebo mais e não quero mais ser assim". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Rosa: "Eu tenho muitos conhecidos, tá? É amigo, porque eu tenho uma relação amigável, cordial. Mas não são tantos os amigos que eu tenho intimidade. Entendeu? Mas, também, é uma coisa que eu tô aprendendo, eu vou me abrindo. Eu não era assim há 5 anos atrás. Tá se tornando uma coisa natural". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Segundo algumas entrevistadas, não ocorreu nenhuma mudança significativa nas suas relações de amizade, porém estão mais atentas para delimitar quem é amigo de fato e quem é apenas colega. Desta forma, passou a haver mais tolerância

na relação com os colegas e mais confiança na relação com os amigos de verdade.

De acordo com suas falas:

Denise: "Antigamente, eu era social demais, assim. Todo mundo era meu amigo e hoje em dia ... Nem sei se isso tem a ver com a casa, mas eu noto que nesse período que eu aprendi a valorizar mais as minhas amizades e a desvalorizar quem não era amigo realmente. Isso não significa que eu ia tratar mal, não. Só que, dentro de mim, tem um outro status. É colega, é conhecido. Eu sei que aquela pessoa não é minha amiga íntima ... que não vai me acompanhar até o fim dos dias (risos)". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Clarice: "Com os amigos mais chegados de verdade, não. Não mudou. E essa palavra amizade, amigos, agora é uma coisa muito diferente prá mim. Antes eu tava muito disponível e agora eu tenho que peneirar bem, pensar bem, prá quem eu posso oferecer essa disponibilidade. Eu acho que prá convidar prá vir na minha casa, hoje, eu me tornei uma pessoa infinitamente mais seletiva". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Alguns relatos apontam o fato de que mudou a forma como são vistas pelos amigos. As entrevistadas percebem que morar só pode gerar admiração, curiosidade, preconceitos, invejas e espanto por parte dos amigos, que gostariam também de morar sozinhos. Isto pode fazer com que elas se sintam vitoriosas e orgulhosas de si mesmas, mas, aprender a lidar com estes sentimentos pode ser confuso. Vejamos alguns depoimentos:

Fernanda: "Eu lembro de um amigo que falou assim: 'Fernanda morando sozinha?'. Como quem diz assim: é uma amiga minha fazendo o que, na verdade, o que todo mundo sempre quis, sempre pensou, mas que ninguém nunca fez. Ou por falta de coragem ou porque não tinha mesmo condição financeira, né? Então, o comentário dele foi, um pouco traduziu prá mim o que as pessoas todas também diziam, mas não da mesma forma. Uma coisa meio de susto, mas não é um susto ruim". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Michele: "A maioria das pessoas que eu vejo que não moram com os pais ou estão morando porque tem filho, é separado. Ou que divide o apartamento. No meu universo, em volta, parece que eu sou uma vitoriosa. Porque, como que eu moro sozinha se eu pago aluguel? Porque eu vejo muitos casos assim: 'Tô dura esse mês, ainda bem que a minha mãe me deu uma grana'. Eu moro aqui, dependendo de mim mesma e só de mim. Eu

acho que as pessoas admiram, quer dizer, não sei se admiram ou notam, reparam". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

As entrevistadas que dizem ter modificado a forma de se relacionar com os amigos relatam também haver mudado os seus relacionamentos: novas amizades foram feitas. Conforme alguns depoimentos, o amadurecimento que sentiram ocorrer quando saíram da casa dos pais para morar só fez com que elas passassem a se relacionar com os amigos de forma diferente. Elas contam como ocorreram estas mudanças nas relações:

Simone: "Quando eu comecei a conversar mais comigo, entender um pouco mais, tentar varrer um pouco do lixo que eu carrego dos "tem quês", "é assim, não é assado", eu comecei a poder ser espelho disso também prá pessoas. De poder cutucar os outros de uma certa maneira. Isso às vezes incomodava". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Michele: "Eu conheci pessoas novas, amigos em geral. As pessoas da minha fase de morar sozinha. E isso me dá mais segurança de ter a casa, entendeu? Meu cartão de visita é morar sozinha. (risos) Ah, isso é uma coisa que eu acho legal, secretária eletrônica. Os recados só podem ser prá mim. Sabe? Acho que poucas pessoas ligavam prá minha casa na época que eu morava com os meus pais. Pessoas que eu não consigo imaginar que fizessem parte da minha vida na casa dos meus pais. Você se sente muito o centro das coisas". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Muitas entrevistadas estão sem namorado firme e o fato de estarem solteiras, em uma fase em que os amigos estão-se casando e tendo filhos, contribuiu para a mudança no círculo de amizades. O estilo de vida de pessoas casadas e com filhos é muito diferente daquele de pessoas solteiras e sem namorado. Quando elas têm namorado, o casal está sempre junto e esta questão da solidão ou da falta de companhia não aparece.

A mudança na rotina de cada uma também contribui para que as relações de amizade se transformem - elas agora têm uma vida repleta de compromissos e

responsabilidades. A disponibilidade de tempo para o lazer se transforma, não só para elas, como também para os amigos. Conforme seus depoimentos:

Isabel: "Quando eu saí de casa, era todo mundo solteiro. Entrou essa fase do casamento, foi um atrás do outro, uma amiga atrás da outra casando. Eu não senti isso enquanto eu tava com o meu namorado, a gente terminou tem mais ou menos um ano. E aí, quando a gente terminou, eu e ele, aí foi meio difícil prá mim, porque eu não tinha companhia prá sair sexta, sábado, entendeu? Dia de gente solteira ... Aí eu comecei a ver que existiam poucas pessoas de trinta e tantos anos ou sei lá, que tinham afinidades, né, que saíam por sair, entendeu? Ou mesmo prá paquerar, ou sair prá uma boate porque tá a fim. Acho que dentro dos 30 não tem mais grupo, não. Tem uma ou outra pessoa que você conhece de grupos separados, do trabalho, ou uma pessoa que você já conhece, mas que não faz o grupo. Então, hoje que eu tenho conseguido sair com alguns amigos mas não é mais como era antes, sexta, sábado, domingo, entendeu?". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Luciana: "Meus amigos vêm aqui, mas eu acho que eu tô numa idade que ... quando eu me mudei da primeira vez, meus amigos eram todos solteiros e sem filhos. Agora é diferente. A minha melhor amiga já tem dois filhos. Acho que as pessoas vão ficando cheias de compromisso, então, elas acabam se afastando muito". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Segundo os depoimentos das entrevistadas, elas gostam de receber os amigos em casa e este pode ser um grande acontecimento. Porém, elas gostam de ser avisadas da visita, para poderem se preparar e receber com o devido cuidado. Compram vinhos e quitutes para oferecer e a casa está bem arrumada e limpa. Diante de tantos cuidados e preparativos, acabam recebendo menos do que gostariam e se fecham para as visitas. O fato de ficarem pouco tempo em casa também contribui para que as visitas não sejam muito freqüentes: na realidade, elas recebem pouco. De acordo com as entrevistadas, houve um período inicial de muitas festas e visitas que, aos poucos, se normalizou e atualmente não recebem muito os amigos. Conforme elas falam:

Clarice: "... Eu prefiro que você me avise. Se você aparecer de surpresa, também não é uma coisa que vai me matar do coração, não. Mas, prá eu

poder estar preparada. Sabe, eu acho que você receber bem é uma arte. Então, eu gosto sempre de ter um vinho gelado. Alguma coisa gostosa prá oferecer, é da minha natureza". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Michele: "Então, assim, não vem muita gente na minha casa. No começo eu até tinha esse prazer de chamar as pessoas ... preparava alguma coisa prá receber as pessoas, deixava coisa na geladeira. Fazia bolo: 'Não, pode vir alguém ...'. Agora, eu até gosto, mas, eu me sinto livre também. A hora que alguém quiser vir aqui, pode vir, não tem nenhum problema. Não é uma coisa: lh, agora? Quer dizer, eu gosto que as pessoa venham aqui, eu tenho prazer. Mas as pessoas que eu escolhi. Não é aquela coisa: 'E beleza, na minha casa ...'. A minha casa não é um lugar assim. Eu escolho as pessoas que eu gosto de receber, mas, eu tenho uma coisa reservada. Tenho ciúmes das minhas coisas". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Patrícia: "Eu saio cedo e volto 11:30 da noite durante a semana. E aí, no fim de semana você nunca fica, você vai ao cinema, você ... Então as pessoas vêm, mas vêm pouco, porque eu não tô em casa. De vez em quando eu recebo uns amigos, casais amigos vêm jantar aqui. Mas é muito raro. Quer dizer, é menos freqüente do que eu gostaria porque ... meus horários não são, não casam com o de ninguém (risos)". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

De acordo com os depoimentos citados, elas não se incomodam em receber alguém que chega repentinamente, porém preferem ser avisadas, porque, para elas, isto é sinal de respeito. Fazem questão que a casa delas seja um "lar" e deixam bem claro que lá não é a "Casa da Mãe Joana", onde tudo pode ser feito, onde tudo acontece. Com isso, estão mais seletivas e, em suas casas, recebem apenas os amigos.

Uma entrevistada fala um pouco sobre esta necessidade de impor o limite aos amigos, delimitar o espaço e ditar as regras da casa:

Fernanda: "Ai, só que também, tipo assim, amigo, se você abre muito a casa e eu, que sou toda cheia de coisa com as minhas coisas, a galera logo precisa ter o limite também. Senão a galera sai fazendo, achando que é a "Casa da Mãe Joana" e não é também. Então, na verdade, uma coisa que eu descobri é o quanto, às vezes, passa essa idéia. Por eu ser super jovem e estar morando sozinha, às vezes, até a faxineira tem umas reações assim, de que é como se não houvesse autoridade, não houvesse

o limite. E aí eu me preocupo de estar sempre marcando. Umas coisas assim, que eu tinha que ir, porque são coisas que na casa deles certamente eles não fariam. Mas, como aqui parecia que era tudo festa, tudo oba-oba, isso não parecia tão importante". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Parece que, por ser incomum pessoas solteiras morarem sós, principalmente quando são jovens, os amigos acabam por considerar a casa um território livre, onde se pode ter total liberdade. Na realidade, quem a está experimentando são elas, que estão morando sozinhas, mas sendo este um desejo geral, ao freqüentar a casa delas os amigos sentem-se tão livres quanto as donas. Eles querem compartilhar da liberdade e, por vezes, perdem o respeito por elas e pela casa. Impor o limite torna-se, então, essencial para que se dê um convívio saudável com os amigos.

As mudanças observadas nas relações de amizades foram muitas. Elas estão solteiras em uma época em que a maioria das pessoas na idade delas estão casadas. A mudança no círculo de amizade pode, então, ser inevitável para que não fiquem sozinhas.

Como pode ser observado nos depoimentos anteriores, uma mulher solteira que mora só é uma novidade que as pessoas estranham, admiram, invejam, entre outras coisas. E, segundo as entrevistadas, ocupar este lugar pode ser prazeroso ou gerar conflitos.

4.2.5.2 Relações amorosas

Algumas entrevistadas, que já tinham namorado quando foram morar sós, disseram que não houve mudança na forma como se relacionam com ele: apenas o casal tem mais liberdade. Porém, à medida em que as entrevistadas explicam como é que está a relação amorosa, logo aparecem várias alterações. Para a maioria delas,

esta mudou bastante: segundo seus discursos, modificou-se a intensidade da relação (ficam mais tempo juntos). Conforme alguns depoimentos sobre as mudanças na relação com o namorado:

Patrícia: "(...) E o namorado foi mais pelo fato da gente tá mais junto e não pelo fato de eu estar morando sozinha". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Fernanda: "Mas, aí, eu acho que o namoro muda muito, sabe? Eu acho que na casa do meu pai, eu não convivia tanto com o namorado, num grau, numa intimidade e intensidade tão grande quanto eu convivo aqui. Porque aqui, por exemplo, o meu namorado passou a Semana Santa aqui. Quer dizer, é super corriqueiro ele dormir aqui". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

As entrevistadas que não tinham namorado no momento em que foram morar sós disseram ter tido muitas preocupações diante da possibilidade de uma nova relação. Apareceram muitas fantasias, imaginavam como seria (ou mesmo como será) uma nova relação e se preocupam com isto. Elas têm consciência de que o namoro muda bastante e acham importante tomarem alguns cuidados para se preservarem, uma vez que cabe apenas a elas delimitar até onde poderá ir a relação, já que, agora, não podem mais se defender atrás de proibições familiares. A maneira como encaram uma relação amorosa muda também e elas se tornaram mais exigentes.

Os depoimentos das entrevistadas descrevem estas fantasias, cuidados e medos, antes de ter um namorado:

Rosa: "Um namorado ... acho que eu ia passar um tempo até trazer o cara aqui em casa. (risos) Olha, eu não sei como ia ser, não. Mas é justamente, eu tenho a impressão que, o cara sabe que você mora sozinha e acha: 'Oba, pode entrar'. 'É o rendez-vous'. 'Tá liberado'." (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Fernanda: “Bom, eu morria de medo de arrumar um namorado. Quase três anos sem namorar. Quando eu vim prá cá, eu continuei um tempo não querendo namorar ninguém, mas a minha preocupação nem era tanto essa. O meu medo é que, na cabeça dele, tivesse meio que haver aquela obrigação de transar, já que não havia o limite que tem na casa dos pais da gente, que é de daqui a pouco pintar o meu pai ali no corredor, ou o meu irmão, a minha mãe, sei lá. Não tinha limite, eu que tinha que colocar. Agora, quando eu tava a fim de transar era até muito melhor porque (risos) não precisava ir prá motel. Pode rolar aqui, e aliás ... a gente tem mais liberdade, pode rolar a qualquer hora, não é aquela coisa mais tão preocupante”. (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Começar a namorar também pode trazer problemas: é preciso saber dosar a convivência, para que não se sintam invadidas, para que o namoro não vire um casamento antes do tempo.

Existe uma diferença entre ter um namorado que mora sozinho e um que mora com os pais. De acordo com elas, homens que moram sós reagem bem a uma mulher que mora só e os homens que ainda moram com suas famílias acabam freqüentando mais a casa delas, pois não têm liberdade na casa dos pais.

Mas estas não são mudanças ruins, conforme seus discursos: são mudanças marcantes, que exigem cuidados. Existem as vantagens e as desvantagens de um namoro nesta situação, morando sozinha. As entrevistadas falam sobre o namoro:

Sandra: “... Eu acho maneiro, gosto que freqüente quando você namora ... freqüenta muito a casa ... Esses namorados que eu tive mais firmes, quer dizer, o último, mais recente, morava aqui perto. Ele tinha a casa dele, eu a minha casa e tal e a gente ficava nas duas casa. Mas, cada um na sua casa. Esse namoro foi rápido. Agora o mais longo, que a gente até pensou em morar junto ou não e tal é ... Era muito de ficar aqui em casa, porque ele morava com os pais. Então aí, quando eu falei: ‘Não, não vamos morar junto’. Ele saiu e foi morar sozinho também. É assim, quando o cara mora na casa dos pais, é um lugar que é mais difícil de eu ficar mais à vontade e de eu ir. Então, em geral, vem mais prá cá”. (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Fernanda: “Não teve um período em que a gente imaginasse, como sempre imaginou, como ia ser morar junto? Como deve ser acordar do lado dele e como será conviver com ele, parará, parará. Não tem. Porque antes de eu pensar em como será, antes de eu desejar, antes de eu imaginar, já

rolou. Eu sinto falta disso, mas, ao mesmo tempo, como eu tava lá toda apaixonada, eu não consegui impor esse limite, prá até tentar criar essas situações em que isso acontecesse, como acontecia antes. Mas, pô, por outro lado é um barato. O meu medo é que a coisa cresça tanto que, de repente, quando eu perceber, eu já tô casada e nem me dei conta que casei. Porque não é uma coisa que eu quero agora". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Assim, aprender a dar limite para o namorado torna-se, fundamental para que sejam respeitadas, para enfrentar a nova situação. Muitas ainda não sabem exatamente como fazer, ainda estão aprendendo e este, também, não é um aprendizado fácil. As relações afetivas são delicadas e impor limites a quem se ama requer delicadeza, sutileza e segurança, para não ameaçar a relação. Elas declaram que a casa delas não é a "Casa da Mãe Joana", onde os homens podem entrar e dispor das coisas como bem entendem, simplesmente porque são os namorados delas. Segundo seus depoimentos:

Rosa: "Namorei um ano e meio quase e agora já estou cinco meses sem namorado. Foi uma merda, uma merda. Com o perdão da má palavra. Quer dizer, tinha o problema de dividir com alguém ... Essa coisa de ficar ... não ter muita liberdade. E o meu namorado era muito espaçoso, era até um cara grande assim, né? Chegava aqui, parecia a 'Casa da Mãe Joana', tirava a roupa, andava pela casa de cueca, abria a geladeira, deixava troço de lado... E dava palpite em tudo. Como eu tinha que agir com as gatas, como eu tinha que agir em casa ... Quando eu cheguei aqui, eu pensei, bom, agora eu posso ter um espaço, né? Prá namorar e tal, mas aí, virou a 'Casa da Mãe Joana'. Começou a se instalar aqui, porque prá ele era muito fácil. Aqui era o lugar que ele tinha mulher, sabe, tinha comida na geladeira, telefone prá falar com quem quisesse, televisão prá ver. Ah, aqui ó! Comecei a encher o saco, comecei a me sentir um utensílio. Porque não era vir aqui porque gostava de mim nem nada, podia até gostar, mas, tava meio que se aproveitando, entendeu? Podia até ser que não tivesse má intenção, mas tava". (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Denise: "Mas, teve um dia em que um amigo do Paulo, que é meu amigo também, o Paulo falou assim: 'Ah! Chamei o Mário prá vir aqui'. Fiquei puta, né? Não me consultou. Não dava prá desconvidar e aí o Mário veio aqui. E ficou até as três da manhã. E eu que gosto de servir bem, fui prá cozinha, fiz sanduíche e tal e nesse dia eu não tava a fim, entendeu? E aí, eu achei meio invasor mesmo, numa medida que não é nenhuma ópera isso: 'Oh, invasor!'. Eu achei meio errado, o meu namorado chamar sem me consultar. O que ele tinha que fazer: 'Denise, tô a fim de chamar o Mário, o

que você acha?'. E tal, nada muito sério, muito formal. Aí, eu 'Ah, tá, mas, hoje eu não tô muito a fim, tô a fim de sair prá jantar fora, quero ficar sozinha, quero dar pirueta'. Mas, isso assim ... Então ... mas, eu acho que isso aí não tem nada a ver com a casa, tem mais a ver mesmo com ruído de comunicação mesmo, de intimidade, sabe? (...) Eu tenho muita dificuldade de dizer não, assim, então, eu dizer isso foi um sacrifício. Eu tenho muita dificuldade de dar limite. Mas, eu consegui". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

A fala descrita anteriormente demonstra que por ela morar só, o namorado sente-se com liberdade suficiente para convidar um amigo a ir à casa dela sem o seu consentimento, como se também fosse dele. Parece que, para os namorados, ver o movimento delas, de morarem sós, pode fazer com que o desejo de morar junto com elas apareça.

A fala de uma entrevistada, descrita a seguir, explica esta situação:

Sandra: "Eu lembro que tava namorando e era um momento especial da vida prá mim, de estar saindo de casa, realizando o que eu tava a fim. E esse namorado assim, curtindo saber que eu ia morar sozinha. Mas, assim, era uma situação difícil porque ele não ia morar comigo. Então, às vezes, ele queria dar opinião, tipo, o teto tem que ser mais claro do que a parede, não sei o quê. Coisas que não tinham a ver comigo, propriamente. A gente chegou a bater um papo, depois que eu tinha ido morar sozinha, se ele ia ou não morar comigo. 'Por que não morar aqui se eu vivo tanto aqui?'. Mas, eu quis viver essa sensação de que a casa era minha. E eu: 'Não, eu quero morar sozinha'. Quer dizer, ele tinha lá duas prateleiras, ficava puto com as duas prateleiras. (risos) Essa coisa de espaço prá mim era super importante, sabe?". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Como já foi visto, existe uma tendência de o namorado freqüentar muito a casa delas; assim, o desejo de morar com o namorado, casar, parece estar presente, como uma possibilidade bastante concreta. Porém, a vontade de viver a fundo a experiência de morar só é mais forte e acaba prevalecendo, e o desejo de casar é adiado. Este é um momento onde os conflitos podem aparecer e, por isso, elas precisam decidir-se por casar ou manter a relação como ela está.

4.2.5.2.1 As futuras relações

As entrevistadas que não têm namorado firme desde que foram morar sozinhas consideram difícil conhecer homens que não se assustem com a opção delas, já que os homens ainda acham que mulher só sempre quer companhia, é fácil, liberal, etc.

Elas não sabem quem trazer para casa e isto não é tranquilo: para elas, a escolha de quem trazer ainda está-se formando.

As entrevistadas ficam imaginando como será ter um namorado circulando pela casa e sabem que precisarão aprender a lidar com isto. Elas alegam estar passando por um período de muito egoísmo e sentem que ficariam incomodadas com a presença deles. O resultado é que imaginam empecilhos às novas relações, como, por exemplo, a falta de espaço na casa ou alegam estar mais exigentes em suas escolhas, não aceitando mais qualquer tipo de relação.

Parece ser, então, bastante conflituoso este desejo de ter um namorado, um companheiro, e não saber se estão disponíveis para uma relação. Suas falas explicam bem o que elas sentem:

Clarice: “Eu acho que, talvez seja só impressão, mas, eu acho que o fato de você estar sozinha, ser independente, ainda afasta as pessoas. Eu acho que, de um modo geral, o homem brasileiro ainda é muito limitado. E nesse período de mudança, eu tava me relacionando com uma pessoa de São Paulo, e eu até achei que ele vinha aqui. Ele simplesmente, depois que eu vim morar sozinha, ele sumiu. Aí eu pensei assim: ‘Será que o fato de eu estar só, agora, ao invés de ...’. Eu achei até que isso ia aproximar, mas, não ... a gente tava indo por um caminho e de repente ... acabou. E isso é uma coisa que hoje em dia me incomoda *muito*. Você não chegar a lugar nenhum, seja afetivamente, seja profissionalmente, enfim, eu acho que você tem que chegar a algum lugar. E acho que, por isso, eu acabo ficando sozinha, esse negócio de oba-oba não serve mais pra mim. Ainda não inaugurei a casa. (risos) Ela está totalmente virgem. Às vezes, eu até acho graça. Engraçado, é uma questão totalmente conflitante, porque ao mesmo tempo que eu quero, em alguns aspectos ia me incomodar muito. Então, eu

fico me perguntando: 'Será que eu quero mesmo?'. É uma coisa tão complicada!". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Michele: "(risos) É preciosa essa experiência de morar sozinha, eu acho. Hoje em dia eu tenho ... Eu fico achando que eu não consigo morar com mais ninguém. Eu já tive experiência de morar com amigos, né? Não muito tempo, quer dizer, morei em kibutz ... Depois, na Itália, morei em casa de estudante ... E depois eu morei com esse cara, convivi muito com ele. Mas, depois que eu me separei desse cara, que foi uma confusão, acabei namorando ele aqui, volta, não volta, casa, não casa. Eu conheci uma pessoa e era uma coisa, assim, de paixão. É diferente, uma novidade. Uma coisa mais amadurecida. Uma coisa de troca, falar a mesma língua. Isso eu não tinha com aquela relação. E eu acho que eu nunca tive isso, então, eu preciso viver isso. Com essa idade, trinta e três anos de idade, eu preciso me apaixonar prá saber o que é isso (risos) ... Eu fico feliz, assim, quando eu entro aqui e ... sabe? Não tem ninguém, nem homem, nem ninguém. Às vezes, apesar de reclamar, né? 'Não casei, não sei o quê'. (risos) ... Depois que eu mudei prá cá, eu acho que eu ganhei mais autoconfiança prá estar com outra pessoa. Eu acho que isso eu ainda vou ver na prática (risos)". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Esta situação, de pensar em como será a presença de um namorado na casa delas, já foi apontada anteriormente. Elas já imaginaram e se prepararam para a experiência, porém, à medida que o tempo passa, vão-se acostumando a ficar sós e, então, as dúvidas sobre se realmente querem uma pessoa morando com elas aparecem. A possibilidade de não dividir nada com ninguém, poder ser egoísta, estabelecer idiossincrasias, tornam a futura relação até um problema, pois terão que abrir mão de suas conquistas, principalmente no que diz respeito ao espaço. A casa, para elas, é um referencial muito forte, quando pensam em ter um companheiro, morar com ele. Segundo seus depoimentos, a tolerância precisa ser exercitada, senão ficarão sozinhas, o que não é um desejo delas. Mas, quem sabe este não será um grupo de mulheres que experimentará a nova opção de casar em casas separadas? Esta não é uma opção descartada por elas; aliás, é até bastante citada como a solução encontrada para um convívio harmonioso com um futuro companheiro.

4.2.6 Avaliação (feita pelas entrevistadas)

As transformações que ocorrem na vida das mulheres entrevistadas são muito grandes e significativas. Como já foi dito anteriormente, as relações familiares, afetivas e amorosas mudaram bastante.

Elas acreditam que a experiência de morar sozinhas foi fundamental para o que são hoje. As falas seguintes explicam como avaliam a experiência de morar só e o que mudou:

Michele: "Não tem como não ser uma boa experiência. Você aprende muito, né? Você se vê de outra forma, você conta mais com você. Mas você sente que é uma coisa grande, que é grandioso, eu acho. Você saber que você é dona disso tudo aqui. Prá mim, é isso tudo. Engraçado, o espaço é uma coisa que não é física. Mas, prá mim é um mundo mesmo. Isso prá mim é uma coisa forte, é legal. Você se afirma, sei lá, se sente mais importante, se percebe mais. Um monte de coisas boas. Quando você tá vivendo a guinada, a mudança, você vai indo, então, parece que não sente, mas é muita mudança mesmo!". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Denise: "Eu fiquei muito mais calma, eu penso muito mais ... em cada coisa que eu faço. Mesmo quando eu tenho um gesto impulsivo, eu tendo a pensar. Eu acho que isso é uma combinação de morar sozinha e ter tempo de pensar nas coisas, ser a interlocutora de mim mesma e com a terapia e tal. Mas eu fiquei muito mais versátil, eu administro as coisas melhor, assim, administro o meu dinheiro melhor, senão eu dou calote nas pessoas. Eu fiquei menos perdulária, não chego a ser pão dura". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Patrícia: "Olha, a postura em relação às coisas. Eu me sinto mais segura. É bom você se dar conta de que você pode cuidar de você. É muito bom você se dar conta que você tá andando com suas próprias pernas. Você conseguir provar isso. Enquanto você tá na casa da sua mãe, você imagina: 'Acho que eu me viraria bem'. Não tem essa sensação". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

As mudanças apontadas pelas entrevistadas podem ser divididas em duas formas distintas: as internas (no jeito de ser) e as externas (de ordem prática, que alteraram a rotina e o estilo de vida de cada uma delas).

4.2.6.1 Mudanças externas

Quando perguntadas a respeito, elas apontam pequenas mudanças no cotidiano. Estar só, como já foi visto, também é um novo momento e para aprender a lidar com a solidão foram adquiridos novos hábitos.

Outra mudança bastante citada foi a do desajuste no orçamento, que alterou significativamente a dinâmica da vida delas. As entrevistadas contam que, para morarem sós, precisaram assumir muitas responsabilidades. A necessidade de pagar as contas e se sustentar colocou-as em um lugar diferente, em relação ao trabalho: não podem relaxar e ficar sem dinheiro no fim do mês; é necessário um empenho maior no trabalho.

Conforme suas falas, as mudanças que ocorreram foram:

Simone: “Pequenos hábitos, eu acho. Lá em casa tinha um centro de processamento de roupa lavada, né? (risos) Tinha duas empregadas e tal. (risos) E aqui eu não tenho isso. Então, eu não tinha o hábito de, por exemplo, usar uma roupa, colocar prá tomar ar e usar de novo. Eu comecei a criar esse hábito, falei: ‘Pera aí! Opa! Maria! Assim tá demais!’. Nada que eu diga prá você que me doa. São pequenas coisas que você vai adequando a novas realidades.

Teve também a mudança no bolso, né? Porque, quando eu tava morando em Guaratiba, eu já tava no financiamento dessa construtora, particular, né? E quando eu vim prá cá, na verdade, eu assumi duas dívidas de financiamento de casa. Então, quando eu vim prá cá, assim, houve um desajuste ferrado no meu orçamento”. (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Fernanda: “Agora, uma coisa super engraçada que aconteceu é que na casa da minha mãe eu quase não assistia televisão, achava um saco televisão. E eu tenho uma amiga, que um dia ela ligou prá cá e falou:

'Engraçado, toda vez que eu ligo praí a sua televisão tá ligada'. E eu percebi que eu usava a televisão um pouco como um pano de fundo. Prá dar uma ambiência. É um pouco o que eu sinto, quando eu saio da Internet. Eu tenho aquela sensação de como se estivesse numa festa, falado com uma centena de pessoas. Então, eu acabei arrumando formas de suprimir esse vazio, um silêncio. E aí eu comecei a ver que isso é uma coisa que eu trouxe da casa da minha mãe. A casa da minha mãe é uma zona. Tem dois cachorros que, quando toca a campainha, eles quase botam a casa abaixo, tem não sei quantas empregadas, tem gente o dia inteiro lá, é um falatório danado. Isso é uma coisa engraçada, então eu tenho sempre a televisão ligada. Às vezes, eu tô no computador, às vezes, eu tô arrumando alguma coisa. A maioria das vezes, eu nem tô prestando atenção. Quer dizer, continuo não assistindo". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Clarice: "Eu aprendi a conviver com uma porção de barulhos. Porque antes eu tomava muitos sustos. Aprendi a conviver com o barulho da rua. Aprendi a conviver com o barulho dos vizinhos ... nunca prestei atenção. A minha vida, de uma certa forma, eu apurei uma série de sentidos que antes eu não tinha". (35 ano, 1 ano morando só, guia de turismo)

As mudança externas apontadas pelas entrevistadas são, em geral, causadas pela alteração na rotina, que acabam por transformar as entrevistadas em seu jeito de ser. Estarem abertas a mudanças e a novos conhecimentos faz com que se tornem pessoas diferentes: na verdade, as mudanças externas e internas se relacionam e interferem diretamente uma na outra.

4.2.6.2 Mudanças internas

Morar só colocou-as diante de suas qualidades e de seus defeitos, fez com que enxergassem suas limitações e potencialidades. Elas precisaram aprender muitas coisas e, com isso, amadureceram bastante. O respeito é a grande mudança em suas vidas, segundo os depoimentos a seguir:

Clarice: "Ah, eu acho que há um respeito muito maior agora. Como pessoa e como profissional, como tudo! Eu agora me respeito muito mais. Eu sou dona do meu nariz". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Isabel: “Eu acho que eu precisava provar muito que eu tinha condições, que eu era capaz. E mais uma vez eu digo isso, isso se configurou um pouco no ir morar sozinha também, né? Então, eu acho que a gente amadurece mesmo, entendeu? A gente fica, sei lá, menos rigorosa. Não tá cem por cento, não. Eu tô aprendendo nos baixos assim, totais”. (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

As mudanças internas são as mais significativas e são apontadas por elas como um movimento que ainda está se desenvolvendo, mas que está acontecendo com a total consciência delas. Pequenas coisas, como estar mais atenta aos ruídos externos ou não suportar ficar em casa em silêncio, indicam que morar só abarca questões de ordem extremamente profundas, onde serão pessoas diferentes quando conseguirem viver estes momentos sem tantos conflitos, medos ou inseguranças. Afinal, conforme seus depoimentos, as mudanças que ocorrem em suas vidas não se resumem apenas em sair de uma casa com muita gente para outra, onde estão morando sozinhas.

4.2.6.3 A opção por morar só

Fazendo um balanço de suas vidas e da situação em que se encontram, as entrevistadas afirmam que morar só foi uma opção, mas que não é definitiva: todas pensam em se casar e ter filhos. Segundo as entrevistadas:

Isabel: “É uma opção, morar sozinha. Por mais que ... eu tenha umas quedas financeiras, eu vou fazer de tudo prá não dividir o apartamento. Eu acho que, hoje, eu só deixaria de morar só prá morar com um companheiro”. (31 anos, 2 anos, psicóloga)

Michele: “É uma opção, porque prá mim era inevitável, era uma situação insuportável. Quer dizer, não é questão de ser insuportável porque a gente brigava todos os dias, mas uma situação que não tinha mais a ver. E, especificamente no meu caso, é uma opção pelos pais que eu tenho, pela casa que eu vivia. Na casa dos meus pais é difícil respeitar a individualidade da outra pessoa. Prá mim também sobrava mais por eu ser

a menor. Então, eu nunca sou nem uma profissional, uma adulta, nem mulher. Sou a caçula. Era também a busca disso tudo. Isso também me irritava. Era uma coisa que não ia mudar e como a incomodada era eu ... Foi uma opção, sim, mas como se fosse um ... Eu não tinha outra escolha. Não podia ser diferente, vivendo naquele contexto". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Fernanda: "Eu até tenho o privilégio de dizer que foi uma opção mesmo. Eu não vim morar sozinha porque os meus pais mudaram prá Tocantins ou faleceram, sei lá o quê. Não. Eu tô morando sozinha porque eu tô a fim. Isso é difícil, né? Não é qualquer um que tem isso". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Independentemente do motivo que cada uma teve para decidir morar só, parece que elas estão convencidas de terem feito uma boa escolha. Todas reafirmam a sua opção, mesmo com as dificuldades enfrentadas. Nenhuma demonstrou o desejo de voltar para a casa dos pais - não há arrependimentos ou dúvidas.

4.2.6.3.1 A influência da experiência analítica nesta opção

Todas as entrevistadas fazem (ou já fizeram) análise em algum momento de suas vidas. Segundo seus depoimentos, estarem mais consigo mesmas, se conhecerem mais, estarem sós, entre outras coisas, pode ser bastante doloroso. A análise daria, então, suporte a esta vivência, ajudaria nos momentos de conflitos e de maiores dificuldades.

Elas descrevem de que forma a análise influenciou (ou ainda influencia) esta decisão de morarem sós:

Denise: "Eu sei porque eu queria ter a minha liberdade e tal, parará. Então, eu faria tudo de novo ... eu faço análise ... então, (risos) cê tá notando! Acho que organizou o pensamento, a necessidade de morar sozinha". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Simone: “Mas, depois de uma certa época na minha vida assim, a psicologia ajudou muito a me transformar. Fundamentalmente, como eles escolhem viver cada dia, começou a ficar bem diferente do que eu tenho escolhido. Acho que isso foi ficando mais difícil no sentido geral”. (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Isabel: “... ‘Voltar prá casa dos pais?’. ‘Não, não dá, voltar não’. A análise ajudou a me mostrar que eu tinha capacidade, mesmo sem emprego, a correr atrás”. (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

A análise parece, então, ter ajudado a organizar seus desejos, a fortalecer e dar segurança a suas atitudes. Com isso, as entrevistadas seguem em direção ao amadurecimento pessoal, conscientes das mudanças que acontecem em suas vidas: elas se estruturam e planejam o futuro.

4.2.7 Planos para o futuro

Dentre estes, os mais citados pelas entrevistadas são: casar, ter filhos, comprar um apartamento e crescer profissionalmente.

O momento de vida de cada uma interfere substancialmente na hora de planejar o futuro. Quer dizer, para quem está namorando firme, pensar em casar e ter filhos é algo mais próximo do que para quem não tem namorado. Neste último caso, os planos mais concretos para o futuro estão na ordem do trabalho.

4.2.7.1 Casamento e filhos

Morar só, como já foi dito, não é uma opção definitiva. Porém, casamento e filhos não são planos para agora, apesar de algumas entrevistadas se preocuparem com o fato de não terem casado ainda. Neste caso, a idade delas pode ser a responsável pelo desejo de casar e ter filhos. As entrevistadas que já namoram há

muito tempo declaram que, para elas, o namoro se aprofunda a cada dia como uma coisa natural e os planos de casamento tornam-se mais presentes.

De qualquer forma, o casamento não necessariamente será formal. Talvez se casem em casas separadas ou apenas se juntem ao companheiro. Para as entrevistadas, o importante é manter a independência financeira, mesmo depois de casadas. Assim, continuarão privilegiando a vida profissional. Para elas, é fundamental a manutenção de um espaço conquistado, já que ficaram mais individualistas depois que foram morar sós. Há, então, um questionamento em relação ao casamento, no que diz respeito ao convívio diário.

As entrevistadas contam sobre os seus planos de casamento:

Fernanda: "Olha, eu acho que foi uma opção desse momento agora que eu tô. Eu acho que daqui a algum tempo, eu vou querer ter uma família, sabe? Eu penso nisso. Não é ... Teve épocas, quando eu ainda morava com os meus pais, em que eu pensava em ser assim a vida inteira. Ser solteira e sem filhos a vida inteira. Acho que eu tô chegando a uma idade que já que tá pintando um desejo, assim, de ter uma família. Eu acho que é uma coisa que vai rolar a médio prazo". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Simone: "Acho que é uma circunstância. Eu adoraria estar altamente apaixonada por alguém, entendeu? E: 'Vamos morar juntos'. Mas, isso não está acontecendo. Então, morar sozinho é uma boa alternativa frente a isso. Mas eu não vou casar formalmente". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Patrícia: "... o meu namorado passa grande parte do tempo aqui. Ele vem prá cá de vez em quando, mas não é nada oficial. Funciona normal, a gente nunca parou prá ... foi uma coisa que aconteceu naturalmente e a gente nunca parou prá pensar. 'Bom, agora nós vamos casar'. Ou tomar alguma decisão, não! Ele vinha de vez em quando, depois passou a vir mais. Quer dizer, as pessoas vão percebendo que ele tá muito aqui. Mas, não é uma ... Estamos conversando ... Estamos numa fase de conversas (risos)". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Ter planos de casar, no entanto, é para quem já tem namorado: as que não têm, privilegiam a vida profissional, sendo difícil planejar no nível afetivo. Neste caso,

os planos em relação ao casamento ficam no nível da fantasia e do desejo. Ainda assim, para elas, morar só é uma opção de momento. As falas descritas abaixo explicam seus planos:

Sandra: “Olha, hoje em dia eu consigo fazer mais planos profissionais do que afetivos. Tipo, terminar o mestrado, fazer doutorado, se possível direto esse ano. Continuar no consultório, enfim. Eu acho que eu consigo ver mais o que eu quero ser quando eu tiver quarenta anos, assim, sabe? Quero continuar fazendo isso, quero já ter feito aquilo, mas ... na parte de trabalho. Eu quero morar com alguém, quero ter filho, quero ... Eu quero isso, também. Não há um planejamento, porque eu não tenho uma relação, assim. Mas eu acho que eu tenho sentido vontade de dividir mais a vida com alguém”. (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Clarice: “Agora, eu acho que hoje eu só abriria realmente espaço se eu gostasse muito de alguém e essa pessoa viesse morar comigo. Mas ... Eu estou numa fase muito egoísta ... Eu sinto muita falta de uma companhia masculina, *sinto mesmo*. Mas ... quando eu penso na questão prática, por exemplo: se ele vier morar aqui, eu vou ter que ter um lugar pra guardar a roupa dele. (risos) Ah, eu não tenho, não! Eu gostaria de ter alguém que viesse e até ficasse comigo, de repente, final de semana ou segunda-feira mesmo, sei lá, dependendo da minha disponibilidade de profissão”. (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Michele: “Está nos meus planos me apaixonar por alguém. Se esse alguém vai morar aqui ou em outra casa, não sei. Está nos meus planos ter alguém, um companheiro. Eu até fico pensando: ‘Como vai ser essa pessoa aqui? Na minha vida de hoje, quando eu já tenho dois anos de experiência de estar morando sozinha, quando muita coisa aconteceu na minha vida em termos profissionais também?’. Então, pra mim, isso é uma novidade. Eu não sei nem dizer exatamente se: ‘Ah, então você não tem um projeto de casar?’, ‘Tenho, mas, ...’. Acho que tanta coisa aconteceu na minha vida nesses dois anos, que também eu acho que me desconheço um pouco. Queria saber como é que ia ser eu, com essa casa, com essa cabeça que eu tô hoje...”. (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

Todas imaginam a possibilidade de ter que dividir esta casa que moram com seus companheiros. A maioria acha difícil conciliar um casamento ou filhos na casa que, para elas, é pequena e não comporta uma família ou mesmo só o companheiro.

A questão dos filhos está diretamente relacionada ao casamento. Como elas declararam, não há o desejo de ter filhos sem casar. As falas seguintes explicam a questão dos filhos para elas:

Isabel: "Sempre, até dentro dos relacionamentos, aquela coisa, que sempre ... foi a marca, o critério determinante das escolhas dos meus namorados, entendeu? Pessoas que me respeitassem como pessoa. O meu espaço ou da minha casa. Mas, sempre existiu essa coisa de ter um companheiro, sim, e filhos. O *PIM* dos filhos ainda não bateu, não. Mas, nunca deixou de ... ser uma possibilidade. (risos)". (31 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Clarice: "Mas eu não tenho estrutura ainda pra ter uma criança. E na minha cabeça não passa produção independente. Nesse aspecto, eu sou caretíssima. Se eu tiver um filho é porque eu tenho um parceiro e ele vai me ajudar, porque filho não é responsabilidade só minha, não". (35 anos, 1 ano morando só, guia de turismo)

Michele: "Eu quero ter filhos, mas desde que seja nesse contexto. Com uma pessoa que eu goste, que goste de mim, um companheiro ... Não é um projeto, assim, tenho outros projetos antes". (33 anos, 2 anos morando só, roteirista)

É interessante observar a ambivalência de valores que aparece nas falas das entrevistadas: poucas mulheres pensam em ter filhos como um desejo de fato, a maioria acha que estes serão consequência da relação, do casamento. O que parece acontecer, na verdade, é que muitas entrevistadas foram criadas para serem mães e esposas e, por mais que tentem não se preocupar, elas acabam se questionando por ainda não estarem casadas e com filhos. Será que elas fizeram mesmo a melhor opção? Abrem-se, assim, os caminhos para os conflitos se instalarem.

4.2.7.2 Uma vida estável

Dentre os planos para o futuro foram destacados, por todas as entrevistadas, os projetos de uma vida estável. Viver sem poder se programar, com dívidas, tendo que trabalhar também nos fins de semana e nos feriados, para cobrir todas as despesas, não é o ideal de vida que elas desejam. Todas as entrevistadas contrairam dívidas para montar a casa, comprar móveis e eletrodomésticos, mas acreditam que poderão relaxar quando acabarem de pagar tudo o que devem.

Segundo seus depoimentos, é difícil viver em apartamento alugado, porque isso gera muita instabilidade. Então, quem ainda não possui apartamento próprio, o que mais deseja é se tornar proprietária de um imóvel. Quem já comprou, deseja quitar as dívidas, para viver mais tranquilamente.

Elas contam, também, que esperam ter uma estabilidade profissional, que garanta pelo menos uma vida sem tantos sustos. Para isto, continuam investindo em suas carreiras e fazendo muitos planos profissionais.

De acordo com seus depoimentos, entre seus projetos para o futuro estão:

Luciana: “E eu gosto demais daqui e eu tô feliz porque é meu. Eu tô me esfalfando prá pagar os meus pais, pagar os móveis, pagar tudo, a decoração que eu quero fazer, mas vai ter uma hora que eu vou respirar. Eu não vou ter aluguel prá pagar. Vou ter menos despesa no orçamento no futuro, a médio prazo. Aí eu vou poder ter sonhos um pouco maiores. Meu sonho era comprar um, é ainda, comprar um apartamento ali na General Glicério, porque tem apartamentos imensos. Mas, assim, meu sonho é prá quando eu tiver uma família, porque essa casa não comporta uma família, eu acho. Eu acho que a gente vive num país em que as coisas oscilam muito. E isso gera uma instabilidade na tua vida também. Uma coisa terrível, viver de acordo com a situação econômica do mercado”. (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Rosa: “... a minha ambição é ser proprietária. Compraria esse aqui ou até um menor, prá não depender mais de aluguel. Isso é o melhor, sabe, ser proprietário, porque eu acho que inquilino não pode planejar a vida. O

contrato desse vence no ano que vem e eu vou lá saber se o preço não vai lá pro espaço?”. (28 anos, 1 ano morando só, professora)

Há quem não consiga pensar em termos de futuro por ainda estar vivendo esta mudança de forma intensa. O depoimento de uma entrevistada explica esta questão:

Patrícia: “Eu acho que o grande passo foi dado, né? Eu posso casar, ter filho, mas eu acho que a coisa de sair de casa já foi, é o grande passo. Não é mais sair de casa como antigamente, que só se saía de casa casada. E, assim, eu decepcionei meus pais por causa disso. Era um sonho deles. A minha mãe queria que eu já tivesse casado há trezentos anos, entendeu? E não é mais assim. É bom sair antes. Acho que é muito melhor do que você sair casada. As decepções podem ser muito menores, você aprende e é aquela coisa de você aprender a conviver com você mesmo, antes de qualquer coisa. Então, essa coisa de plano pro futuro tem vários, quero casar, quero ter filho, quero mudar prá um apartamento maior, quero fazer um monte de coisa. Mas, acho que aí, o passo é menor. É só uma diferença de tamanho ou de sei lá”. (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Pode-se perceber, pelas declarações das entrevistadas, que os planos em relação à vida profissional ou para alcançar uma estabilidade são mais concretos e acessíveis para elas: neste sentido, há um planejamento em direção à realização dos mesmos. O fato de ter iniciado uma vida independente, autônoma, talvez seja o motivo principal para que, neste momento, elas só consigam pensar em termos individuais, mesmo que dentre estes planos estejam casar e ter filhos mais adiante. É como se elas se esforçassem para conquistar uma estrutura, uma vida estável que garanta depois fazer o que desejar, sem depender de ninguém. Elas desejam realizar seus projetos por seus próprios méritos.

Pode-se, então, dizer que estas mulheres estão, entre outras coisas, em busca de uma nova forma de relação com a sociedade e com elas mesmas. E a relação amorosa não será mais uma, onde o homem oferecerá uma situação estável para a mulher. O contrário também poderá acontecer e, no mínimo, será uma relação de iguais, de adultos.

4.2.8 Histórias

As histórias de quem mora só são muitas e, entre elas, foram relacionadas algumas que se destacaram por explicitarem as questões mais importantes vividas pelas entrevistadas. Geralmente são engraçadas, relacionadas a bichos estranhos que criam, como lagartixa e pombos, para fazer companhia. Algumas entrevistadas citam problemas práticos como: bichos que aparecem (em especial baratas e morcegos) e são um transtorno na vida delas, ou de momentos que precisam lidar com empregados abusados. Algumas histórias estão ligadas à inexperiência delas, quando, por exemplo, quase colocam fogo na casa ou esquecem o filtro aberto, inundando tudo. Mas a maioria das situações estão, de alguma forma, associadas a uma situação de medo. A seguir, algumas das histórias contadas pelas entrevistadas:

Simone: "Uma vez, lá em Guaratiba, eu fiquei doente. Eu comecei a passar mal, vomitava, tinha diarreia. Acho que eu comi alguma coisa estragada. Sozinha, longe de tudo e de todos. E eu comecei a ficar muito mal. Aí, eu pensei assim: 'Bom, agora que eu tô médio mal, eu saio ou fico aqui?'. Ali eu tive muita clareza de como a gente tem que decidir tudo e a todo minuto. A cada momento, a vida tá te dando essas oportunidades prá você exercitar esse 'sendo' ... Aí, eu fiquei com medo, muito medo! Já entrou bicho voando, mas nada me deu tanto medo, quanto essa história de ter ficado muito mal. Sentindo que eu não teria forças prá eu me socorrer. Que eu tava caminhando prá esse estágio. 'O quê que eu faço enquanto eu ainda consigo andar? (risos) Saio andando daqui até a casa do vizinho mais próximo, a oitocentos metros, ou não?'. Eu fiquei em casa. Eu pensei: 'Eu consigo cuidar. Acredito que eu consigo cuidar de mim'. Aí, fui prá debaixo das cobertas, tomei chá ... Comecei a me cuidar. Fiquei dois dias de cama. Mas, fiquei legal". (28 anos, 2 anos morando só, psicóloga)

Patrícia: "Tem esse mato aqui, que é uma escada que vai dar na rua Alice. E foi no verão, um calor desgraçado, esse apartamento é super quente. Eu tava aqui e comecei a escutar uns estalos e aí o sol começou a queimar o mato e começou a pegar fogo. Mas era fogo grande e o fogo veio descendo aqui. E eu tava sozinha em casa e não sabia, falei: 'Bom, será que eu chamo o bombeiro?'. É aquela coisa de você tá sozinha e não saber o que fazer, né? Eu pensei: 'Vou fechar a janela. Será que o vidro vai estourar?'. Porque era muito fogo e veio descendo ... E eu só tava olhando o fogo descer e completamente ... 'Quê que eu faço?'. Eu cheguei a ligar prá casa da minha mãe, não atendia. Graça a Deus que o fogo passou e

apagou aqui em baixo e não aconteceu nada. Eu tava preocupada de pegar aqui, entrar uma labareda pela janela, né? Mas era uma coisa assim, numa situação dessas, se eu tivesse na casa da minha mãe, iam ter quinhentas mil pessoas ... (risos) Logo depois, um vizinho veio tocar aqui: 'Já passou pela minha janela. Já passou pela sua?'. Se eu morresse, se pegasse fogo aqui na minha casa eu vou tá, entendeu? Não vou poder gritar prá ninguém". (28 anos, 1 ano morando só, jornalista)

Sandra: "Assim que eu mudei prá cá, tinha rolado um papo de que tinham uns moleques que entraram por essa janela. Roubaram um vídeo. Aí, eu botei a grade antes de me mudar. Aí, tipo uma semana que eu tava morando nesse apartamento, bate de noite uma pessoa na porta. A pessoa tocou e eu falei: 'Quem é? Quem é?'. Ninguém respondeu. Aí, continuou tocando e quando eu abri a janelinha tinha um cara aqui. Falei: 'O que é?'. Aí, o cara era gago e fanho, assim. Totalmente incompreensível o que ele tava falando, mas, parecia tão ... Na verdade, é ... sei lá ... Aí, eu abri a porta e era o porteiro do prédio do lado (risos), gago e fanho que tava oferecendo os seus serviços, prá lavar o meu carro e tal. Mas, foi um medo ferrado, assim, foi um susto!. Eu só abri a porta porque achei que o cara não apresentava um perigo. Eu acho que eu já tinha visto ele também, né? (...) E tem muitos dias assim, que sei lá. Em casa, às vezes, dá uma paranóia de que tá ouvindo um barulho, aí eu fecho tudo. (risos) Mas assim, poucas vezes isso aconteceu. Na verdade, esse apartamento é totalmente seguro". (30 anos, 6 anos morando só, psicóloga)

Outras histórias foram lembradas, por estarem associadas ao desejo de morar só e à forma como as entrevistadas lidaram com isso nos primeiros momentos.

Elas contam alguns casos sobre como resolvem problemas de solidão ou de situações inusitadas, que nunca imaginaram ocorrer, onde a criatividade e o humor estão sempre presentes.

Abaixo seguem outras histórias interessantes, que podem dar um vislumbre do que é morar só, do que pode acontecer de inesperado e das soluções encontradas por elas para lidar com estas situações:

Denise: "Uma coisa que eu acho legal é que, logo que eu mudei, eu me senti realmente sozinha. E, ao mesmo tempo, na casa da minha mãe, eu nunca pude ter bicho ... logo que eu mudei, eu peguei uma gatinha, a Chica. Que quando eu mudei prá cá eu tive que tirar e, realmente, assim, foi a dor de um parto. A Chica, eu associo muito a Chica à minha independência. Ter um gato, cuidar do gato e saber que aquele gato só viveria ... Eu teria que fazer tudo e eu fazia. E quando eu mudei prá cá, aqui não tem área de serviço, então, por bem da Chica mesmo, aqui é bem

menor. O outro apartamento, a área era aberta, então, ela andava em cima do parapeito, via as casinhas, então, era uma gatinha assim, meio em casa. Quando ela veio prá cá, ela ficava o dia inteiro dormindo. E eu tinha que botar a caixinha de areia no escritório. Era um horror, aí eu dei prá uma moça e tal. Foi uma parte ... Foi um símbolo e além disso era uma gata que todo mundo amava. Aquela gata cachorra, que esperava atrás da porta, eu chegava e ela tava toda feliz". (25 anos, 2 anos morando só, jornalista)

Fernanda: "Teve um dia que eu não tava namorando ainda e marquei de sair com um cara e falei: 'A gente se fala mais tarde'. E ligou um outro cara que eu tava mais a fim de sair com esse e ele falou: 'Pô, vamos sair?'. E eu falei: 'Beleza, então, passa lá em casa às tantas horas'. E o primeiro cara, como eu disse: 'Então tá, tá bom'. Passou aqui também. Só que ele passou e quando tocou o interfone eu, pô, mandei subir, né? O quê eu vou dizer? Bom, eu sabia que o segundo tava chegando a qualquer momento e eu queria despachar esse primeiro logo. Aí eu falei: 'Pô, você não vai acreditar! Minha mãe tá doente e eu preciso ir lá cuidar dela. Vou lá dormir com ela. Eu não vou poder sair parará, parará'. 'Ah, então tá, será que você pode me emprestar aquele CD?'. E eu falei: 'Posso'. Aí ele entrou aqui prá pegar o CD e tocou o interfone. Era o outro. Aí eu: 'Meu Deus do Céu'. Aí: 'É fulano', 'Ah, tá, pode subir'. O que eu ia dizer? (risos) Aí eles se encontraram no elevador. Pegou super mal prá mim. O que chegou primeiro sacou e falou assim: 'Pô, você marcou com dois caras ao mesmo tempo?'. E eu neguei: 'Não, você acha que eu ia fazer uma coisa dessas? Claro que não. Vou ter que despachar também'. (risos)". (26 anos, 1 ano e meio morando só, psicóloga)

Luciana: "(risos) Na primeira semana que eu morei aqui, eu comia iogurte de garfo. (risos) Tem umas coisas assim, como tá sendo tudo aos poucos, já aconteceu assim, tem uma massa que eu faço, às vezes, ao alho e óleo, com ervas finas. E eu gosto de botar atum. Aí, eu tava fazendo isso, super feliz aqui em casa, um dia, à noite. Eu acho que era no fim de semana à noite. Aí, eu descobri que não tinha abridor de lata. (risos) Eu fiquei arrasada e falei: 'Eu vou comer isso de qualquer maneira, de qualquer maneira!'. Eu conheço o vizinho de baixo, que é super legal. Eu não sabia se ele tava em casa e já era tarde e pensei: bom, não vou pedir abridor de lata prá ninguém agora. E abri a lata com uma tesoura. 'Eu vou abrir, não há hipótese de eu não comer isso agora!'. E aí, eu acho que eu estraguei um pouco a tesoura, machuquei um pouco a mão, mas abri a lata". (31 anos, 1 ano e meio morando só, jornalista)

Essas histórias foram selecionadas por mostrarem, a partir das declarações das entrevistadas, situações de conflitos que demandavam solução rápida. A forma encontrada por cada uma para solucionar (ou não) os problemas mostra que a criatividade, o humor e o aprendizado que tiveram neste tempo morando sós são

fundamentais para elas, que parecem felizes por estarem exercitando a autonomia e a independência.

5 Considerações finais

Como regra geral, o que pude perceber é que, ao final da entrevista, todas me agradeceram pelo fato de poderem repensar suas opções. Além de estarem expondo suas vivências, elas puderam também avaliar determinadas situações sob um ponto de vista diferente, fazendo ligações com as vivências familiares e sociais.

Todas mostraram-se bastante interessadas em saber qual era o objetivo da pesquisa e quando seria a defesa da dissertação, pois gostariam de estar presentes. Tal interesse levou, em alguns casos, a entrevistada a voltar a falar sobre o tema da pesquisa, contando coisas que não foram reveladas durante a gravação da entrevista. Porém, nada do que foi dito pareceu novidade ou algo relevante, que alterasse o resultado da pesquisa, caso não fosse incluído na mesma.

6 Conclusão

Desde a década de 60, com a industrialização e a urbanização acelerada das grandes cidades do Brasil, a família vem passando por um processo de modernização. O desenvolvimento do ideal individualista, o afrouxamento da repressão sexual, a psicologização da sociedade, entre outros acontecimentos, também proporcionaram intensas mudanças. Com isso, foram formados novos arranjos familiares e diversidades de laços de parentesco como: a família recombinação, famílias monoparentais (filhos morando com apenas um dos pais), indivíduos morando junto sem qualquer vínculo de parentesco e indivíduos morando sós.

Segundo Figueira (1986), a modernização da família foi um movimento impulsionado pelo processo de individualização, uma vez que possibilitou o desenvolvimento do “eu” e permitiu que os filhos tivessem liberdade para agir de acordo com os próprios desejos; instalou-se o princípio do individualismo, que cultiva a autonomia, a liberdade e a independência. Desta forma, abriu-se um espaço para o surgimento de novos comportamentos, entre os quais estão: casais que moram em casas separadas, solteiros que moram com amigos e os que moram sós.

Será a decisão de morar só uma continuidade do percurso em direção ao individualismo iniciado na família ou é uma ruptura com a mesma para que se possa iniciar este percurso? As próprias entrevistadas dão estas respostas. Algumas mulheres viveram em suas famílias a individualidade; outras, saíram de casa impulsionadas pelo desejo de se individualizar, pois em suas famílias isto não era possível. Desta forma, o percurso do individualismo pode ter-se iniciado na família ou não, mas, uma vez que elas foram morar sós, o individualismo passou a ser peça-

chave na vida delas. Assim, parece possível concluir que a opção de morar só é um desdobramento da necessidade de preservação da individualidade.

Conforme foi explicado por Velho (1981), o indivíduo que sai da casa dos pais para morar só marca a sua singularidade, faz uma “opção individualizadora” dentro das possibilidades oferecidas pelo seu grupo social e familiar.

Segundo os depoimentos das mulheres entrevistadas, o desejo de morar só surgiu em função da dinâmica familiar e da história de vida de cada uma. Morar só, para elas, oferece a oportunidade de estabelecer um estilo de vida compatível com o jeito de “ser” de cada uma, de acordo com a condição de adultas, profissionais e independentes.

Outras questões também contribuíram para a emergência desse desejo. Muitas entrevistadas, antes disso, moraram fora do Rio de Janeiro ou mesmo fora do Brasil, e conhecer culturas diferentes foi fundamental para mostrar que existem outras possibilidades, além do casamento e de morar com os pais. Estas experiências permitiram um amadurecimento e preparou-as para morar só.

Conforme seus depoimentos, o fato de privilegiarem a vida profissional criou novas demandas para suas vidas e investir na profissão proporcionou o caminho rumo à independência financeira. Desta forma, ficar morando com os pais sendo maior de idade e financeiramente independente, não fazia sentido.

De acordo com o que foi anunciado nos capítulos iniciais, a crescente inserção feminina no mercado de trabalho e o aprofundamento nos estudos, levaram à emancipação da mulher, que passou a ter outras aspirações além do casamento. Morar só pode ser considerada, então, uma alternativa ao relacionamento familiar, frente ao desejo de não casar ou não estar casado.

A questão da independência parece ter sido fundamental para elas na decisão de morar só. Porém, apesar do desejo de viver esta independência, sair da casa dos pais não foi um movimento tranqüilo. Para realizar a mudança precisaram, primeiro, amadurecer a idéia, principalmente porque não tinham estrutura financeira e emocional. Assim, elas criaram oportunidades para sair de casa, anunciaram a decisão aos pais e começaram a procurar uma forma possível de viabilizar o projeto.

A maioria dos pais reagiu muito mal, diante da notícia de que as filhas estavam saindo de casa. Desta forma, houve a necessidade de conversas e negociações para que eles compreendessem esta atitude e seus motivos. Pode-se verificar que na sociedade brasileira o comportamento tradicional ainda prevalece, quer dizer, o casamento é a norma para as mulheres adultas. Neste caso, torna-se difícil para os pais das entrevistadas entenderem este novo comportamento.

As argumentações com a família serviram, então, para que o afastamento fosse menos abrupto. Assim, apesar dos conflitos instalados por esta decisão, algumas entrevistadas puderam contar com o apoio dos pais. Houve casos, inclusive, em que eles foram os principais responsáveis pela saída de casa, já que se dispuseram a ajudar financeiramente a filha.

O suporte oferecido pelos pais permite que elas mantenham o equilíbrio no orçamento doméstico e vivam mais confortavelmente. Afinal, estão aprendendo a administrar a casa, os gastos e ainda não alcançaram uma estabilidade financeira.

Como foi visto no terceiro capítulo, a independência faz parte do processo de desenvolvimento de ser humano, que passa da condição de total dependência para, aos poucos, ir conquistando independência. Apesar de que, no Brasil, a dinâmica familiar prolonga a dependência dos filhos, estas mulheres entrevistadas conseguiram uma independência que garantiu a saída da casa dos pais.

Mas que tipo de independência é esta? Segundo os depoimentos dados pelas entrevistadas, a maioria não depende mais financeiramente dos pais para viver. Porém, eventualmente, precisam de uma ajuda para cobrir as despesas extras, já que se endividaram para montar a casa, ou até para comprar a casa em que moram. Nem todas as entrevistadas, no entanto, contam com o apoio da família e, em alguns casos, elas ainda dão um auxílio financeiro aos pais.

Para todas as entrevistadas, a ligação familiar é essencial e, para algumas, o vínculo com a família ainda hoje é muito forte. Morar só, na realidade, é uma situação nova e tanto as entrevistadas quanto os seus pais estão aprendendo a lidar com ela. Muitas vezes eles não sabem como agir diante da independência das filhas. Assim, algumas entrevistadas consideram necessário um afastamento. São rompimentos em relação aos valores, idéias e estilos de vida, que eram diferentes dos delas e geravam conflitos familiares.

Apesar do processo de independência familiar ser lento, elas seguem em direção a ele. Um indicativo da transformação do vínculo com os pais é a mudança na relação. Para todas as entrevistadas, a relação familiar deixou de ser de dependência para ser de amor, amizade e companheirismo.

A dependência e a independência aparecem como sendo duas das principais questões que permeiam a vida de quem mora só. Acredito que elas se alternam de acordo com a situação que se coloca. Por exemplo: ao surgir um problema de ordem prática, como encanamento quebrado, a solução encontrada pode ser procurar um bombeiro ou pedir ao pai que resolva o problema. Outra situação: ao contratar os serviços de uma diarista, tomar a decisão sozinha ou esperar pela palavra final da mãe como garantia de que será feita uma boa escolha.

Em alguns momentos há necessidade de recorrer à ajuda dos familiares para a resolução dos problemas e, em outros, esta pode ser vista como uma interferência. Atingir um equilíbrio entre as duas condições é difícil e, em geral, causa muitos conflitos.

Para a maioria das entrevistadas, a independência foi uma conquista gerada pela necessidade de serem donas de suas vidas e esta é alcançada à medida em que precisam tomar decisões, administrar a casa, etc. Tudo passa a depender delas que, com isso, vão-se fortalecendo e ganhando segurança.

Mas administrar uma casa não é fácil. Precisaram aprender muitas coisas, principalmente no que se refere aos cuidados com a alimentação. A maioria delas não gosta de cozinhar, especialmente se for só para elas. Por este motivo, contam com o auxílio de uma infra-estrutura composta pela família, a faxineira, os porteiros e muitos eletrodomésticos, para se organizarem e cuidarem da casa. Parece haver uma ligação entre estar bem (se cuidando) e a alimentação: quando não estão bem, se desorganizam e se alimentam mal. Nestes momentos, ter uma casa bonita e confortável ajuda: montá-la acaba dando estrutura para morar só.

A falta de recursos financeiros para arrumar a casa levou-as a serem práticas, criativas e conseguir, enfim, deixar a casa com o jeito de cada uma. Muitas vezes, elas mesmas providenciam consertos, pinturas, etc. E com isso, aos poucos, vão transformando a casa que, apesar de ainda hoje não estar pronta, já está bem equipada. A casa vazia, sem móveis, televisão, som ou telefone concretiza a solidão e a insegurança que sentiram inicialmente.

As dificuldades que precisam enfrentar para morarem sós, o reduzido tempo para o lazer, o excesso de responsabilidades, entre outras coisas, são condições e situações que também remetem à solidão. Desta forma, é preciso um aprendizado

para que a solidão negativa se transforme em solidão positiva. E assim como a independência faz parte do processo de amadurecimento do ser humano, viver a solidão positiva também depende deste processo.

Segundo Donald Winnicott (1983) e Chaim Samuel Katz (1996), existe a solidão positiva, que é inerente ao ser humano. Winnicott ainda acrescenta que a solidão depende da capacidade do homem para estar só, sendo por ele considerado como um fenômeno que requer um alto grau de elaboração do ser humano e indica um amadurecimento do desenvolvimento emocional.

Algumas mulheres entrevistadas já aprenderam a lidar com a solidão e, para elas, este não é mais um problema. Elas caminham em direção ao crescimento pessoal, tornam-se fortes e seguras para cuidarem de si e das dificuldades que se apresentam no dia-a-dia. Parece que a autonomia dá o suporte necessário à vivência da solidão positiva. Nestes momentos, ficar só é bastante prazeroso, propiciando um encontro do indivíduo consigo mesmo. Mas, nem sempre é possível lidar bem com a solidão e nem todas são capazes de vivê-la de forma positiva. Nos momentos de solidão negativa, a dor de estar só pode se tornar insuportável: as dúvidas e inseguranças aparecem, os medos surgem do nada e os conflitos se acirram.

Entre as hipóteses de conflito levantadas durante a pesquisa, a liberdade e a solidão, a autonomia e a dependência foram destacadas. A autonomia e a liberdade podem ser vantagens, mas, se forem focalizadas como desvantagens, geram conflitos e transformam-se em solidão. As despesas de uma casa podem ser vistas como um investimento ou como um gasto financeiro e, neste último caso, podem causar conflitos. À medida em que aprendem a administrar a casa, a se cuidar e a lidar com a solidão, as desvantagens se transformam e podem até deixar de gerar conflitos.

Como já foi visto, morar só está relacionado ao processo individualista, que é ambivalente e gera conflitos. Assim, estes estão presentes no cotidiano das mulheres que moram sós: a cada nova situação, elas precisam decidir o melhor caminho para suas vidas. São momentos onde os antigos valores são questionados, e postos de lado (ou não). Quando são trocados por novos valores, elas precisam ser determinadas, porque a sociedade não perdoa - cobra e critica o comportamento delas.

De acordo com o que foi explicado por Figueira (1986), os conflitos ocorrem porque o sujeito convive com conjuntos de valores diferentes e contraditórios. No momento em que muitas mudanças estão acontecendo torna-se difícil conciliar valores modernos e tradicionais. Ainda segundo Figueira (1991), as pessoas oscilam entre os diversos valores adquiridos e não encontram o suporte necessário em nenhum deles.

Para as entrevistadas, este é um momento em que muitas mudanças acontecem. São mudanças na rotina, geradas pelas responsabilidades que assumiram, pela liberdade e autonomia para conduzir suas vidas, que acabam por transformá-las em seu jeito de "ser". Elas estão-se transformando como pessoas. As amizades também mudaram, principalmente porque estão solteiras, numa fase onde a maioria dos amigos casou: precisam encontrar pessoas que, como elas, também estejam sozinhas.

Como foi descrito no terceiro capítulo, a cada dia cresce o número de pessoas solteiras e são muitos os motivos alegados. Entre estes estão: o prolongamento da adolescência, a opção por ser solteiro, o desencontro amoroso, o desejo de viver novas experiências, etc.

Estar solteira, então, não parece ser um problema no que diz respeito à formação de novas amizades, já que é significativo o número destas pessoas. Como o grupo social no qual elas estão inseridas reage diante de uma mulher solteira que mora só? Os amigos têm as mais diversas reações: em alguns momentos elas enfrentam a admiração e a curiosidade; em outros, a inveja e os preconceitos. Assim, parecem estar sendo criadas novas formas de convívio com a sociedade, com o trabalho, com os amigos, companheiros, com a família e, mais do que tudo, com elas mesmas.

De acordo com o que foi dito no segundo capítulo, dentre os vários segmentos sociais existentes na cidade do Rio de Janeiro, os moradores da Zona Sul, pertencentes à classe média, representados por grupos intelectualizados e psicanalisados se destacaram, a partir da década de 60, por estarem mais intensamente imbuídos da ideologia individualista e ficarem mais expostos ao processo de psychologização da sociedade. São os representantes do polo moderno da sociedade carioca, que adquire autonomia em relação à rede de parentesco e passa a ter como referência um grupo social mais específico. Novas formas de comportamento são assumidas e, especialmente para as mulheres, o “boom” da psicanálise teve intensa repercussão.

Como todas as entrevistadas fazem ou já fizeram análise, pode-se pensar se o percurso analítico contribuiu para a estruturação de uma vida direcionada aos novos ideais, com valores modernos. Segundo seus depoimentos, a análise dá o suporte necessário para morar só, o que, para elas, é um momento especial de vida, mas esta não é uma opção definitiva: todas as entrevistadas pensam em se casar e ter filhos. Na realidade, elas ainda estão vivendo esta experiência com muita intensidade e esta opção pode trazer problemas para as relações afetivas.

Ainda conforme os depoimentos das entrevistadas, em geral, os namorados freqüentam muito a casa e querem até morar com elas. Frente a esta situação, elas precisam decidir se querem casar ou continuar morando sós.

A sociedade cobra uma postura das mulheres em relação ao casamento e elas, então, se questionam (e são questionadas) por não terem casado. Inevitavelmente, surgem conflitos por estarem solteiras, quando pensam que já deveriam ter casado em função da idade. Outra vez, os valores tradicionais travam um combate com os valores modernos.

Mas, para elas, o que está em questão não é o casamento e sim os relacionamentos, já que sair da casa dos pais antes de casar foi apontado como uma importante vivência. Isso as prepararia para a vida; aprenderiam a viver sozinhas, antes de morarem com alguém.

Fica, neste momento, a pergunta: "Quais as implicações deste comportamento para os relacionamentos futuros?" Para elas, o importante em uma relação é o amor, o companheirismo e o respeito. São mulheres adultas, profissionais, donas de suas vidas e querem, por isso, ser respeitadas. As futuras relações passam a ser questionadas no que se refere ao convívio diário, que impede o exercício do individualismo. Elas conquistaram um espaço em suas vidas onde podem ser livres, onde podem ser elas mesmas e não desejam perder este espaço. Mas será que estes são desejos compatíveis com uma vida a dois?

Mais uma vez, aparece a ambivalência de valores. Elas estão vivendo a experiência de morarem sós, com ideais de vida modernos, mas a relação amorosa tem demandas e ideais tradicionais. Como elas vão conciliar estes dois ideais ainda não está claro. A saída, segundo elas, pode ser casar e morar em casas separadas - desta forma, não precisarão abrir mão do espaço conquistado.

A maioria das entrevistadas está sem namorado firme e isto é um indicativo do individualismo acentuado, do quadro de desencontro afetivo que se apresenta na sociedade e da dificuldade em encontrar um parceiro (já que estão muito exigentes na hora de escolher um companheiro, permitir que este freqüente a casa delas, etc.). Elas não sabem ao certo se estão disponíveis para as futuras relações. O fato de estarem experimentando toda a liberdade e desenvolvendo idiossincrasias, aumenta a chance de não querer compartilhar a casa com ninguém, já que acabam se acostumando a ficar sozinhas.

Para as entrevistadas que têm namorado, estas questões não aparecem e os planos para casamento são mais concretos. Resta, então, para as entrevistadas que não têm namorado, resolver estas questões.

Parece que se torna necessário passar por um novo aprendizado. Primeiro, elas precisam aprender a cuidar da própria vida, saber lidar com a solidão. O próximo passo é estabelecer uma relação amorosa compatível com o novo estilo de vida e, para isso, elas precisam abrir um espaço. Mas como fazer isso? A casa tornou-se um lugar de muita intimidade, um espaço que se caracterizou pela liberdade para “serem”. Abri-la a outras pessoas é se expor: todos os planos para o futuro incluem esta casa, até o casamento e os filhos.

O individualismo acentuado faz com que os projetos para o futuro, em relação ao trabalho e à vida profissional, sejam privilegiados em detrimento de planos para uma vida a dois. Entre esses projetos está o desejo de uma vida estável financeiramente e, por isso, estão investindo bastante em suas profissões. Outro plano em comum é o de se tornarem proprietárias de um apartamento: aí, sim, poderão viver tranquilamente.

Sobre a experiência de morar só, muitas histórias foram contadas. Nelas foi possível perceber a forma como os problemas e as situações de conflitos são solucionadas (ou não). Apesar de muitos medos e inseguranças, a criatividade e o bom humor estão sempre presentes, confirmando que estão satisfeitas e amadurecendo como pessoas e como mulheres.

Este é um grupo que representa uma pequena parcela da população do Rio de Janeiro e, para a maioria delas, “morar só” não é uma escolha fácil. Porém, mesmo diante de tantas dificuldades, as entrevistadas reafirmam sua opção. Não há dúvidas.

7 Referências Bibliográficas

- 1 - ALMEIDA, M. I. M. de (1986). A 'nova maternidade': uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família. Em: Figueira, S. (org.) Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1987.
- 2 - _____. (1996). Masculino/ feminino: tensão insolúvel. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- 3 - ARIÈS, P. (1973). História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- 4 - _____. (1981). A família e a cidade. Em: Velho, G. e Figueira, S.A.(orgs.). Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro, Campus, 1981.
- 5 - _____. (1987). História da vida privada. Vol. 5 - Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo, Editora Schwarcz Ltda, 1992.
- 6 - BERQUÓ, E. e CAZENAGHI, S. M. (1988). Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico de pessoas que moram sozinhas. Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Olinda, ABEP, 17-20 de outubro de 1988.
- 7 - CHAVES, J. C. (1993). "Ficar com" a individualização - um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ., 1993.
- 8 - COSTA, J. F. (1979). Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
- 9 - DAUPHIN, C. (1991). Mulheres sós. Em: DUBY, G. e PERROT, M. História das mulheres no Ocidente. Vol. 4: O século XIX. São Paulo, Edições Afrontamento Ltda., 1991.

- 10 - DIAS, M. V. (1995). Casamento e coabitação: imaginário e cotidiano. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ., 1995.
- 11 - FIGUEIRA, S. A. (1985). Modernização da família e desorientação. Uma das raízes do psicologismo no Brasil. Em: FIGUEIRA, S. A. (org.) Cultura da psicanálise. São Paulo, Editora Brasiliense S. A., 1985.
- 12 - ----- (1986). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em: FIGUEIRA, S. A. (org.) Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- 13 - ----- (1991). Nos bastidores da psicanálise. Sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.
- 14 - GIDDENS, A. (1992). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. São Paulo, Editora Unesp, 1992.
- 15 - JABLONSKI, B. (1988). A crise do casamento contemporâneo e a emancipação feminina: algumas considerações. Em: Negreiros, T. C. G. M. (org.). Emancipação da mulher - uma luta. Núcleo de estudos sobre a mulher. Rio de Janeiro, PUC, 1988.
- 16 - KATZ, C. S. (1996). O coração distante: ensaio sobre a solidão positiva. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1996.
- 17 - LASCH, C. (1991). Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- 18 - LEITÃO, C. F. (1996). O prolongamento da adolescência: impasses na separação subjetiva entre pais e filhos. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ., 1996.
- 19 - LO BIANCO, A. C. (1985). A psicologização do feto. Em: FIGUEIRA, S. A. (org.) Cultura da psicanálise. São Paulo, Editora Brasiliense S. A., 1985.

- 20 - MAGALHÃES, A. S. (1993). Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo. Dissertação de Mestrado. PUC-RIO, 1993.
- 21 - NASCENTES, A. (1976). Dicionário ilustrativo da língua portuguesa. Vol. II. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1976.
- 22 - NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1985). Mal-estar na família: descontinuidade e o conflito entre sistemas simbólicos. Em Figueira, S. (org.). Cultura da Psicanálise. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- 23 - _____. (1987). Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro, Campus, 1987.
- 24 - _____. (1989). Questões Metodológicas sobre a análise de discurso. Em: Psicologia: reflexão e crítica. Trabalho apresentado na 40^o. reunião anual da SBPC, Porto Alegre, vol. 4, n.1/ 2, p. 103 - 108, Julho, 1989.
- 25 - _____. (1994 a). A análise de discurso em questão. Em: Teoria e Pesquisa. Brasília, vol. 10, n. 2, 1994.
- 26 - _____. (1994 b). Conflito entre individualismo, amor romântico e casamento contratual nos ideais e práticas de vida a dois nas novas gerações - Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1994.
- 27 - NOLASCOS, S. A. (1988). A identidade masculina. Um estudo sobre o homem de classe média. Dissertação de Mestrado. PUC-R.J., 1988.
- 28 - _____. (1995). A desconstrução do masculino. RJ., Rocco, 1995.
- 29 - O'NEILL, N. & O'NEILL, G. (1973). Casamento Aberto: As Novas Relações Conjugais. Rio de Janeiro, Editora Arte Nova S. A, 1973.
- 30 - ROCHA-COUTINHO, M. L. (1992). Tecendo por trás dos panos. Algumas estratégias de controle da mulher sobre a família. Tese de Doutorado. PUC-R.J., 1992.

- 31 - RUSSO, J. A. (1993). Indivíduo e transcendência: algumas reflexões sobre as modernas "religiões do eu". Trabalho apresentado no seminário: "A religião e a questão do sujeito no Ocidente. Promovido pelo Centro João XXIII de Investigação e Ação Social. IBRADES. MIMEO, Paulo de Frontin, Setembro de 1993.
- 32 - SALEM, T. (1980). O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.
- 33 - ————. (1985). A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. Em: Figueira, S. (org.). Cultura da Psicanálise. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- 34 - ————. (1986). Família em camadas médias: uma perspectiva antropológica. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 21, 1986.
- 35 - SANTOS, T. C. dos (1982). A difusão da psicanálise na família: um estudo de seus efeitos sobre a mulher. Dissertação de mestrado, PUC-RJ., 1982.
- 36 - SEDDON, G. (1993). Mulheres à beira de um ataque de nervos. Em: Figueira, S. (org.). A palavra e o silêncio: construção do saber psicanalítico na Universidade. Rio de Janeiro, Editora Relume-Dumará, 1993.
- 37 - SIMMEL, G. (1902). A metrópole e a vida mental. Em Velho, G.(org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1979.
- 38 - ————. (1950). Individual and society in eighteenth and nineteenth century views of life: an example of philosophical sociology. In Simmel, G. The sociology of Georg Simmel. New York, The Free Press, 1964.
- 39 - SOUZA, L. M. e (1997). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol. 1. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

- 40 - STEIN, P. (1975). Singlehood: an alternative to marriage. Source: The family coordinator, october 1975, pp. 489-503. Copyright 1975 by National Council on family relations.
- 41 - VELHO, G. (1981). Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- 42 - —————. (1985). A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. Em: Figueira, S. (org.). Cultura da Psicanálise. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- 43 - WINNICOTT, D. (1958). A capacidade para estar só. Em: Winnicott, D. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1983.

7.1 Artigos de Revistas.

- 1 - ALVARENGA, T. e WEINBERG, M. (1996). Os prazeres da solidão. Como os solteiros driblam as dificuldades de morar sozinhos. Veja Rio - Editora Abril, ano 6, n. 44, pp. 8 - 13, Out./ Nov. de 1996.
- 2 - BERQUÓ, E. (1989 a). A família do século XXI. Ciência Hoje - São Paulo, vol. 10, n. 58, pp. 58 - 65, outubro de 1989.
- 3 - BERQUÓ, E. (1989 b). A família do século XXI. Revista Brasileira de estudos da população - São Paulo, vol. 6, n. 2, pp. 1 - 16, Jul./ Dez. de 1989.
- 4 - BRUSCHINI, C. (1989). Uma abordagem sociológica de família. Revista Brasileira de Estudos da População - São Paulo, vol. 6, n. 1, pp. 1 - 23, Jan./ Jun. de 1989.

- 5 - CASTRO, L. A. de (1991). Profissão. Mãos à obra! Um mercado (quase) sem preconceitos a espera. Corpo A Corpo - São Paulo, Editora Símbolo Ltda., ano IV, n. 28, pp. 28 - 29, Fev./ Mar. de 1991.
- 6 - KUZNESOF, E. A. (1989). A família na sociedade brasileira. Revista Brasileira de História - São Paulo, vol. 9, n. 17, pp. 37 - 63, Set. 88/ Fev. 89.
- 7 - OLIVEIRA, M. C. e BERQUÓ, E. (1990). A família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes. Ciências Sociais Hoje - São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, pp. 30 - 64, 1990.
- 8 - SALLES, V. (1994). Novos olhares sobre a família. Revista Brasileira de estudos da População - São Paulo, vol. II, n. 2., pp. 159 - 170, Jul./Dez. 1994.
- 9 - SERPA, D. (1998). Longe do altar. Entre 40 e 50, as mulheres namoram mais, mas continuam casando pouco. Veja - Editora Abril, edição 1545, ano 31, n. 18, pp. 66 - 67, 06/ 05/ 1998.
- 10 - TOUFEXIS, A. (1996). When de ring doesn't fit ... For many women, happiness isn't a prince and a wedding away. So they're just saying no to nuptials. Psychology Today, pp. 52/ 55/ 79/ 80, November/ December de 1996.
- 11 - Victória (1996). Maldita culpa! Rio de Janeiro, Editora Assisi, ano I, n. 8, pp. 32 - 37, Julho de 1996.

7.2 Artigos de Jornais:

- 1 - ALBUQUERQUE, P. (1996). Solteiras fazem revisão 'fin de siècle' de Freud. O Globo/ Caderno Ela, 14/ 12/ 1996.
- 2 - ALVES, C. (1996). A força do trabalho das mulheres. O Globo/ Caderno Economia, 15/ 09/ 1996.

- 3 - ARAÚJO, L. (1998). Comércio investe em semiprontos para não dar muito trabalho a quem mora só. O Globo/ Guia de Compras, 18/ 07/ 1998.
- 4 - DOTI, A. (1996). Espanha, um país de solteirões. O Globo/ O mundo, 15/ 12/ 1996.
- 5 - DUARTE, L. (1998a). 20 anos no ano 2.000. O Globo/ Jornal da Família, 15/ 03/ 1998.
- 6 - DUARTE, L. (1998b). As mulheres dominam a lógica da vida privada. O Globo/ Jornal da Família, 28/ 06/ 1998.
- 7 - HITE, S. (1996 a). Mulheres descobrem novas formas do amor. O Globo/ Jornal da Família, 28/ 07/ 1996.
- 8 - HITE, S. (1996 b). A masculinidade machuca os homens. O Globo/ Jornal da Família, 20/ 10/ 1996.
- 9 - JOBIM, N. F. (1998). Homem solteiro à solta é um perigo. Jornal do Brasil/ Caderno B, 29/ 03/ 1998.
- 10 - MARINHO, A. (1997). Pensão de avô. O Globo/ Jornal da Família, 06/ 07/ 1997.
- 11 - MARINHO, A. e CEZIMBRA, M. (1998). É hora do almoço. O Globo/ Jornal da Família, 12/ 04/ 1998.
- 12 - OLIVEIRA, F. (1998). Os filhos do desemprego. O Globo/ Caderno de Economia, 24/ 05/ 1998.
- 13 - OLIVEIRA, R. D. (1997). Diferença e igualdade. O Globo/ Caderno Opinião, 08/ 03/ 1997.
- 14 - RATTES, A. M. (1997). Sob o olhar da mulher. O Globo/ Caderno Opinião, 08/ 03/ 1997.
- 15 - ROCHA, C. (1998). Juizado abandona preconceito e permite que os solteiros se tornem pais adotivos. O Globo/ Caderno Rio, 14/ 06/ 1998.

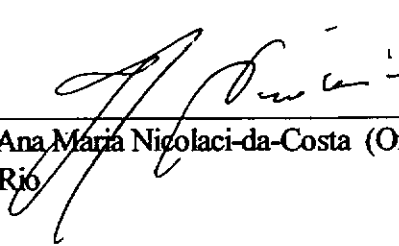
16 - SANT'ANNA, A. R. de (1996). Estátua aos namorados de outrora. O Globo/ Segundo Caderno, 11/ 06/ 1996.

8 Anexo

Nome ⁵	Idade	Tempo que mora só	Grau de escol.	Profissão	Bairro	Apt. pp./al.	Pais
Luciana	31	1 ano 1/2	3 grau	Jornalista	Laranjeiras	pp.	casados
Simone	28	2 anos	Pós-Grad.	Psicóloga	Andaraí	pp.	casados
Sandra	30	6 anos	Mestrado	Psicóloga	Jardim Botânico	pp.	casados
Rosa	28	1 ano	Pós-Grad.	Professora	Flamengo	al.	viúvo
Fernanda	26	1 ano 1/2	3 grau	Psicóloga	Botafogo	al.	casados
Denise	25	2 anos	3 grau	Jornalista	Flamengo	al.	viúva
Patrícia	28	1 ano	Mestrado	Jornalista	Cosme Velho	al.	casados
Clarice	35	1 ano	Pós-Grad.	Guia de Turismo	Usina	al.	casados
Isabel	31	2 anos	Pós-Grad.	Psicóloga	Flamengo	al.	casados
Michele	33	2 anos	Mestrado	Roteirista	Laranjeiras	al.	casados

5 - Todos os nomes utilizados nas transcrições são fictícios.

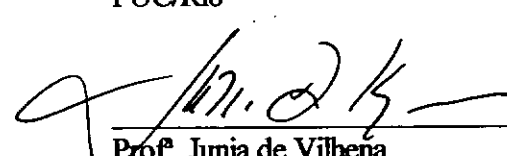
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Christine Machado Victorino intitulada "*Morar só*": uma nova opção de vida, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Ana Maria Nicolaci-da-Costa (Orientadora)
PUC-Rio

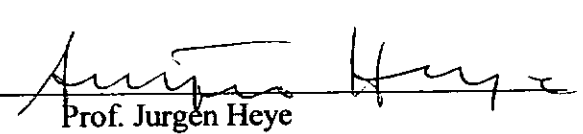


Prof. Denise Portinari
PUC/Rio



Prof. Junia de Vilhena
PUC- Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, .../.../1997



Prof. Jurgén Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas